FUNDADOR - JOAQUIM MANSO | SÁBADO, 31 DE OUTUBRO DE 1959 | ANO 39.º — NÚMERO 13 253

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 | REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO | PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA | EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A | RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA | ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2. | NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Garrett jornalista

Os meus poucos ou muitos leitores (mesmo poucos bastam-me) não ignoram a devoção que tenho pela obra de Garrett. Não vou tão longe como Alberto de Oliveira, que no seu livro «Palavras Loucas» propõe e defende, aliás em páginas fulgurantes, um «neogarrettismo integral, necessário, segundo ele, á nossa vida literária. Nem mesmo, talvez, ao culto garrettiano de Afonso Lopes Vieira, que nunca, mais ou menos, abandonou. Considero, porém, o autor das «Viagens na minha terra», não apenas o precursor, mas até o criador do movimento literário português de todo o nosso século XIX, movimento de que verificamos ainda hoje os benéficos efeitos, na prosa, na poesia, no drama, na tragédia, e, de uma maneira geral, na sensibilidade nacional. Génio omnimodo, que abriu, que desvendou caminhos novos ao pen-

JOÃO DE BARROS

(Continua na página seguinte)

Homens e passaros

Estes três pássaros, embora livres, acompanham o pintor de casas Arthur Byrne, através de Londres inteira. Nunca deixam o seu ombro. Milhares de londrinos habituaram-se já a vê-los, inseparáveis e pitorescos, como esta fotografia os mostra

Kruchtchev proferiu no Kremelin perante o Soviete Supremo e os elementos do corpo diplomático

um discurso sobre a situação mundial

MOSCOVO, 31. — O chefe do Governo russo proferiu ontem o seu primeiro discurso político, perante o Soviete Supremo, depois das suas recentes visitas a Washington e Pequim.

Perante 1 400 deputados, reunidos na antiga Sala do Trono, no Kremlin, onde se viam, também, os membros do Corpo Diplomático incluíndo o encarregado de negócios norte-americano, Edward Freers, bem como os representantes da Imprensa estrangeira.

O chefe do Governo declarou que ia fazer uma pequena pausa no tema do seu discurso, para se referir á recente «Semana dos Povos Escravizados», levada a efeito nos Estados Unidos, a fim de demonstrar que «há alguns povos que ainda mantêm uma atitude de hostilidade para com a União Soviética».

Prosseguindo, disse que, na parte relacionada com a situação internacional, o seu principal objectivo era salientar que «estão a aumentar o desejo pela paz e o entendimento», e, depois de declarar que alguns Ocidentais levantam duvidas, quanto ao facto de ele afirmar que a Russia deseja a «coexistência pacífica», disse:

«Mas, a coexistência pacífica é, nas actuais circunstancias, um facto real.

Referindo-se ás questões de ordem ideológica, «K» declarou que o Leste e o Ocidente devem reconhecer, mutuamente, «o direito de os respectivos países, soberanos e livres, escolherem o seu próprio meio de vida», acrescentando: «Nós continuaremos firmes como uma rocha, fiéis ao marxismo e ao leninismo».

Em seguida, disse:

«Os problemas com que o Mundo se defronta só poderão ser resolvidos por meio de negociações, e não pela força. Por esta razão, quanto mais cedo se efectuar a conferência no mais alto nível entre o Leste e o Ocidente, melhor será. Os Governos não devem tomar quaisquer iniciativas que agravem a situação, lançando obstáculos á convocação dessa conferência.

Progressos nas relações Leste-Oeste

Prosseguindo, disse que se viu um progresso no sentido da harmonia entre o Leste e o Ocidente, durante a conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos «Quatro Grandes», que se realizou em Genebra, no Verão passado, e que, «na generalidade, teve um resultado positivo, pois, embora não tivesse levado a qualquer decisão concreta, aclarou as atitudes de ambos os lados».

Acrescentou que a visita do primeiro-ministro britanico, Harold MacMillan, a Moscovo auxiliara a aclarar as relações anglo-soviéticas, e que as visitas de Anastácio Mikoyan e Frol Kozlov aos Estados

(Continua na ultima página)

O Chefe do Estado deslocou-se a Evora para assistir às comemorações do centenário da Universidade

ÉVORA, 31 *(Pelo telefone)*.—Chegou a esta cidade, ás 15 horas, em comboio especial, o Chefe do Estado, que vem presidir ás comemorações do IV centenário da Antiga Universidade de Évora.

O sr. almirante Américo Tomás, acompanhado de sua esposa, partiu de Lisboa ás 11 e 55. Aguardavam-no na estação de Santa Apolónia os ministros do Interior e da Educação Nacional, o nuncio apostólico, o arcebispo de Évora, o prof. Castro Fernandes, presidente da comissão executiva da União Nacional, comandante Henrique Tenreiro, vogal da mesma comissão, coronel Fernando de Oliveira, coman-

O Chefe do Estado, com as individualidades que o acompanham, embarca em Santa Apolónia

(Continua na 11.ª página)

Nota do dia

FLORÁLIA

Não se pode dizer que haja no nosso País o culto da flor. Apesar de dispormos de um clima favorável à floricultura, a verdade é que ela não se pratica entre nós com a intensidade, o gosto e a arte com que se pratica noutros países. Naturalmente, porque o público se retrai e não compensa os esforços dos floricultores, nem proporciona a justa compensação aos capitais investidos. É possível que os hábitos sociais se tenham modificado a tal ponto que já não se use com tanta frequência como antigamente, num passado que não está ainda muito distante de nós, o costume civilizado de enviar flores por ocasião de um casamento, de um aniversário, de uma chegada, de uma partida, de uma festa familiar ou de um luto pesado. E, no entanto, ainda há quem cultive flores em Portugal, com uma paciência e um carinho que surpreendem na época prosaica que atravessamos. E fazem-se exposições de flores, embora sem a extensão e o deslumbramento das floráliias que noutros países se realizam. O público, porém, desinteressa-se. Não as admira. Não as frequenta. Haja em vista o que está a acontecer com uma linda exposição promovida pelos serviços municipais que pode admirar-se no átrio e no andar nobre da Câmara, alargando-se ao próprio Largo do Município, em volta do pelourinho, onde uma decoração atraente de plantas ornamentais serve de moldura a um gracioso alegrete improvisado. Esta exposição, em que predominam os crisântemos, vermelhos, amarelos, brancos, cor-de-rosa, matizados, singelos ou frisados, testemunha o amor com que nos jardins municipais se cultiva ainda a flor, mau grado a incompreensão e a indiferença do munícipe, que tem mais em que pensar do que perder tempo a debruçar-se, já não diremos com devoção, mas pelo menos com simples curiosidade sobre a pétala aveludada de um gladíolo, o colorido vivo de uma dália ou a corola perfumada de uma rosa.

São terríveis as proporções da catástrofe no México

MÉXICO, 31 — Calcula-se que causou 2.000 mortos e 5.000 feridos o ciclone que, na passada terça-feira, devastou uma grande zona da costa ocidental do México, que abrange os Estados de Colima e Jalisco e a região meridional de Michoacan. As comunicações com a região atingida continuam muito difíceis, e a água potável começa a faltar. Do ponto de vista sanitário, a situação está a tornar-se cada vez mais perigosa.

Manititlan, povoação de 1.400 habitantes, a 50 quilómetros de Colima, está praticamente soterrada por uma colina que desabou de madrugada. Ali morreram mais de 800 pessoas. Helicópteros procuram recolher os sobreviventes e levá-los para os hospitais de Colima e Guadalajara.

Manzanillo, porto na costa do Oceano Pacífico, está meio destruido e as suas instalações ficarão inutilizáveis durante muito tempo. Ficaram destruidos ou sofreram danos graves, mais de metade dos seus edifícios. Nessa povoação morreram 400 pessoas e muitas outras desapareceram. Há corpos a boiar na baía, onde os grandes quebra-ondas estão em parte destruidos.

Três navios e três vedetas afundaram-se ou despedaçaram-se uns contra os outros. Em toda a região costeira, as povoações e as quintas estão isoladas, ignorando-se o que aconteceu aos habitantes. A tragédia de Minatitlan deu-

(Continua na ultima página)

Morreu ao tentar salvar um cão

LONDRES, 31.—Morreu esmagado sob o rodado de um comboio Thomas J. Manchester, de 57 anos, quando corria para salvar um cão que estava deitado sobre a linha.— (A. N. I.).

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Uso e abuso dos antibióticos

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

O problema da administração dos antibióticos mantém-se na ordem do dia, continuando a provocar discussões e a adquirir adeptos e inimigos, não falando dos que os temem ou daqueles que os empregam a torto e a direito, num verdadeiro delírio terapêutico. Não se deve ser pusilânime; obrigatório, porém, é ter sempre presente

(Continua na 13.ª página)

2.ª TIRAGEM

VISADO PELA CENSURA

Diario de Lisbôa
publica hoje
32
páginas
nas quais se inclui
TRÊS SUPLEMENTOS:
MAGAZINE
*
JUVENIL
*
DE UMA SEMANA PARA A OUTRA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

FRATERNA SOLIDARIEDADE

A Sociedade de São Vicente de Paulo, criada em Portugal pelo padre Sena Freitas, leva já um século de meritória e louvável actividade em prol do semelhante, socorrendo os necessitados, protegendo os fracos, acalentando os infelizes e desprotegidos, com admirável espírito de solidariedade e dignificação humanas, ampliando-se a sua acção fraterna ás terras portuguesas da África. Foi esse o significado das celebrações do centenário da humanitária instituição, que decorreram, ontem, na Sociedade de Geografia, sob a presidência do Chefe do Estado, do sr. cardeal-patriarca e outros prelados e individualidades marcantes, incluindo-se na cerimónia a entrega ao prof. Pierre Chouard, presidente do conselho geral da sociedade francesa similar, das insígnias de grande oficial da Ordem da Benemerência.

FEIXE DE NOTICIAS

CANTANDO espalharei por toda a parte... Assim, o Rancho Folclórico de Santa Marta de Portuzelo, com as suas danças e canções tão sugestivas do sentimento, do lirismo e da alma dos Portugueses, tem propagado em terras de Vera Cruz a fama de Portugal e com a revivescencia das nossas tradições acalenta as enternecidas nostalgias dos compatriotas e desperta nos irmãos brasileiros mais calorosa e sentida afeição pela pátria dos antepassados comuns.

✱ Foi inaugurada, festivamente, com a significativa presença de entidades oficiais, a Delegação de Turismo em Amarante, terra bonita e sedutora, celebrada nos cintilantes poemas de Teixeira de Pascoais e cujos encantos, com tudo aquilo que a Natureza lhe deu de formosura, só por si constituem um aliciante e maravilhoso cartaz de turismo.

✱ No sítio da Bernarda (Castro Marim), caiu a um poço e morreu afogado um pobre homem, Edmundo João Madeira, de 35 anos, solteiro, filho de João António Dias Madeira e de Mariana Vaz Derruba. O infeliz foi tomado de uma das suas perturbações mentais e o poço atraiu-o com a negridão do abismo profundo. Valerá a pena clamar, mais uma vez, contra a incuria e a lamentável indiferença que permite continuem a existir poços sem vedação, os quais constituem traiçoeiros redutos onde a morte espreita?

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem os srs. arcebispo de Mitilene, contra-almirante Joaquim de Sousa Uva e general Humberto Buceta Martins, em audiência, no Palácio de Belém, onde estiveram a inscrever-se no livro de cumprimentos os srs. prof. Augusto Abreu Lopes e D. José Manuel de Melo. ✱ O sr. presidente do Conselho trabalhou com os srs. ministros da Presidência e do Ultramar e recebeu o sr. comendador Crisóstomo Cruz. ✱ Reunido o Conselho Económico em São Bento, sob a presidência do sr. ministro da Presidência, despachou assuntos incluídos no programa anual do II Plano de Fomento e outras questões de ordem económica. ✱ Foi socorrido no Hospital de Chaves Manuel Joaquim Vaz de Medeiros, de 14 anos, filho de João Medeiros e de Julia Vaz, que foi atingido no olho direito pela carga da sua arma, quando, em Carrazedo de Montenegro, andava á caça com alguns amigos. ✱ Um ciclomotorista chocou com uma camioneta, no lugar de Capelos, perto da Chamusca, e chegou já morto ao hospital daquela vila. Chamava-se Joaquim Ferreira. Tinha 42 anos, era negociante de peles, casado e residente em Casais Martanos (Torres Vedras). ✱ No Estoril foi colhida por uma bicicleta. D. Maria de Jesus, de 83 anos, residente em Pau Gordo, que recolheu, muito contusa, ao Hospital de São José. ✱ Quando seguia pela auto-estrada, próximo de Linda-a-Pastora, um automóvel, conduzido por Paulo Manuel Pereira da Silva Ribeiro, de 19 anos, estudante, Avenida Elias Garcia, 144, 3.º, embateu numa árvore, ficando feridos o condutor e os passageiros, sr.ª D. Ermelinda Alves Baptista, de 23 anos, professora, Rua Pedro Nunes, 9, 1.º, e o estudante Alberto Manuel Faria da Silva Franco, de 24, Rua do Norte, 17, em Carnide, proprietário do veículo. O primeiro ficou internado no Hospital de S. José onde os outros foram tratados.

Não façam chorar os anjos!

Uma ave que nos deslumbra com a sua maravilhosa plumagem, de mágicos e cintilantes coloridos, que canta o hino glorioso de louvor ao milagre da Criação, que se eleva ás alturas, deixando luminoso sulco na imensidão azul, a despertar-nos a nostalgia do infinito, na triunfal ascensão para a liberdade plena, que tece o mais enternecedor poema de exaltação á maternidade, a ave que Deus criou para viver livre não deviam os homens matar ou sujeitar ao dilacerante cativeiro, fazendo chorar os anjos do Céu, como na comovedora balada do poeta enternecido. Porque se permite, então, a revoltante e criminosa caçada ás aves — por crianças, que se hão-de arrepender, mais tarde, e homens de coração empedernido —, aqui mesmo aos muros da cidade, nos seus verdejantes parques, onde elas vinham alegrar a nossa melancolia, com os seus treinados cristalinos, os seus graciosos voos, os seus doidejantes curvejos na turbação amorosa, quando a Primavera reanima a planta, faz desabrochar a flor e renova os sonhos e os anseios nas almas cativas da ilusão?

Projecta-se a criação duma Misericórdia no Seixal

ALMADA, 31 — O presidente da Camara Municipal do Seixal, sr. Bonaparte Figueira, está a estudar a viabilidade da criação de uma Misericórdia na sede do concelho. Na verdade, ainda que o Município resolva directamente muitos problemas de assistência, a criação da Misericórdia virá solucionar muitos outros que por agora ficam sem andamento por falta de organismo adequado.

Garrett jornalista

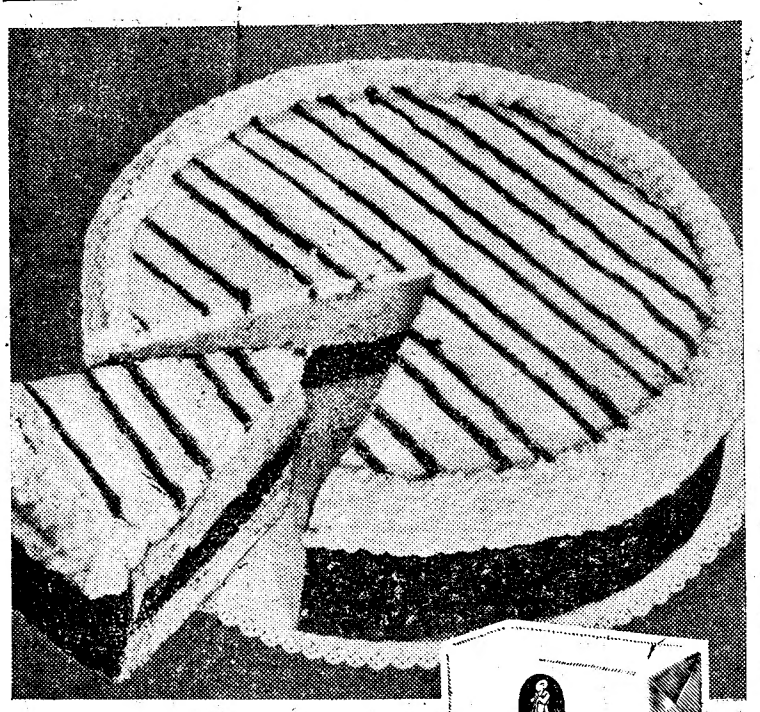
(Continuação da página anterior)

samento e á arte de escrever lusíadas, á inteligência e, enfim, á vida mental do País. Confesso, no entanto, que um dos aspectos notáveis da sua personalidade rara me escapou, não o compreendia inteiramente bem até agora: — de Garrett jornalista. A lacuna, que de facto o era, a conferência de Acurcio Pereira, no salão do Teatro Foz, integrada nas comemorações do centenário e recentemente publicada, veio suprimi-la, e de vez. E quem, verdade seja, melhor o faria de que um mestre do jornalismo contemporaneo, como é Acurcio Pereira, que traz na alma e no sangue o amor da sua nobre profissão, que tanto engrandeceu, e tanto tem honrado?

Conheci Acurcio Pereira quando ele era um jovem estreante, se não erro, no difícil, no complexo mister. Tinha dezoito anos, e eu um pouco mais de trinta. Ficámos logo amigos, por misteriosas afinidades de alma, por laços de estima, que jamais afrouxaram. Digo «misteriosas afinidades» quando, em suma, muito explicáveis foram desde o primeiro momento em que nos falámos — civismo forte, paixão da justiça, dedicação pelas ideias e aspirações elevadas que ensinam a erguer o coração e o espírito acima das mesquinhas competições e misérias quotidianas. Acurcio Pereira, mais do que eu sujeito a sofrer-lhes o contágio depressivo, mais do que eu forçado a suportá-las, desde muito novo as repeliu e as venceu, mercê de inteligência singularmente penetrante e ágil, e de um carácter de limpido, de puro quilate. Assim dia a dia se impôs ao publico, e á admiração e afecto dos seus companheiros de trabalho. Conquistou respeito, dominou adversidades, venceu obstáculos pelo prestigio hora a hora afirmado em atitudes e palavras claras e dignificantes.

É, precisamente, sobre as virtudes primaciais de Garrett, que o impeliam, a cada passo, a escrever palavras de cristalina claridade e a tomar atitudes de constante dignificação das suas actividades de jornalismo, que insiste, e muito bem, Acurcio Pereira. Acentua, falando-nos de Garrett, que este «se bateu por todas as liberdades do espírito», e que foi «um defensor sem hesitações da liberdade de Imprensa», «encontrando-se sempre, então, na primeira linha». E, precioso comentário, reconhecendo também sempre as suas «responsabilidades cívicas», nele existindo um «perfeito equilíbrio» entre umas e outras. Destarte, Acurcio Pereira traz-nos á presença o jornalista Garrett em toda a sua estatura intelectual e moral, consciente e probo, corajoso e tolerante, isento de mesquinhos propósitos e de baixas intenções. Superior sempre, destemido sempre, dominador sempre pelo desassombro e pelo límpido vigor da sua fé patriótica e do seu portuguesismo varonil. Não o estreito e falso portuguesismo de aqueles que se fecham ao entendimento do que se passa no Mundo, mas antes o abrange e procura e consegue manter alerta os seus convívios de universalismo nunca sufocado, nunca menos álerta, próprio do nosso verdadeiro, do nosso tradicional civismo. Nesta ressurreição da figura de Garrett jornalista — pois Acurcio Pereira a faz ressurgir a plena luz — aprendemos a glorificar melhor, e ao mesmo tempo, o estadista, o político, o lutador por seus ideais, o intérprete excepcional do seu, do nosso povo. Presta assim Acurcio Pereira inestimável serviço á memória do prodigioso escritor, do génio que presidiu á feliz transformação de um Portugal bolorento num Portugal apto á vitoriosa integração da nossa Pátria na marcha progressiva da civilização e das culturas europeias.

Lendo a referência de Acurcio Pereira, ganhei um conhecimento mais exacto e mais profundo da alma de Garrett, da essência da sua índole, do que nele era e é eterno, do que nele nos será sempre estímulo, incentivo, exemplo e lição do futuro. Agradeço a Acurcio Pereira a dádiva maravilhosamente oportuna que de tal sorte me oferece, e que oferece, de certo, a todos quantos o lerem também. — J. de B.



A MARGARINA
Vaqueiro
torna tudo mais apetitoso
59 - VA - R6
FÁBRICA IMPERIAL DE MARGARINA (FIMA), LDA. — SACAVÉM

B
O NOVO RESTAURANTE BAR. SALÃO DE CHÁ
BELCANTO
ESPERA A VISITA DE V. E.ª
LARGO DE S. CARLOS, 8
RESERVE A SUA MESA PELO TELEFONE 20607

Artistas contemporâneos no 2.º Salão de Arte Moderna

na Sociedade Nacional de Belas-Artes

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, esta tarde, inaugurou-se o 2.º Salão de Arte Moderna, iniciativa que está na linha de uma acção renovadora empreendida pela nova direcção da Casa dos Artistas. Acham-se presentes, além de dezenas de artistas, escritores, jornalistas e numeroso publico, os membros da direcção da S. N. A. B., como o pintor Frederico George, arqs. Peres Fernandes e Conceição Silva, os pintores Remualdo Silva, Machado da Luz, José Julio, Luís Dourdil e Silva Lino.

O certame reune seis dezenas de trabalhos de oleo, desenho, têmpera e gravura dos artistas Alice Jorge Bartolomeu Cid, Bertina Lopes, Celestino Alves, Espiga Pinto, Fernando Conduto, Francisco Relógio, Hansi Stael, Hilário, João Abel Manta, João Hogan, Jorge Martins, José Julio, Julio Pomar, Luis Jardim, Manuel Baptista, Manuel Gil Teixeira Lopes, Menez Ribeiro da Fonseca, Nikias Skapinakis, Nuno San Payo, Querubim Lapa, Rodrigo, Rogério Ribeiro, Sá Nogueira, Nuno Siqueira, Udo Kozle, Vespeira e Waldemar da Costa.

A ausência de escultura e cerâmica prejudica a exposição, cujas telas, apesar de alguns artistas estarem largamente representados, foram distribuidas com excessivos espaços entre si. A exposição tem, todavia, um grande interesse pelas obras que reune e pela mentalidade que indica e continua.

A COOPERATIVA do Espectador

elegeu os seus corpos gerentes

No Centro Espanhol, ontem, a noite, reuniu-se a primeira assembleia geral da Cooperativa do Espectador. Presidiu o arq. Keil do Amaral. Tendo-se procedido á eleição dos corpos gerentes da associação, foram votados por unanimidade, para a assembleia geral, arq. Victor Palla, Rogério Paulo e Rogerio Ribeiro; para a direcção, Dinorah de Carvalho, dr. João Sá da Costa, Manuel da Fonseca, Vasco Granja, eng. Frederico Kessler, Duarte Nuno Simões e José Ernesto de Sousa, sendo suplentes António Campos, João Guedes e dr.ª Gheinia Quartim; e para o conselho fiscal, Manuel Luís Batoreo, arq. José Borrego e José Estêvão Sasportes, sendo suplente Vasco Branco.

Após a eleição e encerrada a assembleia geral, projectaram-se quatro filmes, dois de Vasco Branco, um desenho animado colorido pintado na película como as obras do cineasta canadiano MacLoren, e um documentário sobre as salinas de Aveiro, ambos de muito interesse, e dois de António Campos, o primeiro a cinematização do conto de Loureiro Botas, «O Tesoureiro», o segundo a adaptação da narrativa de Miguel Torga, «O Senhor», de expressivas e vigorosas imagens, cheia de novidade e revelando um realizador, aliás, premiado no Festival Internacional de Carcassone.

Por fim, apresentou-se o «Teatro Dom Roberto», de João Dias, que deu o titulo ao filme que José Ernesto de Sousa está a preparar, o primeiro a realizar com fundos da Cooperativa do Espectador. Trata-se de um teatro divertido e cheio de frescura.

EM SAGRES

começou a construir-se a pousada de S. Vicente

SAGRES, 31 — Iniciaram-se nesta localidades os trabalhos para a construção da Pousada de S. Vicente de Sagres. Esta importante obra, que abrange uma área de 37.500 metros quadrados, dos quais 2.500 são ocupados com edifícios, está orçada em 5.440.000$00. É patrocinada pela Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais e está a cargo da Empresa de Construções Lourenço Simões e Reis, de Lisboa, devendo estar concluida no prazo de um ano.

A nova pousada será mais um centro de atracção para Portugueses e estrangeiros. Erguida na Ponta da Atalaia, terá excelentes vistas para o oceano, onde, e ás vezes, apenas a uma distancia de algumas dezenas de metros, passa uma vasta linha de navegação.

COMEÇA AMANHÃ

o peditório para a campanha anticancerosa

A exemplo dos anos anteriores a Liga Portuguesa Contra o Cancro vai promover uma vez mais a recolha de donativos para ajudar a desenvolver o combate á terrível doença.

Na sequência do programa da organização da luta contra o cancro, projecta-se intensificar a protecção aos cancerosos pobres, alargar as visitas domiciliárias e construir asilos apropriados para acolher e aliviar o sofrimento dos incuráveis.

O peditório continua na segunda e na terça-feira.

Os donativos poderão também ser enviados directamente, avisando-se a Liga pelo telefone 76341, extensão 242.

FOI PRESO um estudante

que matou um cisne

COIMBRA, 31. (Pelo telefone). — Foi preso pela P. S. P. e entregue á Judiciária o estudante Manuel dos Santos Mendes, natural de Loulé, que, numa das ultimas noites, matou com um instrumento cortante um dos cisnes dos lagos da Avenida Sá da Bandeira, de cumplicidade com outros individuos. Quando, porém, se preparava para levar a ave abatida, surgiu o guarda de giro, que o deteve, depois de ter dado um tiro para o ar. Os coniventes na proeza evadiram-se e a Polícia Judiciária procede a investigações.

COLÓQUIO

de professores de Filosofia

No Liceu de Pedro Nunes, nos dias 2, 3, 4 e 5 do próximo mês, realiza-se um colóquio dos professores de Filosofia dos liceus do País.

Os professores que assistam são dispensados do seu serviço docente. A primeira sessão efectua-se ás 15 e 30 de segunda-feira.

Para melhor consciência profissional

EIS OBRA NOVA, DIFERENTE E NECESSÁRIA

O texto em corpo 10 interessa aos estudantes das Escolas Comerciais e serve o programa oficial da disciplina TÉCNICA DE VENDAS dos Cursos Comerciais.

O texto em corpo 8 interessa aos técnicos de vendas, vendedores, pracistas caixeiros viajantes, publicitários e comercialistas.

Os Apêndices interessam aos industriais, comerciantes e profissionais gráficos.

TVP

TÉCNICA DE VENDAS E PUBLICIDADE

Por EDUARDO C. MAGALHÃES
F. CARVALHO COSTA
M. M. CALVET DE MAGALHÃES

SÚMULA DO LIVRO

Vida Psiquica. Funções Mentais. Aptidões. Selecção Profissional. Actividade Comercial. Mercados. Concorrência. Estabelecimentos de Venda. Venda. Técnicos de Vendas. Vendedor e Comprador. Tipos de Compradores. Predicados do Agente de Vendas. Serviços Auxiliares da Venda. Especialização e Organização das Casas de Venda. Correspondência Comercial. Referenciação. Aspecto gráfico e material. Publicidade e propaganda. Relações Publicas. Apresentação e Exposição de Mercadorias. Vitrinas. Cores. Publicidade na Imprensa, Rádio e Cinemas. Redacção da Publicidade. Publicidade pelo Objecto. Publicidade Directa. Publicidade na Via Publica e em Interiores. Campanhas de Publicidade. Verificação dos Resultados e Rendimento da Publicidade. Processos gráficos de Reprodução e Impressão. Revisão de Provas Tipográficas. Caracteres de Imprensa. Orçamentos de Artes Gráficas. Tabelas de Preços da Publicidade nos Jornais e Publicações Periódicas. Tabelas de Preços de Publicidade Radiofónica, Televisionada e Cinematográfica, afixação de Cartazes e em Veículos. Legislação e Impostos que interessam ás Vendas e á Publicidade. Registo de Marcas, Títulos e Propriedade Industrial. Formatos dos Papéis. Tabelas de Preços dos Papéis. Tabelas de Preços Médios de Vários Serviços Avulsos de Fomento de Vendas e Publicidade. População Portuguesa. Divisão Concelhia. Bibliografia.

OBRA, PROFUSAMENTE ILUSTRADA E DOCUMENTADA. FORMATO: 24×16 CMS. ENCADERNADA. 432 E 484 PÁGINAS. EDIÇÃO ESCOLAR: 60$00. EDIÇÃO PROFISSIONAL: 90$00. EDIÇÃO PARA BIBLIÓFILOS: 150$00.

RECORTAR E REMETER P. F.

AO EDITOR
MANUEL BARREIRA
LIVRARIA SIMÕES LOPES
R. do Almada, 119 — Porto

Queira remeter-me um exemplar do livro TVP. TÉCNICA DE VENDAS E PUBLICIDADE de .....$..... contra-reembolso.

Nome .....

Morada .....

Localidade .....

TVP. — Interessa a quem encara a vida profissional a sério

A VENDA NAS LIVRARIAS

Ciclismo desastroso

VISEU, 31. — Com a perna direita fracturada, por ter sido colhida pelo ciclista, sr. Aires Teixeira Garcia, da Quinta da Ramalhosa (Rio da Soba), recolheu ao hospital da Misericórdia desta cidade a sr.ª D. Maria da Glória, de 45 anos, casada, da Quinta do Visco.

A CIDADE

Pela Polícia

ABUSO DE CONFIANÇA — A Polícia Judiciária, em colaboração com outras autoridades do País, procura capturar Mário Rodrigues Neves, de 59 anos, natural de Ovar, que é acusado de crimes de abuso de confiança e falsificação de escrita comercial, havendo contra ele mandados de captura para cumprimento de penas dos Tribunais Correccionais e Criminais de Lisboa.

Pelos hospitais

VÍTIMAS DE ATROPELAMENTOS — Recolheram á sala de observações do Hospital de São José, contuso na cabeça, Carlos Manuel Almeida Correia, de 3 anos, que foi atropelado por um automóvel, perto da sua residência, na Calçada Duque de Lafões; e José Augusto dos Santos, de 21 anos, trabalhador da Companhia das Águas, residente na Rua do Miradouro, 41-1.º-Dto., que sofreu diversas e graves contusões, principalmente na cabeça, por ter sido também atropelado por um automóvel, quando seguia de bicicleta pela Avenida Marginal.

DESASTRE NO TRABALHO — Ferido por ter dado uma queda na obra onde trabalhava, na Calçada Poço dos Mouros, recolheu ao mesmo hospital o servente Augusto Baptista Dias Pereira.

Aumentam os alunos e os professores das Escolas do Magistério

Substituindo as circunstancias que determinaram a necessidade de aumentar o numero de professores anualmente formados pelas Escolas do Magistério e tornando-se indispensável assegurar a preparação no 2.º ano dos alunos que, excedendo a lotação prevista puderam matricular-se no 1.º ano daquelas escolas no ano lectivo de 1958-1959, foi o Ministério da Educação Nacional autorizado, por decreto-lei, a elevar no atcual ano lectivo, de harmonia com as necessidades do ensino, o numero de alunos previstos no artigo 9.º do Decreto-Lei 32 243, de 5 de Setembro de 1942, e a nomear, em comissão, nesse ano, o pessoal docente indispensável, de modo que não exceda um professor por cada turma que funcione a mais em cada escola.

Quem perdeu?

Na secção administrativa da P. S. P. (Governo Civil), encontram-se depositados os seguintes objectos achados ontem em Lisboa: um aro para roda de automóvel; um embrulho contendo flanela; uma camisola de malha de lã para criança; um relógio de pulso para senhora; o bilhete de identidade de Adélia Almeida, idem, de Francisco Pereira; oito fotograafias formato pequeno; uma chapa de matrícula do automóvel HE-26-85; um sapatinho para criança; um par de luvas e duas luvas desirmanadas; uma bolsa de plástico para senhora contendo vários artigos; um porta-moedas em plástico, contendo uma moeda e uma chave; idem, contendo um terço e lenços; um tampão para roda de automóvel; três tampões para depósito de gasolina; um açamo; uma corda de pita; várias argolas com chaves; várias chaves desirmanadas; e umas centenas de escudos achadas em Setembro, nas avenidas próximas do Campo Pequeno.

Também no Sindicato Nacional dos Motoristas de Lisboa, se encontra o seguinte: uma sombrinha; um par de luvas; um chapéu para homem; e três sombrinhas.

FORÇAS ARMADAS

Comando do Regimento de Engenharia

Deixou hoje o comando do Regimento de Engenharia n.º 1, o sr. coronel Luís Maria Soares e Silva, que vai frequentar o curso de altos comandos.

Os oficiais daquela unidade reuniram-se num almoço de despedida, durante o qual usou da palavra o 2.º comandante, sr. tenente-coronel Américo Mascarenhas Macedo, que saudou o homenageado, em nome dos seus camaradas e lhe desejou as maiores felicidades na sua carreira.

PALM BEACH

Praia da Conceição — Cascais

RESTAURANTE - DANCING - «MUSIC-HALL»

PASSAGEM DE MODELOS DE "TOILETTE"

(Outono — Inverno)

NELSON (O Dior português) apresenta, esta noite, a sua maravilhosa colecção.

O programa de Variedades será apresentado depois da passagem de modelos que terá inicio às 23 horas.

(ADULTOS—Maiores de 17 anos)

III SALÃO DE ARTES DOMESTICAS

NO PAVILHÃO DA F. I. P. — A Junqueira

Uma organização do jornal «O SECULO»

ENTRADA 2$50

O SALÃO ENCERRA AMANHÃ

HOJE

NOITE SINGER

com o sorteio de óptimos prémios:

Uma máquina de costura Singer, portátil, modelo «peso-pluma». Um ferro eléctrico de engomar Singer; Um marcador de saias Singer.

HOJE E AMANHÃ O SALÃO ABRE ÀS 15 HORAS

Com o seu bilhete de entrada ser-lhe-á entregue uma senha numerada que o habilitará ao sorteio de um magnífico automóvel MORRIS-850.

Clínica Dentária Santa Joana

RUA BRAAMCAMP, 88, 1. ESQ. TELEFONE 733257

Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA

Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇAO LEAL — DR. A. FALCATO SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESÃO — DR. LÉLIO MARQUES — DR. MANUEL VASCONCELOS

DIAS UTEIS — das 9 à Meia-noite

DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

ANGÉLICA

COSTURA — PELES

VIZON — ASTRAKAN, ETC.

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 17 R/C., 17 DT.º — T. 50586

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

A 7 do próximo mês realizará um unico espectáculo no Teatro S. João do Porto, com a peça de Paul Claudel «L'Ofage» a companhia do Teatro «Vieux-Colombier», de Paris.

— O actor Alvaro Benamor deixou de fazer parte da companhia da actriz Irene Isidro, a actuar no Teatro Sá da Bandeira do Porto.

— As duas principais figuras masculinas da comédia «Oscar», em ensaios no Teatro Sá da Bandeira do Porto, vão ser desempenhadas pelos actores Henrique Santana e Henrique Santos.

— A artista Simone de Oliveira toma parte no programa de variedades «Tico-tico no Coliseu», que o artista brasileiro Odyr Odilon apresenta amanhã no Coliseu do Porto.

— Herminia Silva deve começar na segunda-feira a participar dos ensaios da nova revista «Isto é delas», que estão a decorrer no Teatro Variedades.

— O actor-empresário brasileiro Zelloni, que há meses esteve entre nós, organizou a sua companhia de revistas, para estrear na próxima semana no Teatro Nacional de S. Paulo. Do elenco faz parte Renata Fronzi.

— «Benvinda Beatriz» é o título da revista de costumes locais que

(Continua na 13.ª pagina)

MAXIME

DANCING DE LUXO · MUSIC-HALL

APRESENTA SÓ HOJE E AMANHÃ

O EXTRAORDINARIO ARTISTA

TORREBRUNO

Vencedor do Festival do Mediterraneo

Num grandioso espectáculo de variedades com o conjunto **ANDREA TOSI**

AMANHÃ
ás 17.30 horas
TARDE ELEGANTE
com todas as atracções e
TORREBRUNO

2.ª-FEIRA NOVO PROGRAMA

Maiores 17 anos ● Telefs. 35366/7

TIVOLI

TEATRO CACILDA BECKER

(Subsidiado pelo Governo Brasileiro)

HOJE às 21.50 h.

GRANDE ÊXITO DO NOVO PROGRAMA

POIL DE CAROTTE (Pega-Fogo)

DE **JULES RENARD**

A maior criação de **Cacilda Becker**

E

PROTOCOLO

DE **MACHADO DE ASSIS**

Uma história deliciosamente feminina com **Cleyde Yaconis** e **Walmor Chagas** nos principais papéis

BILHETES A VENDA

Amanhã, ás 15 horas, espectáculo a preços reduzidos

Espectáculo para adultos, maiores de 17 anos

Maria Vitória

Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Lda.»

As 20.30 e 22.45

(Adultos — M/17 anos)

RIR À GARGALHADA

COM O NOVO E ALEGRE ESPECTACULO DE

SALVADOR

A REVISTA POPULAR

TUDO NA LUA

com **BIBI FERREIRA**

ANTÓNIO SILVA

BARROSO LOPES — HUMBERTO MADEIRA — MIMI GASPAR

a vedeta italiana

DANA GHIA

e o

PETER'S QUARTETT

AMANHÃ
Espectáculo
À TARDE
ás 16 horas

HOJE

MARUJA SEVILLA

A PARADA DE ÊXITOS DE MAIOR SENSAÇÃO

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE (ADULTOS — M. 17 ANOS)

MUITO BREVE

10

NOTÁVEIS ESTREIAS QUE VÃO DAR BRADO EM LISBOA

BALLET ALBENIZ DE LOS REYS

REAPARIÇÃO DA ESCULTURAL ATRACÇÃO

ANA MARIA y su BALLET

LES VILLALTAS

BALLET ROSAS DE ESPANHA

VILAÇA E SUA ORQUESTRA

No Salão Típico: CEIAS — FADOS E GUITARRADAS

T. 5 51 33 Para ADULTOS

MONUMENTAL AVENIDA

T. 2 72 73 Para ADULTOS

M/ 17 anos ✲ ESPECT. VASCO MORGADO, LDA. ✲ M/ 17 anos

HOJE — Às 21.45 h.

VEJA

LAURA ALVES

NA SUA NOVA E EXCEPCIONAL CRIAÇÃO

GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE

DE TENNESSEE WILLIAMS

JOÃO VILLARET

NO SEU NOVO E TRIUNFAL ÊXITO

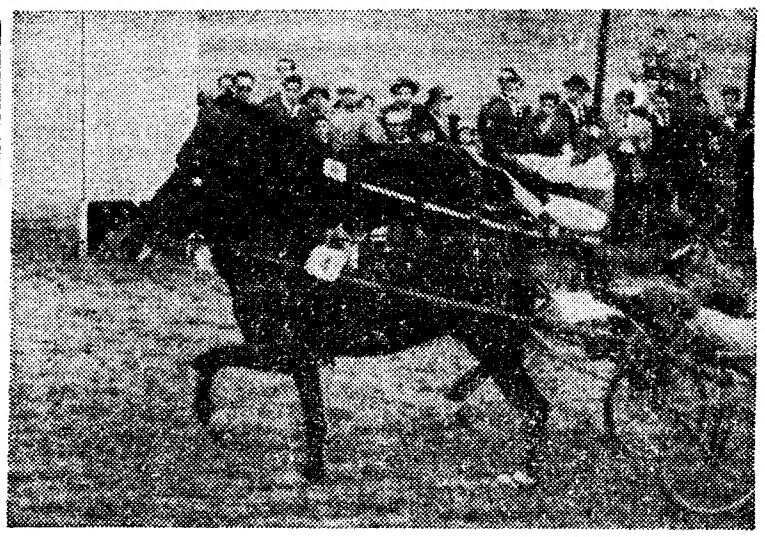
PATATE

DE MARCEL ACHARD

EM

10.ª SEMANA

AMANHÃ — ESPECTÁCULOS À TARDE, ÀS 16 HORAS



MAIORES DE 6 ANOS

CORRIDAS DE CAVALOS NO HIPÓDROMO DO CAMPO GRANDE

AMANHÃ, ÀS 15 HORAS

GALOPE E TROTE ATRELADO

APOSTA MÚTUA

Toiros em pontas para os cavaleiros

ALBERTO L. LOPES e DAVID R. TELES

no Montijo, amanhã 1, às 15,30

Amanhã, 1 de Novembro realiza-se na castiça vila de Montijo uma grandiosa corrida de 6 toiros (4 de Vaz Monteiro e 2 de António Maria Henrique da Silva) lidando os cavaleiros Alberto Luís Lopes e David Ribeiro Teles um toiro em pontas cada um e ainda outro a duo, embolado. O distinto cavaleiro amador Eng.º Ex.mo Sr.:

JOSÉ SAMUEL LUPI

lidará também um toiro embolado

São espadas os já consagrados novilheiros

JOAQUIM BARROCA e CARLOS DO CARMO

o primeiro de Vila Franca e o segundo do Montijo

FORCADOS DA TERTÚLIA DO MONTIJO

PREÇOS POPULARISSIMOS

com **SOMBRA a 30 e a 25 ESCUDOS** e

SOL DESDE 10 ESCUDOS!

Um vapor do Cais da Ribeira, ás 9 e 30; e outro do Terreiro do Paço, ás 13 e 40 horas. *Regresso assegurado a Lisboa depois da corrida*

MAIORES DE 6 ANOS

Teatro Nacional de Dona Maria II

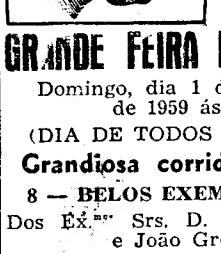
TODAS AS NOITES, AS 21 E 45 (17 anos)

UM GRANDE ÊXITO

O LUGRE

ORIGINAL DE BERNARDO SANTARENO

COM TODO O ELENCO MASCULINO DA COMPANHIA



TOIROS NO CARTAXO

GRANDE FEIRA DOS SANTOS

Domingo, dia 1 de Novembro de 1959 ás 15 h.

(DIA DE TODOS OS SANTOS)

Grandiosa corrida de toiros

8 — BELOS EXEMPLARES — 8

Dos Ex.mos Srs. D. Duarte Atalaia e João Gregório

CAVALEIROS

MANUEL CONDE e PEDRO LOUCEIRO

MATADORES

ANTÓNIO DOS SANTOS e JOSÉ TRINCHEIRA

Forcados ACADÉMICOS de Santarem

SOL desde 25$00 — SOMBRA 55$00

Bilhetes á venda em Lisboa, na Agência ABEP P. Restauradores; Telf. 28823 e no Cartaxo no Café Campinos

MAIORES DE 6 ANOS

Filme de tese... «12 angry men» constitui uma obra de excepção, que encerra um tremendo libelo.
DIÁRIO POPULAR

Fiel a um critério que é já tradição, o Império apresentou ontem ao seu publico algo de novo em cinema, um filme fora de série que os mais exigentes críticos não hesitam em considerar magnífico.
DIÁRIO DE LISBOA

...Uma das obras mais densas e importantes da época cinematográfica...
DIÁRIO ILUSTRADO

Realização poderosa, com sequências e uma movimentação da camara extraordinárias.
REPUBLICA

...com Henry Fonda, Le e J. Cobb e E. G. Marshall á frente, é do melhor que se pode ver em cinema.
DIÁRIO DA MANHÃ

Apesar do excepcional louvor recebido da crítica e do escol do publico, o apaixonante filme

12 Homens em Fúria

(M/ 17 ANOS)

magistralmente dirigido por Sidney Lumet não atraiu o grande publico, como aliás tem acontecido com outras obras-primas da cinematografia.

E' com desgosto que verificamos a dificuldade de apresentar, em condições económicamente defensáveis, os filmes para cuja compreensão é necessário ser culto.

Informamos aqueles que podem estar interessados num espectáculo de nivel invulgar que, dada a lotação do Império, o maior cinema de Lisboa, não poderemos, provávelmente, manter este filme além da próxima 4.ª-feira.

SONORO FILME
CINEMA IMPÉRIO

Para as crianças !

Para os adultos !

Hoje, num espectáculo a que podem assistir crianças a partir dos 6 anos, o Coliseu apresenta as mais categorizadas atracções do Circo. Amanhã, espectáculo à tarde

Alegria das crianças! Encanto e emoção dos adultos! Um espectáculo maravilhoso, variado e moralizador. Hoje, no Coliseu onde podem assistir crianças a partir dos 6 anos, uma Grande Companhia de Circo com malabaristas, aramista bailarina, ciclistas, equilíbrio em escadas, o turbilhão da morte, cães acrobatas, um automóvel louco, uma infinidade de atracções onde não faltam duas engraçadíssimas parelhas de palhaços. Amanhã espectáculo á tarde com entrada gratuíta a todas as crianças até aos 10 anos.

Recintos de diversões

Para a «II Grande Noite Popular», que se realizará em 28 de Novembro, na «Voz do Operário», registaram-se mais as seguintes adesões: Sérgio e os seus artistas da «Viela»; violista Castro Mota, cantor Angelo Fernandes e Manuel de Almeida, da «Tipoia»; e Marcia Condessa e o elenco do seu restaurante típico. Para o despique entre os cantadores da «Velha Guarda» que representam os bairros de Lisboa, Setubal e Porto, o poeta João Linhares Barbosa escreveu expressamente a quadra obrigatória que será cantada por todos os concorrentes.

— Herminia Silva, Anita Guerreiro e Mário Rocha deram a sua adesão á festa do popular ardina «Carlos dos Jornais» que se realizará em 6 de Novembro, no «Salão Luso».

— Também no próximo dia 8, ás 15 e 30, se realiza naquele salão a festa artística de Natalino Duarte, na qual participarão Mário Rocha, Carmencita Lopez, Aguinaldo Ribeiro, Laurinda Gonçalves e Fernando Maurício.

— Está actuando com geral agrado na «Viela», a artista Celeste Rodrigues.

— Estão actuando em «A Severa», Fernanda Maria, Isabel Silva, Saudade dos Santos e Alfredo Duarte Jr.

A B C

Emp. Teatral A B C, Lda.
Telefone 36 67 45

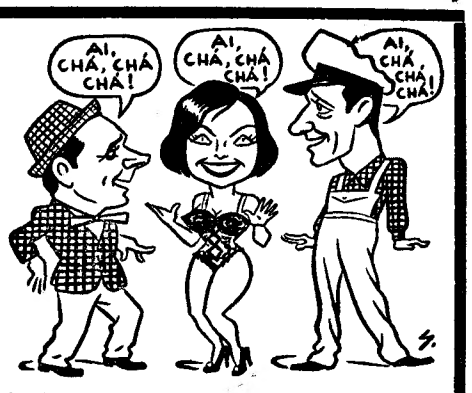
JOSÉ MIGUEL APRESENTA
A's 20 e 30 e 22 e 45
(MAIORES DE 17 ANOS)
A HILARIANTE REVISTA
DE FERNANDO SANTOS E NELSON DE BARROS

DELIRIO EM LISBOA

COM A GRANDE VEDETA INTERNACIONAL **CARMEN DE LIRIO**, AIDA BAPTISTA, BERTA LORAN, JOSÉ VIANA, RAUL SOLNADO, CARLOS COELHO, no «compere», MAX, HELENA TAVARES E HORTENSE LUZ

UMA FÁBRICA DE GARGALHADAS NO MAIS POPULAR TEATRO DO PARQUE MAYER

AMANHÃ — ESPECTÁCULO ÀS 16 HORAS



Carlos Coelho, Carmen de Lirio e J. Viana num dos grandes momentos da revista

Pasapoga

A "BOITE" DA MELHOR SOCIEDADE

Telef. 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

O ELENCO DE MUSIC-HALL DE QUE TODA A LISBOA FALA

O SENSACIONAL E MARAVILHOSO
BALLET MILOS RISTIC
EM VIBRANTE EXITO DE APLAUSOS

2 ACTOS DE ATRACÇÕES

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA
com os cantores ANTÓNIO ALVARINHO e MANUEL SERRANO

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — Telefone 27172
15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos) 2.ª SEMANA
Revela com audaz violência os segredos íntimos de uma grande cidade
DEUS SABE QUANTO AMEI
com **Frank Sinatra** e **Dean Martin** em Cinemascope — Metrocolor

EDEN — Telefone 20768
15.30 - 18.30 e 21.45 (M/17 anos)
Uma extraordinária super-produção colorida
SARA MONTIEL em
CARMEN (LA DE RONDA)
Ela era um anjo? Um demónio? **Simplesmente uma mulher.**

ALVALADE — Telefone 763080
15.00 - 18.15 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos) 2.ª SEMANA
Uma galeria impressionante de personagens e o panorama cru das paixões humanas
DEUS SABE QUANTO AMEI
com **Frank Sinatra** e **Dean Martin** em Cinemascope — Metrocolor

ODEON — Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos) 4.ª SEMANA
o mais terno idílio do século XIX
AMORES REAIS
«¿Donde vas, Alfonso XII?»
com **Paquita Rico** e **Vicente Parra**
Eastmancolor
Bilhetes á venda para os dias seguintes

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
21.00 (M/12 anos)
MISSÃO NO ALTO MAR
Cinemascope
MONTE DO DESESPERO

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M/17 anos)
Metroscope Techn.
CREPUSCULO VERMELHO
com Yul Brynner

TIVOLI — Telefone 50595
Às 3 e 6.30 da tarde (M/12 anos) 3.ª SEMANA de
O GRANDE INDUSTRIAL
com **António Vilar** e **Virna Lisi**
A' noite ás 21.50 — (M/12 anos)
TEATRO CACILDA BECKER
Poil de Carotte (Pega Fogo)
e
PROTOCOLO

POLITEAMA — Telefone 26305
15.15 - 18.15 e 21.30
Formidável êxito
Um filme excepcional sobre a história de um pistoleiro ao serviço da lei
O HOMEM DAS PISTOLAS DE OURO
com **Henry Fonda, Richard Widmark, Anthony Quinn** e **Dorothy Malone**
Cinemascope — Cor De Luxe
Adultos — (M/17 anos)

CONDES — Telefone 22523
15.15 (p. r.) e 21.00 (M/12 anos)
15.ª Semana de um triunfo sem precedentes do maior espectáculo de todos os tempos
OS DEZ MANDAMENTOS
com **Charlton Heston, Yul Brynner** e **Anne Baxter**
em Vistavision — Technicolor

AVIS — Telefone 47163
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
3.ª semana de exibição do filme mais engraçado dos ultimos tempos
VOLTOU A AVÓ ISABEL
com a impagável TINA PICA e outros grandes artistas

TERRASSE — Telefone 20917
21.00 (M/17 anos)
O HOMEM DO OESTE
CIDADE NAS TREVAS

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)
A VIUVINHA INDOMÁVEL
com Doris Day

IMPÉRIO — Telefone 55134/5
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Um filme que demonstra a falibilidade de homens que condenam á morte
12 HOMENS EM FÚRIA
Interpretação prodigiosa de **Henry Fonda**, á frente de grandes artistas

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 — PLATEIA 54152
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos) 2.ª SEMANA
John Wills, Horst Buchhozz, Yvonne Mitchell e a pequena **Hayley Mills** em
OS OLHOS DA TESTEMUNHA
O filme policial perfeito!

ROMA — Telefone 727778
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
A história de amor de uma mulher que só nasceu para amar
CARMEN (LA DE RONDA)
com **Sara Montiel, Jorge Mistral** e **Maurice Ronet**

MONUMENTAL — Telefone 55131
15.15 - 21.30 (M/12 anos) 4. SEMANA de lotações esgotadas
Não fique sem saber o que é TODD-AO vá ver
NO SUL DO PACIFICO
com **Rossano Brazzi, Mitzi Gaynor** e **John Kerr**
«Matinées» ás 5.ª 6.ª sáb. e domingos ás 15.15
Bilhetes á venda para as próximas 2 semanas.

LUX — Telefone 48560
21.00 (M/17 anos) Metrocolor
CREPUSCULO VERMELHO
VINDIMA TRÁGICA

ROYAL — Telefone 845037
21.00 (M/12 anos)
AVENTURA EM HONG-KONG
FLECHAS DE ÓDIO

TRINDADE - T. N. P. HOJE ás 21.45 (17 anos)
UM VERDADEIRO ÊXITO PARA TODO O PÚBLICO

LUCY CROWN

— HISTÓRIA DE UMA MULHER —
com **Carmen Dolores** e **Assis Pacheco**
CANTO E CASTRO, LUIS DE CAMPOS, ARMANDO CORTEZ

O TIVOLI

APRESENTA
em dois únicos espectáculos
nos dias 5 e 6 de Novembro às 18.30 h.
A COMPANHIA DO TEATRO VIEUX COLOMBIER DE PARIS
NA OBRA-PRIMA DE
PAUL CLAUDEL

L'OTAGE

com: **HELENE SAUVANEIX, JACQUES FRAIÇOIS, PIERRE RISCH, JEAN LE POULAIN** e **MICHEL GUDIN**

Venda de bilhetes:
Hoje e amanhã, reservada para os Srs. Assinantes. Nos dias seguintes, venda ao público
ESPECTACULO PARA ADULTOS M/ 17 ANOS

RESTAURANTE RETIRO

em Olival de Basto

INFORMA QUE SE ENCONTRA ENCERRADO PARA OBRAS
REABRE BREVEMENTE COM NOVA GERENCIA

VOSSA EX.ª

Encontra : doçaria caseira — café inconfundivel
Uma pega 6$50 — O Ribatejo 10$00
Na Praça do Areeiro, 11-D — BAR RIBATEJO
(abre às 6 da manhã)

Está em Lisboa
Maria Della Costa
em **GIMBA**
MATINÉES AOS SABADOS A PREÇOS POPULARES
A NOITE AS 21.45 NO NOVO
Teatro Capitólio
POLTRONAS 40$00
MATINÉES SABADOS E DOMINGOS — AS 16 HORAS
MAIORES DE 17 ANOS

O «REGIONAL» DE BASQUETEBOL

O Sporting sucumbiu de pé frente ao "querer" do Belenenses

Atlético, 29-Nacional, 49
Liberdade, 38-Benfica, 43
Belenens., 63-Sporting, 59
C. de Ouriq., 52-Tabac., 37

A terceira ronda do campeonato regional de Lisboa atraiu ao Pavilhão dos Desportos uma assistência numerosa, que na verdade não perdeu o seu tempo, dado que no jogo mais importante da noite — Belenenses-Sporting — assistiu a uma pugna de verdadeiro campeonato, onde jogadores e publico vibraram com entusiasmo.

O programa abriu com o encontro Atlético-Nacional que registou no final 29-49, com 13-18 ao intervalo. A visão técnica da partida foi a seguinte: os Alcantarenses incapazes de furar a defesa adversária, com 1-3, por sistema. Os vencedores, defendendo á zona, estribaram-se no jogo a meia distancia, fugindo á luta de tabelas.

Alinharam e marcaram:

ATLETICO — Morga, 7; Jacinto, 3; José Manuel, 1; Carlos Jorge, 2; Martins, 10; Duarte, 6; e Santos.

NACIONAL — Mesquita, 10; Jesas, 20; Neves, 4; Hugo, 6; Ferreira, 2; Abel de Sousa, 6; Claudino, 1; e João Pinho.

Arbitraram: A. Figueiredo e António Paulo.

* * *

Na segunda partida, os vencedores, 43-38 (Benfica) defenderam-se á zona com cobertura especial ao adversário Ildebrando, o melhor marcador do Liberdade. Na segunda parte, os «encarnados» mudaram de sistema e utilizaram, a partir dos 10 minutos, ataque e defesa, o sistema homem-a-homem, facto que surtiu efeito aliado á quebra física do Liberdade.

Alinharam e marcaram:

LIBERDADE — José Maria, 8; Ildebrando, 12; Lourenço, 9; Neves, 9; Nunes e Hermenegildo.

BENFICA — José Alberto, 11; Luís Santos, 7; Vítor Pinto, 4; Furtado, 4; Pires 11; e Coelho, 6.

Arbitraram: António Capela e Fernando Moita.

* * *

No terceiro encontro (Belenenses-Sporting), o mais importante da jornada, ambas as equipas utilizaram, conforme os momentos bons e maus da partida, os sistemas de defesa á zona ou homem-a-homem O Belenenses, na área fatal, provocou na defesa «leonina» inumeras faltas a ponto de o adversário ficar com três jogadores desclassificados: Layne, aos 24-22 a favor do Sporting; Sousa, aos 56-55 a favor do Belenenses e Barreto, aos 63-56. No lado dos «azuis», Fernandes foi desclassificado, aos 61-56.

Abílio que na primeira parte só marcou um ou dois pontos, acordou demasiado tarde. Num choque entre este jogador e o seu colega de equipa, João Mário, que abandonou o campo ferido na arcada superior direita, fez com que a equipa perdesse toda a iniciativa e passasse de uma margem favorável de oito pontos para uma diferença, desfavorável, de dois pontos. Isto é, enquanto José Mário não deu o seu concurso á equipa, os «azuis» subiram dez pontos no marcador. Estes factos próprios dos campeonatos não invalidam o triunfo dos «azuis».

No final, o congelamento da bola feito pelos Belenenses, aliás, com mestria, tirou brilhantismo á vitória. Uma equipa que revelou vontade e querer não precisa de recorrer a um sistema que a nova lei dos «30 segundos» condena.

Alinharam e marcaram:

BELENENSES—Franco, 22; Fernandes, 13; Brito, 9; Delgado, 12; Neves, 7; e Gatinho.

SPORTING — Abílio, 14; J. Mário, 4; Alberto Sousa, 16; Barreto, 8; Layne, 12; Morais, 2; Costa Dias, 3; e Hilário.

Arbitraram: André Costa e Silva e Angelo Salgado.

* * *

Finalmente, o ultimo encontro da ronda (jogado no dia seguinte!) entre o Campo de Ourique e o Tabacos, não despertou interesse especial tanto mais que os elementos envolvidos na contenda (todos) apostaram em contradizer sistemas e regras de conjunto. Foi uma partida em que cada um fazia o que lhe apetecia. Ao intervalo, ambos os grupos estavam empatados (21-21). O melhor poder de encestamentos dos campo d'ouriquenses ditou o triunfo final.

Alinharam e marcaram:

C. A. C. O. — A. Dias, 9; Aires, 16; Macedo, 16; Arnaldo, 2; Alves, 7; Coelho, 2; Correia e Armando.

TABACOS — João Pereira, 13; J. Fernandes, 1; Alves, 4; C. Fernandes, 10; Brito, 2; Santos, 8; e Mário.

Arbitraram: C. Quintas e A. Silva.

* * *

A classificação geral depois da terceira ronda ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Marc.	P.
Belenenses...	3	3	—	—	182-137	9
Benfica	3	3	—	—	147-106	9
Sporting	3	2	—	1	150-128	7
C. A. C. O. ...	3	2	—	1	135-126	7
Nacional	3	1	—	2	104-128	5
Tabacos	3	—	1	2	130-163	4
Atlético	3	—	1	2	107-146	4
Liberdade	3	—	—	3	115-136	3

HÓQUEI EM PATINS

A selecção de Espanha tem já escolhidos os seus jogadores para a "Taça Latina"

Os trabalhos de preparação para a «Taça Latina» prosseguem activamente, graças aos excelentes esforços desenvolvidos pela actual comissão administrativa da Federação Portuguesa de Patinagem.

Estão já formadas as comissões de honra e organizadora. A primeira é presidida pelo sr. ministro da Educação e a segunda pelo sr. Ernesto Tapadas.

A equipa de Espanha já indicou a constituição da sua delegação, cuja chegada a Lisboa está prevista para a noite do próximo dia 11 de Novembro, regressando a Barcelona no dia 15.

Como jogadores deslocam-se: Larvo, Garcia, Boronat, Parella, Balaguer, Roca, Salarich e Brasal. Seleccionador, Francisco Platón e dirigente, Francisco Torelli.

Patinagem artística

Com o intuito de fomentar o desenvolvimento da patinagem artística e das corridas sobre patins, foram superiormente sancionadas pelo sr. director-geral dos Desportos as seguintes comissões:

Patinagem artística—Ernesto Tapadas, Mafra Mendes e Américo de Jesus Rodrigues. Corridas — Vítor Lemos. Mafra Mendes, Américo de Jesus Rodrigues e Jaime Santos.

O «internacional» Matos vai ser homenageado

Com o patrocínio da Federação, realiza-se no dia 16 de Novembro a festa de homenagem e despedida do «internacional» António Carlos Nunes de Matos, do Campo de Ourique.

A representação italiana, que virá a Lisboa participar na «Taça Latina», colabora no festival, defrontando o Benfica. O programa definitivo está a ser elaborado.

Sporting da Penha

A direcção do Sporting da Penha leva a efeito hoje, pelas 21 e 30 horas, na Casa da Comarca de Arganil, um sarau dançante, a favor das suas secções desportivas.

HOJE À NOITE

HOMENAGENS — O Paço de Arcos homenageia, ás 22 horas, os seus jogadores que conquistaram o Campeonato de Portugal da 2.ª Divisão em ténis de mesa.

No rinque do Campo de Ourique, ás 21 horas, festival de homenagem ás equipas de handebol de sete que conquistaram os campeonatos regional (seniores) e nacional (juniores).

VOLEIBOL—No ginásio do Técnico, ás 21 e 22 horas, prossegue o «Nacional» da 2.ª Divisão com os encontros: Sporting-F. C. Porto e Lisboa Ginásio-Universitário do Porto.

JOGOS OLIMPICOS—O sr. Avery Brundage, presidente do «Comité» Internacional Olímpico, ás 21 e 30 horas, recebe os representantes da Imprensa para lhes prestar esclarecimento sobre a sua visita a Portugal.

FUTEBOL

Estão escolhidos os jogadores franceses para o encontro com Portugal

PARIS, 31 — Na próxima terça-feira, os seleccionadores franceses de futebol anunciarão a constituição das três equipas — «A», «B» e «C» — da França, que a 11 de Novembro defrontarão as selecções de Portugal (em Paris, no Estádio Colombes), da Irlanda (em Belfast) e as «esperanças» do futebol inglês (em Sunderland).

Alex Thoopot, presidente da comissão de selecção, e os seus colaboradores têm examinado os treinos dos jogadores já escolhidos, o ultimo dos quais se realizará amanhã. Na terça-feira efectuar-se-á o treino de conjunto.

A constituição, não oficial, da equipa «A», compreenderá Colonna, Jonquet, Marche, Penverne, Muller, Fontaine, Kopa e Vincent, devendo, ainda, ser chamados Wending, Ferrier, Wisnieski e Skiba.

Parece estar absolutamente posta de parte a inclusão de Kaelbel, Lerond e Grillet na equipa «A», devendo, portanto, fazer parte da selecção «B» que jogará em Belfast. — (A. N. I.).

O Sporting ou o Benfica no Rio de Janeiro?

RIO DE JANEIRO, 31 — A Senhora de Kubitschek de Oliveira encontra-se interessada em conseguir a vinda do Sporting ou do Benfica ao Rio de Janeiro, a fim de efectuarem, pelo menos, um jogo cujo produto reverteria a favor da obra das Pioneiras Sociais, organização de que D. Sara Kubitschek de Oliveira é presidente.

De acordo com este desejo, o presidente da Federação de Futebol do Rio de Janeiro, António Passos, enviou um telegrama a João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos, que actualmente se encontra em Lisboa, pedindo-lhe que entre em contacto com aqueles clubes portugueses.

O embaixador Negrão de Lima também se interessou pelo assunto e fez um telefonema para a embaixada do Brasil em Lisboa, pedindo que procure despertar o interesse das agremiações desportivas da capital portuguesa.

A data prevista, em princípio, para o jogo de beneficência seria o dia 23 de Dezembro. — (A. N. I.).

O argentino Pucha novo reforço do Atlético

Dado que a dureza de um campeonato, com as características do nosso, exige reservas á altura o Atlético acaba de contratar mais um futebolista que joga indistintamente a qualquer lugar da linha dianteira. Trata-se de Pucha que ultimamente alinhou no Cordoba de Espanha e que devido á legislação actual não pôde prosseguir a sua actividade em Espanha. O contrato já foi celebrado despendendo o Atlético a importancia de 15.000 escudos por uma época. Pucha deve estrear-se num dos próximos encontros de reserva.

Fernando Cabrita já pode jogar pelo Portimonense

A situação de Fernando Cabrita, no Portimonense, está resolvida. O clube algarvio conseguiu chegar a acordo com o Sporting da Covilhã para a cedência da carta de desobrigação pelo que o «internacional» está já em condições de alinhar pelo Portimonense.

Os jogos Luso-Brasileiros serão uma realidade em 1960

No Ministério da Educação Nacional, reuniram-se ao fim da tarde de ontem, com o director-geral dos Desportos, dr. Valadão Chagas, os srs. dr. João Havelange e coronel Jerónymo Bastos, respectivamente, presidente e delegado especial da Confederação Brasileira de Desportos, para emitirem decisões definitivas sobre a realização dos 1.os Jogos Luso-Brasileiros, a efectuar em Lisboa, no próximo Verão, integrados nas comemorações do 4.º centenário da morte do Infante D. Henrique. Na reunião participaram, também, os srs. drs. Salazar Carreira e Ayala Boto, inspectores-gerais; e Vicente Paulo Martins, Mário Jorge Rocha e comandante Joel Pascoal, presidentes, respectivamente, das federações de Ciclismo, Ginástica e de Natação, que constituem a comissão executiva portuguesa da importante manifestação desportiva, que terá por finalidade uma aproximação social e espiritual entre os desportistas dos dois países irmãos.

Entre os dirigentes brasileiros e portugueses verificou-se total unanimidade de pontos de vista quanto aos objectivos e características do grandioso certame. Ficou definitivamente assente que os Jogos serão disputados nos seguintes onze desportos: andebol de sete, atletismo, basquetebol, ciclismo, ginástica, hóquei em patins, natação, remo, vela, voleibol e num outro a assentar posteriormente, por acordo entre Portugal e o Brasil, que não será, com certeza, o futebol, pela dificuldade de constituir equipas de nível técnico condigno apenas com futebolistas amadores.

Os jogos Luso-Brasileiros disputar-se-ão em Lisboa, Porto, Aveiro, Figueira e Cascais

As competições de andebol de sete, realizar-se-ão em Lisboa e Porto; as de atletismo, segundo o programa olímpico, em Lisboa, em dois dias; as de basquetebol, em Lisboa e Porto; as de ciclismo, em Lisboa; as de ginástica, masculina e feminina, em Lisboa, em dois dias; as de hóquei em patins, em Lisboa e Porto; as de natação, masculina e feminina, em Lisboa e Figueira da Foz, em dois dias; as deremo, em Aveiro; as de tiro, em Lisboa; as de vela, em Cascais; e as de voleibol, em Lisboa e Porto. A jornada de abertura far-se-á no Estádio Nacional de Lisboa e a de encerramento, uma semana depois, no Palácio dos Desportos do Porto. A ambas deverão assistir os presidentes da Republica de Portugal e do Brasil.

A data do certame, que parecia definitivamente marcada para 7 a 14 de Agosto de 1960, fica agora dependente do período abrangido pela visita do presidente Kubitschek de Oliveira a Portugal. No entanto, espera-se que seja entre os fins de Julho e a primeira quinzena de Agosto.

A representação desportiva brasileira incluirá pouco mais de uma centena de pessoas, que farão a viagem em avião, correndo as despesas de alojamento e estadia por conta de Portugal.

Para não estimular confrontos menos saudáveis ou ideias incompatíveis com o mais puro significado desportivo e amigável, os jogos não terão quaisquer classificações, além dos resultados parciais de cada modalidade, nem contarão com qualquer espécie de prémios ou troféus.

Os 2.os Jogos Luso-Brasileiros disputar-se-ão, em 1962, provàvelmente em S. Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Hoje, os srs. dr. João Havelange e coronel Jerónymo Bastos seguiram para o Porto, a fim de se avistarem com os dirigentes desportivos nortenhos. Ambos regressarão a Lisboa na noite de amanhã e na segunda-feira oferecerão um almoço, no Hotel Tivoli, ao director-geral dos Desportos e aos membros da comissão executiva portuguesa. Na terça-feira, o dr. Havelange será homenageado com um almoço oferecido pela Federação Portuguesa de Futebol.

Várias provas de amanhã

ANIVERSÁRIOS—Para comemorar a passagem de mais um aniversário, o Clube Naval de Lisboa, realiza, em frente da sua sede, várias provas de vela e remo e na sede provas de natação, seguindo-se um almoço de confraternização.

O festival principia ás 10 horas.

ATLETISMO—No estádio do Restelo, pelas 10 horas, o Belenenses promove mais um torneio de atletismo para sócios e simpatizantes, com as provas seguintes: 80 metros, 700 metros, peso, comprimento e 3000 metros (corta-mato).

— A secção de atletismo do S. L. B. organiza amanhã, pelas 9 e 30 horas, na pista do Campo Grande, um torneio de atletismo para sócios e simpatizantes com as seguintes provas: 80 metros, 700 metros, 2000 metros, comprimento, vara e peso.

— O C. D. U. L. realiza no Estádio Universitário, ás 10 horas, um torneio para estudantes liceais e universitários, com provas de 200 m., 1000 m., triplo e dardo.

— Nos terrenos anexos ao campo de «Pina Manique», o Casa Pia A. C. organiza pelas 10 horas, duas provas de corta-mato para sócios e simpatizantes: sendo uma de 3000 metros (para atletas dos 15 aos 17 anos) e outra de 5000 metros (para atletas dos 18 aos 21 anos).

BASQUETEBOL — O Campeonato de Lisboa da 2.ª Divisão prossegue amanhã, com os encontros Rio Seco-Arroios, ás 9 e 30 e 10 e 30 h.

Também prossegue o campeonato de Lisboa da 3.ª Divisão, com os seguintes encontros: *Série A*—Paço de Arcos-Ávila (1.os), ás 10 h.; Boa Hora-Pedrouços (1.os e 2.os), ás 10 e 11 h., nos campos de Paço de Arcos e Boa Hora; *Série B*—Internacional-Lisgás (1.os e 2.os), ás 10 e 11 h. e Campolide-Combatentes (1.os e 2.os), ás 10 e 11 h., em Telheiras e Bairro da Liberdade.

CICLISMO—No Bombarral disputa-se a já tradicional prova para amadores denominada «Circuito de Matinhos».

FESTIVAIS — O Grupo Desportivo Águias de Camarate, para solenizar a reabertura do seu campo de jogos, no qual introduziu vários melhoramentos, organiza o «Dia do Pilar», com início ás 14 horas.

— O Futebol Benfica promove no seu «rink» de Benfica, a partir das 21 horas, um interessante festival, que é pretexto para a distribuição dos prémios do seu recente torneio de futebol miniatura.

FUTEBOL MINIATURA — O torneio do Cruzeirense prossegue com os seguintes encontros: Águias da Rocha (B)-S. C. Campolide, Águias S. Lázaro-Caramão A. C., Glorienses-Leões da Armada, Estrelas de Campolide-Águias de S. Lázaro (B), Giestal-«Os Taios», Canários da Boavista-Liga de S. Vicente (B), Gil Vicente-Estrelas Campolide, A. C. do Beato-Liga S. Vicente, Águias da Graça-Repentinos, Caranqueijas de Almada-Estrela do Monte, Carnaxide-Estrela Real, Moinho Encarnado-Desportivo da Pena, Neptunos-Águias da Rocha, Esportes Lumiar-Amigos Leais, Plaeires da Madragoa-Dinamo Sapadores, Cruzeirense-Leais Amigos.

Os jogos principiam ás 8 horas.

HIPISMO — A Sociedade Hípica Portuguesa realiza amanhã no hipódromo do Campo Grande, a partir das 15 horas, uma nova reunião que engloba cinco corridas de cavalos — três de galope e duas de

(Continua na página seguinte)

A Casa do Belenenses em Queluz

Uma comissão de sócios do Belenenses, residentes em Queluz, formada pelos srs. Alberto Correia, João Crisóstomo de Sá, Manuel Luís e António Pinto Brás, após diligências coroadas de êxito conseguiu fundar a Casa do Belenenses, naquela localidade.

A inauguração realiza-se amanhã, pelas 11 horas. A sede fica instalada na Avenida da Republica, 97, 1.º, em Queluz.

ALVES BARBOSA num festival em Loulé

Amanhã, no Estádio da Campina, em Loulé, o Louletano leva a efeito um festival desportivo, a partir das 11 horas, do qual consta um jogo de futebol, entre o clube local e o Unidos Sambrasense. A' tarde, realizam-se várias provas de ciclismo, com a presença de Alves Barbosa, Antonino Baptista e dos melhores valores algarvios.

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Acentua-se o interesse pelo torneio

A visita do Benfica à Tapadinha

constitui um dos mais importantes acontecimentos da 7.ª jornada

Os resultados verificados no passado domingo, provaram, felizmente, que o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão está longe de apresentar uma escala esclarecedora de valores. Cada um dos contendores capricha em chamar a si toda a gama de possibilidades, revelando um espírito de réplica que só serve para animar o interesse que o torneio está a despertar. A jornada de amanhã pelo seu conjunto, oferece também a perspectiva de uma emoção que gradualmente se acentua como sintoma, de resto, de uma indecisão cujo limite se não lobriga, fácilmente.

O calendário marca os seguintes encontros.

Atlético-Benfica
Sporting-Vitória de Setubal.
Leixões-Belenenses
F. C. do Porto-Sporting Braga
Cuf-Boavista
Académica-Lusitano
V. Guimarães-Sp. da Covilhã.

A atracção principal da 7.ª jornada reside na Tapadinha, onde o Atlético (7 pts.) recebe o Benfica (11 pts.). E' a 4.ª deslocação dos «encarnados» que, como se sabe,

NO ESTÁDIO ALVALADE O SPORTING RECEBE O V. DE SETÚBAL

ainda não perderam. Por isso, mesmo, ocupam o 1.º lugar, com mérito absoluto. A toada agradável dos alcantarenses, onde a unidade constitui a força dominante, deve propiciar um embate curioso, muito capaz, aliás, de pôr á prova a capacidade do «leader». A estreia de Manuel Vasques, no Atlético, é por outro lado aguardada com particular expectativa. O ex-sportinguista é capacíssimo de conferir ao quinteto ofensivo de Alcantara uma agressividade mais permanente. O equilíbrio do Benfica, agora servido pelo oportunismo do jovem Torres, confere ao encontro foros de acontecimento especial, dado que se espera do gigante de Torres Novas nova confirmação do seu valor.

Vaticínio? Vitória do Benfica, após um despique emocionante, mas a ideia de empate também é de sustentar.

O Sporting (9 pts.) recebe o Vitória de Setubal (2 pts.). A disparidade que existe entre os dois grupos leva a conceder um amplo favoritismo aos «leões». Seminário vai ter a grande oportunidade de revelar a sua grande virtude, marcador de golos, se a defesa sadina estiver pelos ajustes.

O Belenenses (7 pts.), moralizado com os triunfos obtidos sobre os campeões nacionais e os sportinguistas, vão a Matozinhos defrontar o Leixões (4 pts.) que ainda não perdeu no seu campo. Portanto, cuidados especiais para os «azuis» que, necessariamente, terão de imprimir á sua manobra um estilo de nítido recorte ofensivo.

A contenda afigura-se favorável ao Belenenses.

Nas Antas, o F. C. Porto (5 pts.) tem a perspectiva de melhorar na classificação se levar de vencida o Sp. Braga (4 pts.). Os dois pontos averbados, no campo dos Arcos, constituem um estímulo poderoso pelo que se admite a superioridade dos portistas, embora os Bracarenses, tradicionalmente, sejam adversários resistentes.

A Cuf (5 pts.) defronta o Boavista (3 pts.). Óptimo ensejo para os cufistas se colocarem no meio da tabela. O favoritismo deve ser-lhes adjudicado.

A Académica (7 pts.) contra o Lusitano (5 pts.) e o V. Guimarães (7 pts.) frente ao Sp. da Covilhã (8 pts.) podem proporcionar desfechos surpreendentes, embora se admita a vantagem dos estudantes. Já no segundo encontro, as duas revelações do torneio até esta altura, parecem apostadas em derimir um despique de extraordinária vibração. O «duelo» entre os dianteiros minhotos e os defesas serranos promete emotividade a rodos.

Um empate entra no domínio dos prognósticos.

Formações prováveis

ATLÉTICO — Ramin; Fernando Ferreira e Vitor Lopes; Fonseca, Germano e Orlando; Angeja, Vasques ou Apolinário; Albano, Bispo e Tito.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Mário João; Neto, Artur e Cruz; José Augusto, Torres ou Santana, Águas, Coluna e Cavém.

Arbitro: Eduardo Gouveia (Lisboa).

SPORTING — Octávio Sá; Lino e Hilário; Julius, Morato e Mendes; Hugo, Faustino, Fernando, Pérides e Seminário.

VITÓRIA F. C. — Mourinho; Soares e Manuel Joaquim; Casaca, Sidney e Alfredo; Bira, Miguel, Jacinto, Fernandes e Virgílio.

Arbitro: Abel da Costa (Porto).

LEIXÕES S. C. — Rosas; Pacheco ou Santana e Raul II; Santana ou Ventura, Raul I ou Sá Pereira e Carlos Alberto; Medeiros, Aparício (ex-Sporting) ou Silva, Osvaldo, Oliveira e Nunes.

BELENENSES — José Pereira; Rosendo e Moreira; Carlos Silva, Paz e Vicente; Dimas, Matateu, Vitor Silva, Carvalho e Yaúca.

Arbitro: Manuel Lousada (Santarém).

F. C. PORTO — Acursio; Barbosa e Paula; Pedroto, Arcanjo e Monteiro da Costa; Gastão, Ferreirinha, Humaitá, Teixeira ou Adérito e Hernani.

SPORTING DE BRAGA — Faria; Armando e Narciso; Trenque, Calheiros e Pinto Vieira; Velez, Passos, Teixeira, Mendonça e José Maria.

Arbitro: Braga Barros (Leiria).

G. D. da C. U. F. — José Maria; Abalroado e Durand; Oliveira, Palma e José Luís; Rodrigues ou Nuncio, Salvador, Pedro Silva, Orlando e Bispo.

BOAVISTA — Levi; Franco e Artur; Campos, Ribeiro e Torres; Garcia, Alcino, Adriano, Guilherme e Germano.

Arbitro: Isidro Fragoso (Santarém).

ACADÉMICA — Maio; Araujo e Mesquita; Samuel, Wilson e Torres; Julio Freire, Jorge Humberto, Rocha, José Julio e Nuno.

LUSITANO — Vital; Teotónio e Inácio; Francelino, Falé e Vicente; Palmeiro Antunes, Flora, Ivson, Caraça e José Pedro.

Arbitro: Décio de Freitas (Lisboa).

V. GUIMARÃES — Pinho; Caiçara e Abel; João da Costa, Silveira e Virgílio; Bártolo, Edmur ou Romeu, Azevedo ou Ernesto, Carlos Alberto ou Azevedo e Daniel ou Rola.

SPORTING DA COVILHÃ — Rita; Helder e Couceiro; Lázinha, Lourenço e Martinho; Gabriel, Hildo Caldas, Suarez, Walter e Amilcar.

Arbitro: Caetano Nogueira (Porto).

Várias provas de amanhã

(Continuação da página anterior)

trote-atrelado. Funcionará a aposta mutua.

HOQUEI EM CAMPO — Inaugura-se mais uma temporada de hóquei em campo, com os primeiros desafios do Torneio de Abertura, assim marcados: *Série A*—Hóquei-Belenenses A, no Restelo, ás 10 h.; *Série B* — Palmense-Belenenses B, em Palma, ás 9 h.

PESCA DESPORTIVA — Realiza-se no litoral do concelho de Sintra, Praia Pequena e Cabo David o concurso de pesca desportiva no mar do litoral do concelho de Sintra organizado pelo Progresso Clube de Algueirão-Mem Martins. Por tal motivo, a área indicada estará reservada aos concorrentes áquela prova e vedada a qualquer pescador não inscrito.

RAGUEBI — Prossegue o «Torneio de Abertura» (Taça «António Valente»), realizando-se os seguintes encontros: Benfica A-Belenenses A, no Campo Grande, ás 9,30 h., Internacional-Belenenses B, nas Telheiras, ás 11 h.

TENIS—Nos «courts» do Restelo disputam-se a final do torneio de pares-mistos, dotado com as taças «Babolat», jogando Bia Santos-Luís Santos c. Pepa Santos-Rui Pereira.

TENIS DE MESA — Continua o torneio de infantis da «Taça Imprensa», com os encontros Benfica B-Arroios e Centro Católico-Sporting — ambos ás 10 horas.

VELA — Continua o campeonato nacional de «sharpies».

VOLEIBOL — Conclui-se o campeonato nacional da 2.ª Divisão, com os encontros Lisboa Ginásio-Sporting e C. D. U. P.-F. C. Porto, no ginásio do I. S. Técnico, a partir das 10 h.

João Martins

será homenageado em 8 de Novembro

O valoroso «internacional» do Sporting, João Martins, será homenageado no próximo dia 8 de Novembro, á tarde, no Estádio «José Alvalade».

Do programa, que está a ser cuidadosamente elaborado, consta um jogo de futebol entre as equipas do Sporting Clube de Portugal e Sporting da Covilhã.

Antes, efectua-se uma partida em que participam alguns jogadores revelados nos torneios-miniatura, dos quais João Martins foi um dos grandes impulsionadores.

Possívelmente, serão promovidas algumas tentativas de «record» por consagrados atletas.

Os bilhetes para o interessante festival encontram-se já á venda.

O CONGRESSO

da Federação de Futebol

Está a decorrer, em sessão ordinária, o Congresso da Federação Portuguesa de Futebol, sob a presidência do sr. dr. Paulo Sarmento e com a presença de grande numero de delegados das Associações Regionais.

A ordem dos trabalhos é a seguinte: informação e apreciação do estado actual da filiação das associações ultramarinas; apreciação e votação do relatório, balanço e contas da gerência do exercício 1958-59; designação e nomeação do secretário-geral proposto pela direcção (art.º 31.º do estatuto).

— Irá o «Malhoa» «pintar» algumas bolas no... Benfica?

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

Os desafios da 7.ª jornada

são de tranquilidade para os "guias"

Prosseguindo com notável regularidade, o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão oferece-nos amanhã a 7.ª jornada, cujo programa não inclui qualquer desafio de excepcional importancia.

Em qualquer das Zonas, os dois primeiros da classificação (Chaves e Salgueiros, ao norte, Portimonense e Olhanense, ao Sul) são visitados por grupos, a quem normalmente deverão vencer. Mas, daí a dizer-se que é impossível uma surpresa vai uma grande distancia. E daí a poder afirmar-se que a jornada tem interesse, como tiveram as anteriores e como hão-de ter as que se seguirão. Porque o futebol é... sempre futebol.

Os desafios da zona norte

Os sete encontros da 7.ª jornada do torneio da Zona Norte, marcados para amanhã, são os seguintes:

Sanjoanense (5)-Espinho (6)
Acad. Viseu (4)-Peniche (8)
Chaves (9)-Marinhense (6)
Torriense (3)-U. Coimbra (4)
Caldas (8)-Vila Real (6)
Vianense (4)-Beira Mar (7)
Salgueiros (7)-Oliveirense (7)

Só em dois campos — Chaves e Caldas da Rainha — acontece as equipas visitadas, por acaso, o «guia» e o «sub-guia» da classificação terem melhor pontuação do que os seus adversários. Natural, portanto, que se conceda favoritismo aos Flavienses e aos Caldenses, não sem que seja de se lhes pedir aplicação constante ao jogo.

O jogo do Porto põe frente a frente equipas com igual pontuação. Por isso e porque os «encarnados» do norte não têm ultimamente correspondido aos anseios dos seus adeptos é de prever luta equilibrada, o que não impede de considerarmos o Salgueiros favorito.

Em S. João da Madeira, Viseu, Torres Vedras e Viana do Castelo, os grupos locais recebem a visita de equipas qu e os antecedem na tabela.

Pode parecer á primeira vista que os visitados têm maior capacidade. Ainda que assim seja, o factor «casa» não deixará de pesar no rendimento das equipas não nos espantaria que só o Desportivo de Peniche venha a ganhar em terreno alheio. A Sanjoanense, o Torriense e o Vianense devem merecer maior favoritismo.

Os desafios da zona sul

Na Zona Sul o programa apresenta-se assim:

Oriental (8)-S. L. Olivais (4)
Arroios (2)-Barreirense (9)
Olhanense (10)-Estoril (2)
Juventude (5)-Almada (6)
Lusitano (4)-Montijo (7)
Beja (7)-Farense (6)
Portimonense (10)-Serpa (4)

Volta a haver uma jornada que se apresenta pouco propícia para os clubes da A. F. L. iniciarem a sua tentativa de fuga da zona perigosa. Com efeito, só poderá pensar-se que o Arroios (mesmo em casa) não resista ao Barreirense, como o Estoril não resistirá ao Olhanense. E, entre as duas equipas lisboetas, também, só é de admitir que o Olivais seja vencido.

Outro desafio em que o vencedor se desenha com clareza é o de Portimão, onde aos locais — «leaders» da classificação só poderá exigir-se cautela...

Restam três desafios como de prognóstico mais difícil: os de Évora, Vila Real de Santo António e Beja. As perspectivas são de desafios equilibrados e como o factor «casa» não deve pôr-se de lado, não é disparatado conceder favoritismo ás equipas visitadas.

PROVAS DA A. F. L.

Boas perspectivas

para amanhã

Como tem sucedido nos ultimos domingos, a actividade da A. F. L. está, amanhã, limitada a duas provas.

Uma — o campeonato distrital da I Divisão — engloba os seguintes encontros:

Alhandra-Sacavenense
Vilafranquense-Sintrense
Operário-Desp. Olivais
Casa Pia-Futebol Benfica.
Alverca-Vitória

Todos os desafios se realizam nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 13 h. em «reservas» e, ás 15 h., em «honra».

Um desafio domina todos os outros: o Alhandra-Sacavenense, que põe, frente a frente, os dois primeiros da classificação. Segue-se, em interesse, o jogo de Vila Franca, perigoso para os Sintrenses.

* * *

Os juniores da I Divisão disputam os seguintes encontros:

SÉRIE A — *Torriense-Atlético*, no campo das Covas, ás 10 h.; *Palmense-Casa Pia*, no campo José Ramos, ás 11,15 h.; *Arroios-Estoril*, no campo Alfredo Marques Augusto, ás 11 h.; *Benfica-Algés*, no Campo Grande, ás 10 e 30 h.

SÉRIE B — *Vila-franquense-Alhandra*, no campo de Vila Franca de Xira, ás 10 e 30 h.; *Oriental-Vialonga*, no campo Eng.º Carlos Salema, ás 10 e 30 h.; *Sporting-Belenenses*, no Estádio José Alvalade (treinos), ás 10 e 30 h.; *Charneca-Olivais*, no campo Chão do Loureiro, ás 10 e 30 h.

Na série A o jogo de maior interesse é o de Torres Vedras, enquanto, na série B todas as atenções vão para o Sporting-Belenenses.

MOTOCICLISMO

Campeonato Nacional de Condutores

A Federação Portuguesa de Motociclismo comunica-nos que, no Campeonato Nacional de Condutores, foram considerados vencedores António Sarmento Rebelo («scooters») e Afonso Espalha (motos).

A distribuição dos prémios será feita brevemente.

O PRETO NO BRANCO

O sorriso da verdade

de RAMADA CURTO

Constato com satisfação que há nas jovens gerações que chegam á vida um ardente desejo de saber, de estudar, de aprender, para serem uteis ás gerações que sobem, e são elas próprias, e, á colectividade. Tem sido muito bom o esforço económico e financeiro que o Pais tem feito para se dotar de novas fontes de energia económica e de riqueza sob várias formas. São os melhoramentos materiais. Mas penso que a base, a bageginha *como dizia o livreiro França Amado, do latim é, feitas as contas, o melhoramento do material humano, da gente, das pessoas que têm de aproveitar o outro material. E para que apareça este ultimo material é preciso ensinar, doutrinar, explicar para criar professores dignos desse nome e de arranjar estudantes que se aproveitem dos seus ensinamentos. Para o França Amado, a base, a* bageginha *não é o latim, é a gente, é o pessoal, são os Portugueses que é preciso tornar melhores, mais inteligentes, mais cultos, mais capazes. Dir-me-ão que a cultura dos homens, a utilidade deles depende, do que eles comem, de quanto comem e se lhes basta. E cá volta outra vez a história da base, da* bageginha. *Mas eu concordo que paralelamente ao interesse pelo corpo, o* soma *é também preciso tratar do espirito, a borboleta que está no casulo do corpo, a* psyche *como se diz em grego e com a morte se evola. Sobre este ultimo aspecto não sei nada. Sobre o soma, sei.* Soma *é o corpo e basta mudar-lhe o o em e para ficar em* sema *que é uma coisa triste que eu não digo. Mas enquanto o soma, animado pela* psyche, *andar por este vale de lágrimas é preciso tratar das duas coisas, cumulativamente. Porque eu não sou materialista, nem espiritualista, sou bacharel em Direito, como já se sabe. Sou, digamos,* tudista *porque tudo no homem meu semelhante, e meu irmão, tudo me interessa. Um estupido ignaro bem alimentado é um aimal estupido. Um génio a morrer de lazeira é uma calamidade para ele e para a sociedade. Já temos criado energia, irrigação, transportes e várias coisas; agora precisamos de escolas, de liceus, escolas técnicas, tudo coisas materiais mas necessárias. Mas precisamos criar material humano. A cepa é boa, mas o desenvolvimento é precário e este material humano ainda, por enquanto, deixa a desejar, quer dizer, precisa melhorár muito. Com os homens não se pode fazer como nas árvores: enxertá-los. D. João I foi enxertado em cepa inglesa ou vice-versa. Dai nasceu a* inclita geracão. *Durante os séculos XV e XVI nós fizemos coisas inacreditáveis. Depois temos os sessenta anos que foram tremendos mas voltámos a viver e o João Pinto Ribeiro era profissional de qualquer coisa de parecido com a minha profissão e era povo. Já antes disso o Mestre de Avis foi ao sitio onde é hoje o Limoeiro liquidar as contas com o Andeiro e correr com a «flor d'Altura» e pô-la para fora do Pais. Quem levou a massa atrás de si foi um alfaiate e quem acabou a obra foi um grande guerreiro que acabou em monge. Os tempos de hoje são diferentes. Precisamos é de gente, massa, população, anónimos capazes de fazer História. Alfaiates temos e sapateiros também. Pais de marinheiros e de navios, de frotas e de esquadras, precisamos das duas coisas. Vascos da Gama estou certo que ainda aparecerão, o que falta é qualquer coisa que corresponda ás caravelas da descoberta, ás naus da conquista. Que hoje não se trata de descobrir coisa nenhuma, nem de conquistar mais nada. De resto, nós só temos provincias ultramarinas que precisamos conservar. Felizmente que perdeu-se Arzila e Ceuta ao D. Afonso V que são na Africa do Islam, a Africa de Alah e do Alcorão. Esses do Islam já estiveram em Granada, em Córdova e em Sevilha que ocuparam. O Maghreb ocupou o Algharb. Certo estou em que os moiros não voltarão lá, nem para Olhão, a linda vila onde as casas são dados brancos, com azoteias por telhados e chaminés rendilhadas. A nossa Africa negra é de portugueses de cor porque eles nos «milandos» se alguém lhes chama negros respondem que são portugueses de cor. Com os Africanos do Islam não há nada que fazer, por mais que os civilizem, eduquem e instruam. Continuarão agarrados ao Mahomet e não há jeito a dar-lhes. Nós o que precisamos é de mais portugueses técnicos e cultos e com carácter. Abram-se escolas, formem-se lá fora se tanto for preciso mestres para essas escolas. Criemos o horror da mentira, da aldrabice, da falsa competência, do reclamo. Criemos o material humano, o principal e mais preciso material. Foi com essa gente que se fez a epopeia. As epopeias desde a Eneida, da Iliada e dos nossos Lusiadas, não são próprias do momento actual da História. A gente criada para hoje tem de ser gente de hoje. A vida é breve e o silêncio chega. Grandes responsabilidades as dos homens da nossa época que tenham responsabilidades. Os erros pagam-se quer para a direita quer para a esquerda. E queremos luz como o Goethe. E' preciso deixar entrar o sol pelas janelas e dar amplitude á voz dos homens que cantam sem ajudar os porcos que grunhem e o que querem é a gamela bem cheia. Estas considerações ao correr da pena exprimem vagamente a ambição dos homens de boa vontade que se absolvem dos erros próprios e condenam os erros alheios. E lamento hoje não ter feito, pelo menos, sorrir o leitor. Mas é que está um sol tão lindo que até apetece, seu eu soubesse e fosse capaz disso, proclamar a verdade com entusiasmo e desinteresse! A verdade é sempre bela quando proclamada de boa fé. E é deixá-la falar. Pôr diques contra a mentira é justo. Mas amordaçar a Verdade é criminoso porque o seu riso é alegre e claro como o Sol.*

DENTES
COMO ESTES
SÓ COM
PASTA
MEDICINAL
COUTO
CONTRA AS
DOENÇAS DA BOCA

ALMOCE OU JANTE no CARREGADO
Restaurante «IMPERIAL» de categoria
Prato da casa: «Ensopado de enguias»
Diferente de tudo
Quartos c/ banho privativo — Telef. 21

O ministro do Exército proferindo o seu discurso, na presença do subsecretário da mesma pasta

A revisão da orgânica militar

metropolitana e ultramarina foi apontada como indispensável pelo ministro do Exército

No Ministério do Exército realizou-se, esta manhã, a cerimónia de investimento de cinco oficiais-generais em algumas funções de chefia daquele departamento, acto que representou a primeira concretização prática do recente diploma que determina uma profunda alteração da estrutura do respectivo ministério. Foram investidos nos seus novos cargos os generais António de Matos Maia, vice-chefe do Estado-Maior do Exército; Manuel Lopes Pires, ajudante-general; Adelino Alves Veríssimo, quartel-mestre-general Aníbal da Silveira Machado, director-adjunto da Direcção-Geral de Instrução; e brigadeiro David dos Santos, director do Serviço de Pessoal.

Ao acto, presidiu o sr. coronel Almeida Fernandes, ministro do Exército, e estiveram presentes os subsecretário de Estado da mesma pasta, chefe do Estado-Maior do Exército, governador militar de Lisboa, administrador-geral do Exército, directores das várias armas e muitos outros oficiais-generais.

O discurso do ministro do Exército

A cerimónia principiou com um discurso proferido pelo sr. coronel Almeida Fernandes, que passou em revista os factores que mais fortemente têm influido ou influem na vida do Exército. Começou por assinalar a presença, cada vez mais firme e representativa, das forças armadas nas diversas parcelas do ter-

(Continua na 11.ª página)

Nova classificação do bacalhau nacional

Foi estabelecida, por portaria do Ministério da Economia, a seguinte classificação do bacalhau nacional:

Graúdo, peixes com mais de 2 quilos; *crescido*, de 1,400 kg. a 2 kgs.; *corrente*, de 0,700 kg. a 1,400 kg.; *miúdo*, de 0,250 kg. a 0,700 kg.; *sortido*, de 2.ª, com menos de 0,250 kg. e exemplares de maior tamanho com ligeiros defeitos de preparação ou conservação; *alecrim*, peixes desta espécie e afins, sem defeitos de preparação ou conservação com peso superior a 0,250 kgs. *sortido de 3.ª*, partidos ou amputados com peso mínimo de 0,100 kgs., os que apresentem defeitos de preparação ou conservação, e ainda o *alecrim* ou espécies afins, de peso inferior a 0,250 kgs.

PERDEU-SE um avião com 27 pessoas

CHARLOTTESVILLE (Virgínia), 31 — Um aparelho da companhia «Piedmont Airlines» que saíra ontem de Washington para Charlottesville, não chegou ao aeródromo desta cidade. Levava a bordo 24 passageiros e 3 tripulantes.

Receia-se que o avião tenha caído ou que tenha feito uma aterragem forçada. As pesquisas começaram imediatamente. — (F. P.).

Junghans
A marca de relógios bastante conhecida e cuja precisão é uma séria garantia. À venda só nas boas relojoarias e ourivesarias do País

HERNIADOS
NOVAS FUNDAS AO ALCANCE DE TODOS
SUSTEX
Uma Funda inteiramente nova
• Totalmente elástica
• Sem pelotas rijas — de cabedal ou borracha
• Sem molas ou varas de aço
• Compressão contensiva e de protecção bilateral
• Colocação rápida e fácil
• Higiénica
E PELA PRIMEIRA VEZ
A REGULAÇÃO PERMANENTE
CÓMODA — INVISIVEL DEBAIXO DO VESTUÁRIO — SUAVE
350$00 a 450$00
Experimente-a gratuitamente no Agente
farmácia AZEVEDO, filhos
LISBOA — ROSSIO, 31
onde um técnico especializado estará á vossa disposição no mês de
NOVEMBRO — Dias 2, 3, 4, 5, 6 e 7

O êxito té

e o significado da actuação da Marinha no exercício «F

Estão práticamente concluidas as actividades da Marinha de Guerra para o ano em curso, em matéria de exercícios, quer no ambito nacional quer no internacional. A sua actuação atingiu nível elevado, pelo comportamento de oficiais e guarnições, que deram o máximo do seu rendimento em navios que já não correspondem inteiramente ás necessidades da nossa Armada. Efectivamente as responsabilidades desta na defesa dos territórios nacionais têm vindo a aumentar gradualmente, sem que lhe sejam facultados os meios de acção para se desempenhar cabalmente de não poucas missões espinhosas.

O ultimo exercício «Funchalex» provou em parte a necessidade urgente de se reverem vários problemas, os quais têm merecido ao actual titular da pasta da Marinha um carinhoso interesse, que bem demonstra quanto ele anseia guindar a corporação que serve a um lugar de relevo no plano das forças armadas. Embora ainda estejam a decorrer as manobras navais que amanhã terminam, podem-se já focar alguns problemas que elas suscitaram. Mais uma vez estes exercícios demonstraram o prestígio da Marinha em todos os territórios portugueses, justificando claramente que o plano de tais exercícios se vá alargando mais e mais a distantes pontos do território nacional, do Minho a Timor.

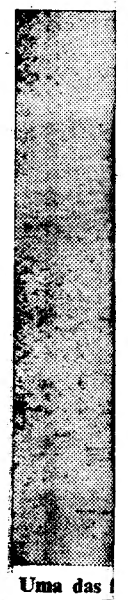
Reportando-nos directamente ao exercício «Funchalex», as peças nele participantes estiveram divididas em dois grupos: forças azuis «amigas»; forças amarelo-laranja «inimigas». Umas e outras desenvolveram um plano difícil e dessa sua missão se desincumbiram inteiramente a contento do sr. almirante Quintanilha e Mendonça Dias, que mais uma vez navegou no Atlantico, para pessoalmente poder seguir a evolução técnica e táctica da esquadra. Das forças «amigas» faziam parte os escoltadores oceanicos «Vouga», «Tejo», «Pero Escobar» e, mais tarde, terminada a sua acção como elemento das peças laranja (adversárias) a fragata «Corte Real» e «Santo» e nas «Fais Brás», qu boio milit de aviões conhecime aviões do que.

Por sua eram form ou seja, a primeira pelos subi tilo».

Vale na ra várias que não no momer velaram s as aptidõe Portugues complexas

As man vida, mon resse desd navio-cors do Tejo, Atlantico, ceptar a preparava atingir o missão —

Desde que varre cais, pont até á int corsário t de num p que mais que a Ar



Uma das

trátegas: Paulo Via te Castro las activi radas «in

A todo tida do co que de s rio, e fora providênc não colhe ção, aprov neira a a perfície, mento e cauções d do ataque depois de pelos navi

Viveram alta emoç ções em unico, o sempre, cia, se sab elevado n

Foi um interesse te da For que resol seus navio Mas não s rar tambe como o co que.

Em sum Portugues ram «á ma cia profis de acção

A activi Marinha d

to técnico

ignificado patriótico
a Marinha de Guerra
cício «Funchalex»

cluidas as
e Guerra
matéria
mbito na-
al. A sua
vado, pe-
ficiais e
máximo
vios que
iramente
Armada.
bilidades
órios na-
ntar gra-
sejam fa-
ção para
te de não
s.
unchalex»
idade ur-
os proble-
recido ao
Marinha
que bem
seia guin-
rve a um
das for-
nda este-
as navais
dem-se já
que elas
ez estes
o prestí-
os terri-
ando cla-
tais exer-
is e mais
itório na-

mente ao
peças ne-
divididas
uis «ami-
nja «ini-
senvolve-
dessa sua
inteira-
almirante
Dias, que
no Atlan-
poder se-
e táctica
«amigas»
res ocea-
Pero Es-
minada a
das peças
fragata

«Corte Real»; os patrulhas «Porto Santo» e «Santa Luzia»; o caça-minas «Faial» e o petroleiro «São Brás», que representavam o comboio militar, e ainda uma esquadra de aviões tipo PV 2 de apoio e reconhecimento e uma esquadrilha de aviões do mesmo tipo, mas de ataque.

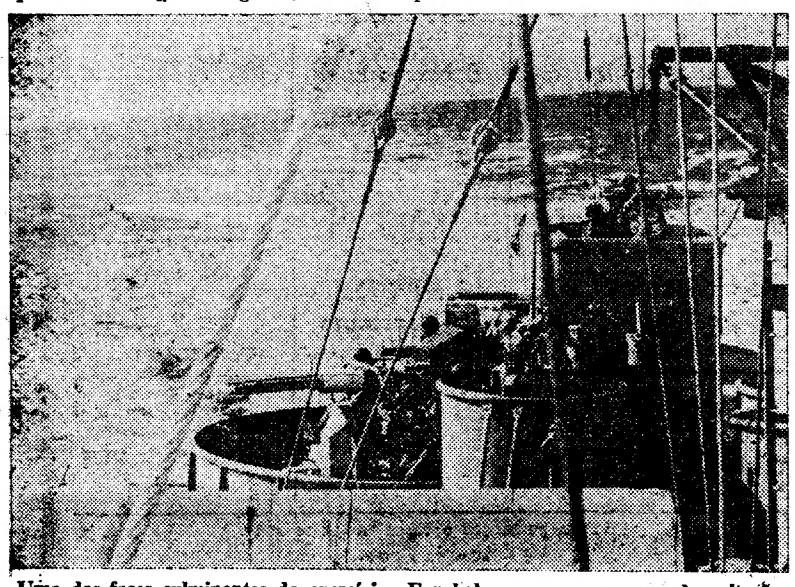
Por sua vez, as peças laranja eram formadas pelo navio-corsário, ou seja, a fragata «Corte Real», na primeira fase da sua actuação; e pelos submarinos «Narval» e «Nautilo».

Vale na verdade a pena focar agora várias fases do «Funchalex», que não puderam ser comentadas no momento oportuno, mas que revelaram sem duvida mais uma vez as aptidões dos homens da Marinha Portuguesa para as lutas duras e complexas dos oceanos.

As manobras atingiram, sem duvida, momentos de palpitante interesse desde o momento em que o navio-corsário ultrapassou a barra do Tejo, para se embrenhar no Atlantico, até que conseguiu interceptar a esquadra, quando esta se preparava para mudar de rumo e atingir o ponto nevrálgico da sua missão — a Ilha do Porto Santo.

Desde as evoluções dos aviões que varreram toda a área de Cascais, ponto de partida do comboio, até á intercepção do mesmo pelo corsário tudo se passou na realidade num plano de acerto impecável, que mais uma vez veio confirmar que a Armada Portuguesa tem estratégas: de um lado o comodoro Paulo Viana; do outro o comandante Castro e Silva o responsável pelas actividades das forças consideradas «inimigas».

Um sinaleiro, fazendo comunicações para um dos navios da esquadra



Uma das fases culminantes do exercício «Funchalex», em que, apesar da agitação do oceano, se vê uma das peças de artilharia a fazer fogo real

A todo o momento, desde a partida do comboio, se esperava o ataque de superfície do navio-corsário, e foram assim tomadas todas as providências para que esse ataque não colhesse de surpresa a formação, aproveitando-se da melhor maneira a aviação e os navios de superfície, e missões da reconhecimento e de exploração. Essas precauções deram, na verdade, sinal do ataque do corsário no dia 22, depois de ele ter sido descoberto pelos navios da escolta.

Viveram-se então momentos de alta emoção, com oficiais e guarnições empenhados num objectivo unico, o de provar que a Armada, sempre, em qualquer circunstancia, se sabe guindar a um plano de elevado nível técnico.

Foi um momento de palpitante interesse o da decisão do comandante da Força Naval do Continente, que resolveu sacrificar dois dos seus navios em defesa do comboio. Mas não se pode deixar de considerar também a maneira inteligente como o corsário desferiu o seu ataque.

Em suma, os homens da Marinha Portuguesa mais uma vez provaram «á maravilha» a sua competência profissional, embora os meios de acção escasseassem.

A actividade do sr. ministro da Marinha demonstra que não faltará talvez muito — embora o prazo de 10 anos não se possa deixar de considerar ainda longo — para que a Armada esteja 'apetrechada técnicamente para a sua cabal missão de defesa.

O seu rearmamento é indispensável e não deixará de se verificar gradualmente com a aquisição de novos escoltadores oceanicos, aquisição essa que está sendo encarada com toda a seriedade e rigor.

A Marinha ganhou uma espectacular batalha, a que ora se desenrolou no Atlantico, e prepara-se para vencer os obstáculos que se lhe deparem.

S. R.

Uma oferta de livros
por Assis Chateaubriand
foi entregue na Casa de Camilo
em São Miguel de Seide

SÃO MIGUEL DE SEIDE, 31.— *(Pelo telefone)*.—Celebrou-se hoje a cerimónia da entrega de 31 volumes de edições raras que faltavam na biblioteca da Casa de Camilo, as quais foram oferecidas pelo embaixador do Brasil em Londres, o escritor e jornalista Assis Chateaubriand.

Foi portador da valiosa oferta o sr. dr. Francisco Vieira Machado, antigo ministro das Colónias e amigo do ofertante, que veio acompanhado pelo sr. dr. César Moreira Baptista, secretário nacional da Informação. Foi aguardado pelo chefe do distrito de Braga, pelo presidente do Município de Famalicão e por componentes da comissão instaladora da Casa de Camilo.

Numa breve cerimónia, numa das dependências da casa-museu, onde viveu e morreu tragicamente o grande e desventurado Camilo Castelo Branco, o sr. dr. Vieira Machado referiu-se á obra do escritor e entregou os livros.

Fez o elogio do diplomata brasileiro referindo-se ao seu espírito original e á amizade que dedica a Portugal.

Usou, depois, da palavra o sr. dr. António Pinheiro Torres, da comissão instaladora, que agradeceu a valiosa oferta. Por sua vez, o escritor sr. dr. Sousa Costa, sugeriu ao secretário nacional da Informação que seja organizado, pelo S. N. I., um livro com as anotações e apostilhas feitas por Camilo nas suas obras.

O sr. dr. César Moreira Baptista disse julgar viável a sugestão, desde que seja entregue ao S. N. I. o material necessário.

Em seguida, o sr. dr. Nuno Simões, em palavras eloquentes, referiu-se ao representante do Governo brasileiro em Londres, que classificou um grande amigo de Portugal e um notável homem publico.

Por ultimo o presidente da Camara Municipal de Famalicão agradeceu a oferta, em nome do concelho.

Seguiu-se, por ultimo uma visita á casa que evoca o génio do glorioso romancista de «Eusébio Macário» e a tragédia do infortunado Camilo.

Um morto
e dois feridos
na derrocada de um prédio

GUIMARÃES, 31—*(Pelo telefone)* Um prédio, já com o 3.º andar, que estava a ser construído na zona da nova central de camionagem desta cidade, ruiu completamente esta manhã, pouco depois de os operários, em numero de 18, terem dado início ao trabalho, cerca das 8 horas. Tendo pressentido o desmoronamento, diversos operários que trabalhavam nos pisos inferiores fugiram imediatamente; o mesmo não aconteceu a três deles que se encontravam no ultimo piso, um dos quais o trolha António Fernandes de Castro, de 14 anos, da freguesia de Pinheiro, teve morte instantanea. Os outros dois recolheram ao hospital em estado muito grave, são eles: Manuel Valadares Ribeiro, de 15 anos, e José Martins Salgado, de 38 anos, casado.

As obras eram orientadas pelo empreiteiro Mário Parente Viana da cidade de Braga e o prédio destinava-se á firma J. Maia de Castro desta cidade.

O cinquentenário
da electricidade em Guimarães

GUIMARÃES, 31. (Pelo telefone).— Com a presença do ministro da Economia, a firma Bernardino Jordão, Filhos & Companhia, Ld.ª, festeja hoje de tarde, com uma sessão solene no Teatro Jordão, o cinquentenário da instalação em edifício próprio da subestação para fornecimento de luz e energia á cidade e concelho de Guimarães, evocando ao mesmo tempo a memória do fundador da firma sr. Bernardino Jordão. E' orador o economista dr. Nuno Simões.

Cruzeiro de jornalistas
durante doze horas
a bordo do "Skipjack"
— submarino atómico americano

NEW LONDON, 31 — Não há grandes panoramas a admirar, quando nos encontramos a navegar debaixo de água, a bordo de um submarino, mas sentimos uma sensação inédita e interessante.

Um grupo de jornalistas foi convidado, recentemente, para um passeio de 12 horas, a bordo do submarino atómico «Skipjack», que se dirigiu para um ponto do Atlantico, situado a 70 milhas ao Sul da Ponta Montauk.

Um espesso lençol de neblina matutina pairava sobre o porto de New London, quando entraram a bordo, ás 9 da manhã. O submarino tinha uma aparência soturna e sinistra, com o seu casco, obtuso e ovoide, desprovido de toda a superstrutura. É este contorno que faz com que o «Skipjack» seja hi-

(Continua na 11.ª página)

Emissora Nacional

Por despacho ministerial foi dada por finda, a seu pedido e a partir de amanhã, a comissão extraordinária de serviço publico, em que o sr. António Eça de Queiroz vinha exercendo o cargo de presidente da direcção da Emissora Nacional.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era moderado de Noroeste; o céu estava muito nublado nas regiões a Norte do Tejo e pouco nublado a sul deste rio; caíam chuviscos nalgumas regiões do norte do continente, por acção de uma massa de ar humido transportada na circulação de um anticiclone centrado a noroeste dos Açores.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS: Bragança, 11°; Porto e Lisboa, 14°; Portalegre, 9°; Faro, 12°; Ponta Delgada, 17°; Funchal, 18°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera: 17°,3; na água do mar, 15°,3.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 19°,0; mínima, 12°,8. No mesmo dia do ano passado: máxima, 19°,5; mínima, 14°,9.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu muito nublado, temporáriamente pouco nublado; vento moderado de Noroeste; possibilidade de chuviscos, em especial nas regiões montanhosas, passando a regime de aguaceiros fracos. Nevoeiros matinais nas regiões do litoral Oeste. Pequena descida de temperatura.

Dr. A. Dias Viegas
UROLOGISTA
MUDOU O CONSULTÓRIO PARA A RUA IVENS, 26-1.º

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

vogue

PETITE FLEUR — por SIDNEY BECHET

10 MILHÕES DE DISCOS VENDIDOS EM TODO O MUNDO!

EMIDISC POP

ORFEU NEGRO — O DISCO QUE CONSTITUI O MAIOR SUCESSO DE VENDAS, ACTUALMENTE, EM PORTUGAL

OUTROS ÊXITOS QUE CONTINUAM EM EVIDÊNCIA:

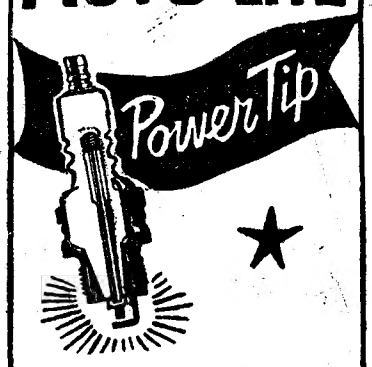
* PIOVE * JULIA * BUONA SERA SIGNORINA * GIORGIO * TEQUILLA * ESO ES EL AMOR * PATRICIA * ROCK A TANGO

ENCONTRA-OS À VENDA EM LISBOA: **GRANDES ARMAZÉNS DO CHIADO** — Rua Nova do Almada, 112

NO PORTO: **CASA FIGUEIREDO** — Rua de Santo António, 74

velas *

AUTO-LITE



TIPOS ESPECIAIS PARA TODOS OS MOTORES DE VÁLVULAS A CABEÇA

A MÁXIMA ECONOMIA DE FUNCIONAMENTO

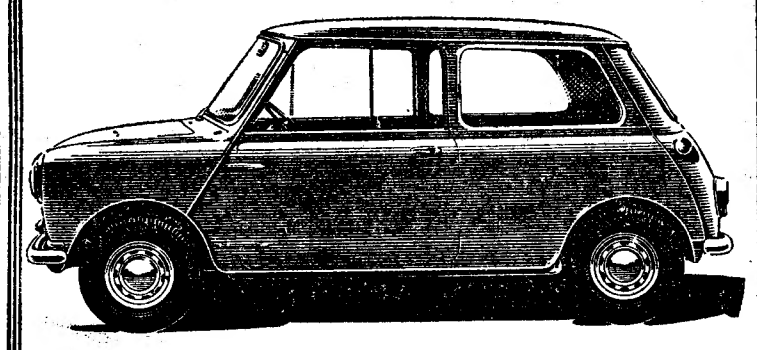
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

AUTO-LUSITANIA

AV. DA LIBERDADE, 73-79

R. CONCEIÇÃO DA GLÓRIA, 8-10-12

LISBOA



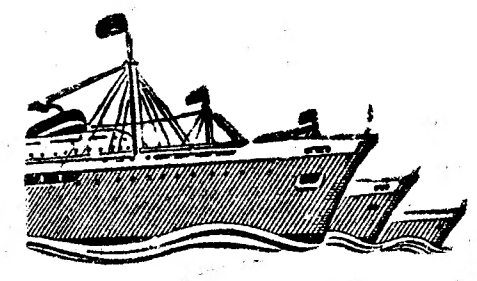
PARA TODAS AS VIATURAS QUE FABRICA A

THE BRITISH MOTOR CORPORATION LTD — BMC

RECOMENDA OS LUBRIFICANTES

WAKEFIELD Castrol MOTOR OIL

EXIJA-OS, POIS, E OBTENHA DO SEU CARRO O MÁXIMO RENDIMENTO!...



FLOTA ARGENTINA DE NAVEGACION DE ULTRAMAR

F. A. N. U.

Buenos Aires

SERVIÇO REGULAR PARA O NORTE DA EUROPA MEDITERRÂNEO E AMÉRICA DO SUL

PRÓXIMAS SAIDAS

Paquetes só de 1.ª classe

«LIBERTAD» «URUGUAY»	23 Novembro 14 Dezembro	Havre e Londres
«URUGUAY» «LIBERTAD» «URUGUAY»	3 Novembro 8 Dezembro 29 Dezembro	Rio de Janeiro e Buenos Aires

Paquetes só de 3.ª classe

«CORRIENTES» «SALTA»	28 Novembro 26 Dezembro	Nápoles e Genova
«SALTA» «CORRIENTES»	12 Novembro 13 Dezembro	Funchal, Rio, Santos, Montevideo e Buenos Aires

Para passagens e carga dirigir-se aos Agentes Gerais

SOC. COMERCIAL, OREY, ANTUNES & CIA. LIMITADA

Praça Duque da Terceira, 4

Telf. 22272 LISBOA Telgm. Antunita

Sub-Agentes no Norte

SOC. COMERCIAL, OREY & BARROS LEITE, LIMITADA

Rua da Nova Alfandega, 80

Telf. 20775 PORTO Telgm. DOREY

EDITAL
N.º 62

Eu, António Vitorino França Borges, Presidente da Camara Municipal de Lisboa, faço público, nos termos do disposto no § 1.º do art.º 340.º do Código Administrativo e do § 3.º do art.º 19.º do Regimento desta Câmara que se realizará uma reunião extraordinária no próximo dia 10 de Novembro, ás 10,30 horas, para «apreciação de proposta e deliberação acerca da fixação do sistema de tarifas a vigorar na exploração do Metropolitano de Lisboa».

E, para geral conhecimento, se publica o presente Edital.

Paços do Concelho de Lisboa, em 31 de Outubro de 1959.

O PRESIDENTE,

António Vitorino França Borges

ESTAÇÃO DE LISBOA (ROSSIO)

VENDA DE BILHETES

A C. P. comunica-nos que a partir do dia 1 de Novembro a venda de bilhetes para os comboios com origem nesta estação passa a ser feita no vestíbulo superior.

No vestíbulo inferior vendem-se sòmente bilhetes para os comboios com origem em Lisboa (Santa Apolónia).

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em ABRANTES e ALFERRARE DE por intermédio de CASACA & MARTINS.

+

Jorge Dias Valdez

FALECEU

Seus filhos e mais família, participam o seu falecimento, e que o funeral es realiza amanhã ás 11 horas, da Igreja de Santa Isabel, para o cemitério da Ajuda. Será rezada missa de corpo presente ás 9.30 horas.

AGÊNCIA BARATA

GABARDINES

Não compre sem ver na

CASA MAX

R. D. Estefania, 193-F

FEIRAS E ROMARIAS A REALIZAR NO MÊS DE NOVEMBRO

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Novembro, as feiras e a romaria que a seguir se indicam, a C. P. vende, em algumas das suas estações, bilhetes a preços reduzidos:

RÉGUA E BAGAUSTE — Romaria a Santa Eufêmia, em Bagaúste, no dia 1.

BORBA — Feira Anual, nos dias 1 e 2.

PENAFIEL — Feira de São Martinho e Feira das Prendas, nos dias 10, 11 e 15.

PORTIMÃO — Feira de São Martinho nos dias 11 a 13.

Os cartazes anunciadores destes serviços especiais podem ser consultados nas estações.

LIVRAMENTO

+

Maria da Conceição Patrocínio

FALECEU

Seus sobrinhos cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento, realizando-se o funeral amanhã, dia 1, pelas 9 horas para o cemitério local.

A revisão da orgânica militar

(Continuação da página central)

ritório nacional espalhadas pelo Mundo, em resultado do sucessivo agravamento das ameaças que pesam sobre o Ultramar português, acrescentando que o Exército tende, cada vez mais, a ter nas províncias ultramarinas a maior parte dos seus efectivos e dos seus quadros. Ainda sobre este aspecto, disse que as condições que impõem esse reforçamento militar poderão constituir estímulo para o fomento populacional e espiritual dos referidos territórios, pois «o Exército dispõe de importantes potencialidades a aproveitar, mesmo para fins não exclusivamente militares».

Em seguida, aludiu á má adaptação da actual infraestrutura do Exército e até do espírito de alguns dos seus componentes ás realidades militares que as contingências das alianças e do mundo a que estamos ligados nos impõem; á disparidade existente entre o alargamento das responsabilidades atribuidas ao Exército e a exiguidade dos meios com que é possível contar. Mais adiante declarou ser indispensável que em todos os escalões exista uma obstinada preocupação em dar objectividade e eficiência ás respectivas actividades.

O ministro desenvolveu depois, algumas considerações sobre os objectivos actuais e a acção a empreender pelo Exército. A finalidade fundamental, disse, está em «conseguir aquele exército de que a Nação precisa, com o máximo rendimento dos meios, e dos esforços que para o efeito ela lhes proporciona». Declarou também:

— A despeito das aragens de utopia que por vezes varrem certos meios, mais ou menos inconscientes, nós acreditamos, como nunca, que a Nação precisa do seu Exército, e não só como instrumento de eventual utilização em caso de emergência. Ele está agora, a todo o momento, actuando em sua defesa pelas quatro partidas do mundo português, sustentando a sua integridade. Ele dá, mas deve dar em muito maior escala e em permanência, uma inestimável colaboração no procurado progresso nacional.

Referiu-se, em seguida, ao reajustamento dos quadros dirigentes do Exército, á sua necessidade e importancia, acrescentando que, «uma vez reformados os órgãos centrais do Ministério, será, então, possível lançarmo-nos afoitamente numa outra tarefa ainda mais árdua e que vem já, desde há tempos, a preocupar seriamente as nossas atenções. Refiro-me á revisão da actual organização militar territorial, metropolitana e ultramarina.

Depois, dirigindo-se aos oficiais empossados, aos quais desejou prosperidades e referiu a sua pesada missão: aproveitar os dois ultimos meses deste ano para adaptar progressivamente os serviços ás novas disposições da lei organica do ministério e para preparar os vários diplomas complementares; rever os actuais planos de preparação e de mobilização das forças terrestres; completar os estudos, já iniciados, de revisão da actual organização militar territorial, da Metrópole e Ultramar; organizar os vários serviços de harmonia com directivas já fornecidas; ultimar os estudos sobre a reorganização dos cursos professados no Instituto dos Altos Estudos Militares e sobre a reorganização das escolas práticas das Armas e dos Serviços; rever o problema da preparação e formação dos sargentos dos vários quadros do Exército; e preparar uma nova lei de quadros e efectivos correspondente á nova organização do ministério, já publicada, e á reorganização territorial prevista, tendo também em conta os planos de mobilização.

Além destas tarefas, o coronel Almeida Fernandes chamou a atenção para mais os seguintes objectivos: revisão das normas de colocação de oficiais e sargentos e de nomeação para serviço no Ultramar; conclusão dos trabalhos de revisão do Regulamento-Geral do Serviço do Exército; e revisão do Regulamento dos Deveres Militares e do Código de Justiça Militar.

Após o seu discurso, o ministro do Exército, que informou, também, ser em breve dada posse ao inspector-geral do mesmo departamento, reuniu-se, em sessão privada, com as já citadas individualidades.

VIDA RELIGIOSA

O centenário da Sociedade de S. Vicente de Paulo

Integrada nas comemorações do centenário da Sociedade de S. Vicente de Paulo foi hoje celebrada na igreja de S. Luís dos Franceses missa por alma dos vicentinos falecidos desde a fundação da Sociedade. Foi celebrante o reitor daquele templo.

Ao piedoso acto assistiram o 1.º conselheiro da embaixada de França e outras individualidades, nomeadamente ligadas áquela organização católica. Esta tarde haverá uma sessão de estudo no salão da Acção Católica, que prosseguirá á noite, na cripta da igreja de S. João de Deus.

NECROLOGIA

D. Antónia Ema Restani da Silva

Faleceu ontem a sr.ª D. Antónia Ema Restani da Silva, natural do Porto, mãe das sr.as D. Irene Natália Restani da Silva Ribeiro e D. Ema Maria Restani da Silva Douwens e dos srs. eng.º Francisco Inácio Restani da Silva e Alberto Inácio Restani da Silva.

A extinta era sogra dos srs. Artur Fernandes Alves Ribeiro e dr. António Douwens e das sr.as D. Clotilde Blanco dos Santos Restini da Silva, D. Maria Natália de Vasconcelos Restani da Silva e D. Maria Zélia Silveira Restani da Silva, e irmã das sr.as D. Ema Madalena Restani Pinto e D. Ilda Maria Restani Graça. O seu funeral, a cargo da Agência Mega, realiza-se amanhã, dia 1, pelas 10 horas, da igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima para jazigo no cemitério dos Prazeres.

Jorge Dias Valdez

Na sua residência, na Rua de S. Bento n.º 406-2.º dt.º, faleceu o sr. Jorge Dias Valdez, de 82 anos, viuvo, natural de Lisboa. O funeral a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da igreja de Santa Isabel, para o cemitério da Ajuda.

SUFRAGIOS

Missa por alma dos aviadores mortos no cumprimento do dever

Na segunda-feira, ás 11 horas, realizar-se-á, na igreja de São João de Deus, missa por alma de todos os aviadores da Força Aérea Portuguesa mortos no cumprimento do dever. Será oficiante o padre João Ferreira, capelão-chefe da Força Aérea.

Julio dos Santos Ribeiro

MISSA ANIVERSARIO

Clotilde Ribeiro, Genoveva Ribeiro Henriques Pais, Julia de Sousa, Januário Henriques Pais, Valentina Rocha de Sousa, Palmira Ribeiro, Carolina Ribeiro Rodrigues, Zolinda da Fonseca e Vítor da Fonseca, participam que, amanhã, 1 de Novembro, dia do seu aniversário natalício, será rezada, ás 11 horas, na capela da Oliveirinha, missa pelo eterno descanso do seu querido e chorado marido, pai, sogro, irmão e cunhado, agradecendo desde já a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Tribunais

Condenado por desordem e agressão

No 3.º Juízo Criminal da Boa-Hora, em audiência colectiva, presidida pelo sr. dr. António de Andrade, responderam Américo Rocha Guedes, de 48 anos, empregado do comércio, de Moimenta da Beira, e João de Sousa Moreira, de 37 anos, empregado de escritório, de Cascais, que em Abril do ano passado se envolveram em desordem, quando embriagados, tendo o primeiro esfaqueado o segundo, causando-lhe doença que se prolongou por oitenta dias. O Guedes foi condenado em vinte meses de prisão, treze meses de multa a dez escudos por dia e mil escudos de imposto. O Moreira foi absolvido.

Cruzeiro em submarino atómico

(Continuação da página central)

drodinamicamente superior aos outros submarinos.

O capitão, comandante W. W. Behrens, apresentou as boas-vindas aos jornalistas. Quando o submarino começou a navegar com rumo ao mar alto, toda a gente desceu para o interior, onde se deparava um labirinto de máquinas comandadas electrónicamente.

Três horas depois, já suficientemente ao largo, para poder mergulhar, foi demonstrada a manobrabilidade do navio.

O capitão, na ponte, deu instruções ao oficial do convés para efectuar a operação de submersão. Um dos marinheiros, lá em baixo, sentado em frente de um quadro repleto de complicados instrumentos, mudou de posição alguns comutadores. A sereia de alarme, a anunciar mergulho, soltou dois silvos. O submarino começou a descer.

Em três minutos estava a 140 metros abaixo do nível do mar. Era a altura de começar as manobras.

O submarino descreveu um angulo agudo, adornou um pouco, desfez o angulo e descreveu outro, afocinhou e empinou-se, obrigando jornalistas e a guarnição a agarrarem-se a qualquer coisa que encontravam pela frente.

Houve uma sensação de alívio quando o capitão ordenou que os lemes mantivessem um novo rumo de «profundidade estável». Em toda a gente desapareceu a tensão de nervos.

Os nove oficiais e os 75 outros membros da guarnição vivem em alojamentos modernos e bem iluminados. A tripulação paga 35 cêntimos pelo pequeno almoço, 40 pelo almoço e 35 pelo jantar. Todos se sentem orgulhosos do seu submarino do tipo de caça, cuja construção importou em 45.000 milhões de dólares. Afirmam que tem velocidade, grande raio de acção, aptidão de detecção e poder de fogo.

Numa espreitadela para dentro da sala dos torpedos, permite ver tubos de lançamento com um comprimento que varia entre os 3 e os 7 metros, podendo ser utilizados com qualquer espécie de ogivas.

Arrumados dentro do casco encontram-se o reactor atómico, a sala de comando dos mísseis, o equipamento de *contrôle* de fogo e a mesa de operações.

No interior do submarino sentimo-nos quase tão confortàvelmente instalados como em nossa própria casa. Nalguns dos compartimentos é como se vivessemos numa cozinha de acção inoxidável. Raras vezes aparece acesa a lampada a prevenir que «é proibido fumar». A guarnição pode fumar quase a qualquer hora que lhe apeteça.

O passeio terminou ás 21 horas, quando o submarino regressou, tranquilamente, á sua doca em New London. Tinha percorrido 215 milhas, num cruzeiro de 12 horas. — (A. N. I.).

O embaixador da Alemanha

visitou as instalações da Siderurgia Nacional, no Seixal

Ontem, ao fim da tarde, as instalações da Siderurgia Nacional, no Seixal, foram visitadas pelo sr. embaixador da Alemanha.

Nos escritórios do Consórcio foram dadas ao ilustre visitante, pelo presidente do conselho de administração daquela importante empresa, sr. António Champalimaud, todas as explicações em face de um mapa da implantação das obras.

Após estas explicações, foram percorridas as principais edificações em curso, como alto forno, aciaria, laminagem, etc., tendo a visita terminado cerca das 18 horas.

O sr. embaixador da Alemanha, dr. Herbert Schaffarczyk, que se fazia acompanhar pelo adido comercial, sr. Heinrich, pelo adido da Imprensa, sr. Dohms, e pelo 2.º secretário da Embaixada, sr. Vacano, foi durante toda a visita perfeitamente elucidado sobre a marcha dos trabalhos pelo sr. António Champalimaud e pelos técnicos alemães do Consórcio e engenheiros portugueses, encontrando-se, também presente, o delegado do Consórcio, dr. Arnold Adam, eng.º Heltwig, eng.º Boettcher e dr. Luís Avilez.

Universidade de Evora

(Continuação da 1.ª página)

dante-geral da G. N. R., general Aníbal Vaz, comadante-geral da P. S. P., coronel Edmundo Luz Cunha, comandante da P. S. P. de Lisboa, subdirector da P. I. D. E., membros da Casa Militar da Presidência da Republica como o brigadeiro Teixeira Pinto, comandante Guilherme Tomás, comandante Benvindo da Fonseca e capitão Soares da Cunha, secretário-geral da Presidência, dr. Luís Pereira Coutinho, e pela C. P. os engenheiros Mário Costa, administrador-delegado, Henrique Brion e Gomes Leal. Encontrava-se também na estação a filha mais velha do sr. almirante Américo Tomás.

Acompanharam o sr. almirante Américo Tomás e sr.ª D. Gertrudes Tomás, os srs. coronel Arnaldo Schultz e esposa, prof. dr. Leite Pinto e esposa, o nuncio apostólico, arcebispo de Évora e elementos da Casa Militar da Presidência da Republica.

O comboio presidencial foi conduzido pelo eng.º Gomes Leal, da administração da C. P.

Nas estações de Setil e Vendas Novas entraram no comboio, respectivamente, o governador civil e o presidente da Camara de Santarém, e governador civil de Évora, que ali, no limite do concelho, aguardavam o Chefe do Estado.

O sr. almirante Américo Tomás e a sua comitiva almoçaram no comboio.

Chegada a Évora

Na estação, festivamente engalanada com bandeiras nacionais e festões, o Chefe do Estado era aguardado pelas mais altas autoridades civis, militares e religiosas do distrito, que lhe tributaram uma calorosa ovação.

Acompanhado pelo sr. Felix Mira, o sr. almirante Américo Tomás dirigiu-se imediatamente para o largo fronteiro á estação, onde tomou lugar num «landau» puxado a cinco cavalos, da casa Ervideira. Num «breack» também aberto tomaram lugar a sr.ª D. Gertrudes Rodrigues Tomás e as esposas dos srs. ministros do Interior e da Educação Nacional e do chefe do distrito. A passo, o cortejo, no qual se juntou uma dezena de automóveis com os membros do Governo e as autoridades do distrito, seguiu pela Avenida Baraona que estava ladeada por forças do Regimento de Artilharia 3, comandadas pelo sr. major Costa Branco. Quando chegou ao Rossio de S. Brás o presidente da Republica recebeu os cumprimentos do presidente e vice-presidente da Camara Municipal de Evora, respectivamente dr. João Vieira da Silva e eng. Carlos Garcia Fialho.

Uma bateria daquela unidade comandada pelo aspirante Xavier da Cunha salvou ao Chefe do Estado com 19 tiros.

O sr. almirante Américo Tomás, que se mantivera em continência, passou então revista á guarda de honra, constituida pelos Regimentos de Infantaria 16, com banda de musica. Terminada a cerimónia militar o sr. Presidente da Republica recebeu das mãos do sr. Raul Calado de Almeida, o vereador mais antigo do município eborense, as chaves da cidade, entre as aclamações da densa multidão que ali se encontrava.

O sr. almirante Américo Tomás subiu de novo para o «landau» agora acompanhado pelo dr. João Vieira da Silva. Sempre a passo muito lento, o cortejo dirigiu-se para os Paços do Concelho, passando pela Rua da Republica, Praça do Geraldo, Rua João de Deus, Largo da Porta Nova, Rua do Salvador e, por fim, a Praça Sertório. Ao longo do percurso o Chefe do Estado foi carinhosamente saudado por milhares de pessoas. Infelizmente, a decoração das ruas com bandeiras, festões e palmitos de cores muito berrantes e com certo sabor minhoto, apenas prejudicava a arquitectura medieval da cidade.

Junto da porta principal do edifício, onde o sr. Presidente da Republica foi recebido pelo vice-presidente e pela vereação, estava armado um sólio apoiado em colunas de talha dourada e ladeado por tocheiros.

Sessão solene de boas-vindas

O sr. Presidente da Republica, passando pelo átrio, subiu pela grandiosa escadaria que conduz ao primeiro andar, ornamentada com colgaduras de fundo carmezim, com o escudo nacional e as armas da cidade, dirigiu-se ao salão nobre dos Paços do Concelho, onde presidiu á sessão solene de boas-vindas. Na mesa da presidência, o sr. almirante Américo Tomás ficou ladeado pelos ministros do Interior e da Educação Nacional, Nuncio apostólico, arcebispo de Evora, representante do cardeal patriarca, governador civil e presidente da camara municipal. Em lugares especiais viam-se os srs. prof. dr. Carlos Moreira, em representação do reitor da Universidade de Coimbra e presidente da Sociedade Internacional Francisco Suarez, os embaixadores da Espanha, França, Suiça, Alemanha e Bélgica, padre Durão Alves, reitor da Faculdade Pontifícia de Filosofia e representante da Vigário Geral da Companhia de Jesus, além das autoridades civis e militares do distrito.

Usou da palavra, para saudar o sr. almirante Américo Tomás, o presidente da Camara Municipal de Evora, que afirmou considerar extraordinàriamente honrosa a incumbência de dirigir a palavra ao militar distintíssimo e intrépido marinheiro, directo continuador daqueles que traçaram as rotas do Império, e que da «lei da morte se foram libertando». Depois de recordar que Evora é o centro de uma província rica de pergaminhos pejados de valorosos feitos militares e de empreendimentos espirituais da maior projecção, afirmou que esta cidade sentiu sempre a presença dos chefes que abriram largos horizontes da nossa História, como Afonso Henriques, Afonso o «Bravo» e o Mestre de Aviz e enalteceu as figuras de Vasco da Gama e do cardeal D. Henrique. A terminar disse:

— Presentemente, porém, «já não há moiro na costa nem indio por descobrir» mas há, decerto, uma ansiedade de luz que ilumine os novos e os velhos mundos. Prouvera a Deus que Evora, que na sua raiz universitária tanto os iluminou possa ver realizado o seu sonho de uma vez mais voltar a iluminar agora pela mão de V. Ex.ª».

Ao responder, o sr. almirante Américo Tomás agradeceu a carinhosa recepção que o povo de Evora lhe dispensou e enalteceu a contribuição do Alentejo para a História de Portugal e especialmente para a sua expansão militar e espiritual no Ultramar.

Após a sessão de boas vindas, o Chefe do Estado dirigiu-se ao gabinete da Presidência do município, onde recebeu os cumprimentos das autoridades locais. Seguidamente, o Chefe do Estado e a comitiva dirigiram-se para o edifício do governo civil, onde ficam alojados durante a sua estadia.

O Chefe do Estado dá uma recepção

Ainda durante a tarde o Chefe do Estado deve visitar a Casa Pia e a igreja de Lojos e inaugurar, no ginásio do liceu, a Exposição Bibliográfica comemorativa do IV Centenário da Universidade.

A's 20 horas, no palácio de D. Manuel, o governador civil de Évora oferece um banquete ao Chefe do Estado, a que estarão presentes, além dos membros da comitiva presidencial e das autoridades do distrito, os chefes das delegações estrangeiras ao Congresso Científico Internacional. Segue-se uma recepção oferecida pelo sr. Presidente da Republica, também naquele palácio, ás entidades de maior relevo na vida política e social de Évora e a todos os congressistas.

As últimas sessões práticas do Congresso

Realizam-se, hoje, as ultimas sessões práticas do Congresso Científico Internacional, reunindo-se as cinco secções. Presidiu á 1.ª, o prof. Demétrio Ibarraguirre; á 2.ª, prof. Providência da Costa; á 3.ª, o prof. Juan Beneyto; á 4.ª, o prof. Josef Moreau; e á 5.ª, o prof. Hans Peter.

Agradecimento à Imprensa do presidente da Camara de Évora

Esta manhã, na Comissão Municipal de Turismo, o presidente da Camara recebeu os jornalistas, agradecendo-lhes a colaboração nas festas comemorativas da fundação da Universidade de Évora.

Um congressista vítima de acidente

Na visita de ontem ao castelo de Vila Viçosa, ao descer uma escada, caiu, fracturando uma perna, o congressista Aimé Forrester, que recolheu ao hospital da Misericórdia de Évora.

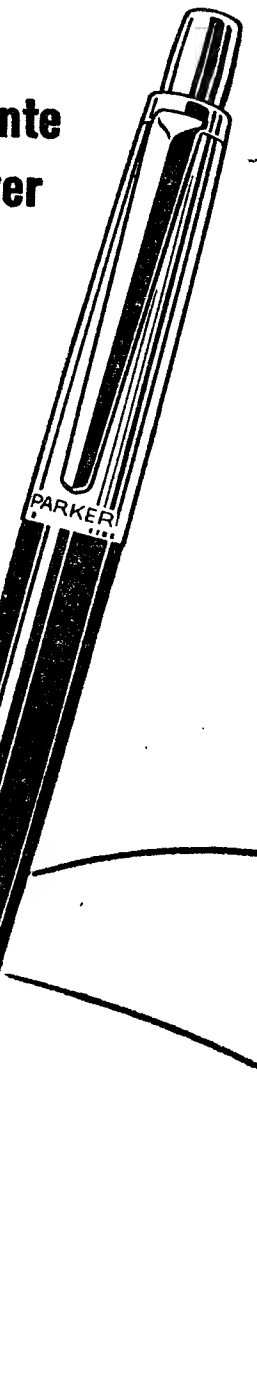
A esferográfica Parker T-Ball

...responde instantâneamente
à sua maneira de escrever
o que não acontece
com qualquer outra
esferográfica vulgar.

traço fino e delicado

traço médio firme

traço mais grosso e
acentuado



A diferença reside na qualidade Parker

A esferográfica Parker T-BALL tem como instrumento de escrita qualidades idênticas às de uma caneta de tinta permanente custando apenas ligeiramente mais do que qualquer outra esferográfica vulgar. Começa a escrever instantâneamente, em resposta ao seu toque pessoal!

Nada há de mais diferente entre si do que as assinaturas pessoais e contudo há variadíssimas assinaturas feitas com esferográficas vulgares que se assemelham inteiramente. Este facto nunca acontece com uma esferográfica Parker T-BALL! Assim como uma boa caneta se adapta à mão do seu possuidor, a esferográfica Parker T-BALL ajusta-se igualmente à diversidade de pressões de escrita. Um toque ligeiro produz um traço fino e aumentando a pressão aumentará simultâneamente a grossura do traço. É uma outra importante característica da esferográfica Parker T-BALL que custa apenas ligeiramente mais que qualquer esferográfica vulgar.

A esferográfica Parker T-Ball

UM PRODUTO DE THE PARKER PEN COMPANY

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL:

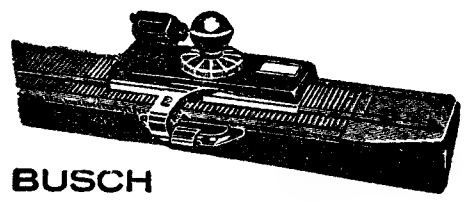
VIALGA, Representações SARL — Av. António Augusto de Aguiar, 90-7.° LISBOA

No. 9-8842

Máquinas de tricotar

BUSCH

Um produto Suiço da mais alta qualidade

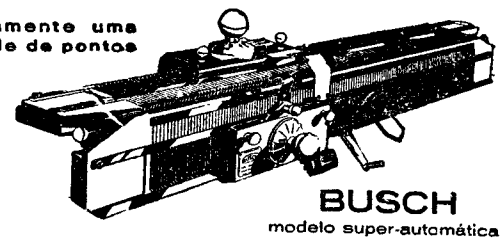


As máquinas de tricotar mais práticas até hoje apresentadas

BUSCH
modelo simples

Faz automàticamente uma enorme variedade de pontos

A máquina que responde às mais altas exigências



BUSCH
modelo super-automática

A máquina de sonho que executa todos os pontos duma forma impressionantemente simples

PREÇOS

MODELO SIMPLES
- a pronto pagamento Esc. 2.500$00
- a prestações até 24 mensalidades de Esc. 115$00

MODELO SUPER-AUTOMÁTICA
- a pronto pagamento Esc. 4.800$00
- a prestações até 30 mensalidades de Esc. 180$00

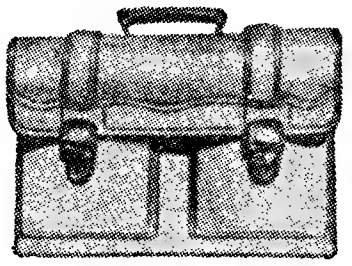
Agora todas as senhoras, podem comprar sem sentir estas maravilhosas máquinas de tricotar trabalhando dentro uma instrução completa no manejo da máquina a todas as compradoras

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS.

Agencia Comercial Sueca, L.da

Av. Fontes Pereira de Melo, 45 — Telef. 733111 — 4 linhas — LISBOA
No Norte:
M. SIMÕES JR. LDA.—R. de Santo António, 208—Telef. 25581—PORTO
DELEGAÇÃO EM COIMBRA: RUA FERNÃO DE MAGALHÃES, 32-2.º

PASTAS



30 anos de abrico todos os modelos fornece ao comércio
Comprido - R. Madalena 87

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada à Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz à moda da casa
Filetes à Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril à Coruja
Bifes de Vaca na Caçoila
Cabrito à Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região
(6 anos)

SURPRESA...

UM ÓPTIMO VINHO DE MESA!

Os vinhos SURPRESA, em garrafão, brancos ou rosados, têm «agulha» e são preparados nas próprias vindimas. Além do esplêndido paladar, oferecem aos seus consumidores, prémios de 1.000$00, 500$00, 100$00 e 50$00 ou ainda outro garrafão. VEJA A CHAPINHA NUMERADA NO INTERIOR DA ROLHA.
Os vinhos SURPRESA são uma surpresa para o paladar mais exigente.

ARMAZENISTAS - EXPORTADORES
SOCIEDADE DOS VINHOS DO SUL, L.DA
RUA LUÍS PINTO MOITINHO, 5-B — LISBOA

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

as complicações que podem desencadear, quando menos se espera, de maneira a intervir se com oportunidade, segurança e proveito para o doente.

Os antibióticos podem originar três tipos de complicações: aparecimento de fenómenos altamente tóxicos; estados de sensibilização e alterações da flora fisiológica, ocasionando superinfecções ou o aparecimento dos chamados estados carenciais.

Quanto à toxicidade, convém notar que a tirotricina, a gramicidina e a tiroticina são dos mais tóxicos hemolíticos, hepatotóxicos e nefrotóxicos) e só devem ser aplicados localmente).

As polimixinas são para uso local ou oral; a neomicina (droga difícil de manejar e que provoca, com facilidade, o aparecimento de bactérias resistentes) só deve ser utilizada por via oral: a estreptomicina e a hidroestreptomicina (Selman A. Waksman e Hubert A. Lechevalier, «Guide to the Classification and Identification of the Actinomycetes and their Antibiotics», Baltimore, 1953) são escassamente tóxicas. A mistura de ambas diminui a toxicidade. As duas são, porém, neurotóxicas, podendo originar complicações vestibulares e do ramo auditivo (oitavo par).

A eritromicina é igualmente pouco tóxica, se bem que ocasione por vezes perturbações gástricas e vómitos; a clortetraciclina, oxitetraciclina e a tetraciclina, tão conhecidas de todos, possuem toxidade mínima provocando, nalguns enfermos, desarranjo intestinal (gastrites, vómitos e diarreias). Estão contra-indicadas nos renais, podendo provocar a morte por acumulação do antibiótico.

O uso do cloranfenicol deve ser controlado, devido a terem sido já verificadas discrasias sanguíneas (anemia plástica, e outras).

A ristocetina pode atacar a medula óssea e provocar, tal como o anterior, discrasias sanguíneas (Welch e col., 1957).

O choque anafilactóide é a mais grave das complicações originadas pelo uso e abuso dos antibióticos. A penicilina é, por si, responsável de noventa e oito por cento dos casos de choque, com uma mortalidade de nove por cento.

As estreptomicinas, o cloranfenicol e as tetraciclinas totalizam dois por cento, cabendo, nesses dois por cento, a maior percentagem aos primeiros.

Outras complicações — talvez as mais frequentes — são o edema angioneurótico e as urticárias. A penicilina aparece nas estatísticas com noventa e sete por cento; a tetraciclina, novobiocina, eritromicina e cloranfenicol, com três por cento.

Todos estes antibióticos originam ainda outras alterações cutâneas, que não vem a propósito enumerar (penicilina: noventa e cinco por cento, novobiocina, estreptomicinas, tetraciclinas e eritromicina, cinco por cento).

E quanto ás alterações da flora fisiológica? A leitura cuidada das mais modernas estatísticas refere: 1.º (superinfecção) enterite estafilocócica, noventa e três por cento; tetraciclinas, oitenta e seis por cento; outros antibióticos, catorze por cento. Mortalidade; trinta e nove por cento); 2.º (moniliasis) sete por cento, sendo as tetraciclinas responsáveis por sessenta e dois por cento, e os outros antibióticos, só ou em combinação, por trinta e oito por cento. Mortalidade; doze por cento; 3.º (estados carenciais). Tetraciclinas (carência de vitamina B_{12}; ácido fólico, nicotilamida, riboflavina e tiamina); cloranfenicol (carências dos mesmos factores). Com este último antibiótico registaram-se casos de diarreia sanguínea, devido a pronunciada carência da vitamina K.

Todos estes dados estatísticos foram reunidos pela «Food and Drug Administration», dos Estados Unidos, correspondendo a um período entre Janeiro de 1953 a Dezembro de 1957.

Verifica-se pelos números acima referidos que as complicações mais vulgares são: choques anafilactóides, ocasionados pela penicilina e suas combinações, e superinfecções devidas aos estafilococos, motivadas, em grande parte, pelas tetraciclinas.

Os primeiros acidentes, apesar de graves, são fáceis de tratar; os segundos, imprevistos, difíceis de combater.

As urticárias e os estados carenciais, assim como o edema angioneurótico, não são graves.

Schindler, na última edição do «Tratado de Gastrenterologia», e Cowdry chamam a atenção para os desacatos cometidos com o cloranfenicol, cujas indicações são precisas: tifo, paratifos, enterocolites, desenteria, colite ulcerosa, pneumonias atípicas, brucelose, febre botonosa, exantemática, recorrente, Q e psitacose, granuloma inguinal (Nicolas-Fabre) e venéreo (Donovan) e algumas dermatites, sendo também eficaz contra estirpes penicilino e sulfanamidoresistentes. A paraxine substitui o cloranfenicol com vantagem. É o cloranfenicol levógiro, obtido por síntese total, idêntico ao natural, sintetizado pelo «Streptomyces venezuelae».

Para evitar os estados carenciais associa-se à aneurina, lactoflavina, nicotilamida, panfotenato de cálcio, vitaminas B_6 e B_{12}, tal como sucede com as tetraciclinas.

Devem evitar-se pomadas, instilações e colírios com antibióticos, a não ser por expressa indicação médica. Podem motivar, a distância quando se torna necessário utilizar doses maciças de antibióticos, acidentes graves (Vaughan-Black, «Primer of Allergy», St. Louis, 1959).

Só agora, decorridos muitos anos sobre o aparecimento dos antibióticos, as estatísticas colhidas em serviços responsáveis fornecem dados elucidativos e mais amplas informações do que as notas prévias publicadas em diferentes países, pormenores preciosos que orientam o médico na conduta a seguir.

Todas as drogas, da aspirina ao mentol, podem desencadear numerosas complicações, umas mais graves do que outras, com consequências presentes ou futuras. Não é a própria vida maré alta de complicações? Bolir nela representa sempre um problema a juntar a tantos outros existentes ou arquivados.

Os tranquilizadores, por exemplo, não são inofensivos: podem provocar alucinações, não aquietar os enfermos, produzir habituação.

Não admira, pois, que suceda o mesmo com os antibióticos. Só o médico, consciente administrador da saúde alheia, os deve aconselhar e prescrever, tomando inteira responsabilidade do acto.

Cada um deles tem as suas indicações precisas. Injectados ou tomados ao acaso, sem peso, conta e medida, além do mais, alteram o quadro clínico, a fórmula sanguínea, a marcha da doença, dificultando destarte o estabelecimento de um diagnóstico seguro.

Observar com cuidado e saber esperar, dar tempo ao tempo, diagnosticar e prescrever com acerto, constitui uma das missões sagradas do médico. Trair é incompatível com o exercício da profissão. «Nous sommes et faisons en tant que médecins». Tem razão Jacques Sarano, no seu recente livro «Médecine et Médecins».

A. d'E.

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

TIVOLI
3.ª SEMANA
DO ÊXITO TOTAL
O GRANDE INDUSTRIAL
com **ANTÓNIO VILAR** e **VIRNA LIST**
em Tecnirama e Tecnicolor
Só em «matinées» durante o TEATRO CACILDA BECKER e á noite depois da actuação desta Companhia
Maiores de 12 anos — **MOMENTO FILMES**

SUAR DA HERMINIA
(MAIORES DE 17 ANOS)
Tel. 20164
Um sucesso retumbante
Herminia Silva
Canta hoje e sempre à frente de um grandioso elenco
O PONTO DE REUNIÃO DA **ALTA SOCIEDADE**
Optimo serviço de restaurante

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 4.ª página)

a companhia do empresário Giuseppe Bastos estreia em Lourenço Marques, após a digressão que anda a fazer por Moçambique.

— O actor Virgílio Macieira é o ensaiador da companhia de comédias que está no Teatro Sá da Bandeira, do Porto.

— Declinou um convite que lhe foi dirigido para ingressar numa companhia de revistas, a artista da Rádio e T. V. Maria João, que está a trabalhar, com muito êxito, no Casino de Espinho.

— Está quase concluida a planificação do argumento do filme «Encontro á chuva», que será realizado pelo cineasta Mota da Costa.

— Ainda não tem titulo definitivo a nova revista do Teatro ABC, que está a ser escrita por uma parceria de que faz parte o escritor Aníbal Nazaré.

— No próximo mês, no Teatro Avenida de Coimbra, o grupo cénico da Sociedade de Instrução Tavarense levará á cena o drama de Almeida Garrett «Frei Luís de Sousa».

— Foram assim distribuidas as figuras da comédia de Beaumarchan «O Barbeiro de Sevilha», em ensaios na TV: «Conde de Alma Viva», Carlos Duarte; «D. Bártolo», Augusto de Figueiredo; «Rossina», Maria José; «Figaro», Henrique Santos; «D. Basílio», Luís Horta; «Mocidade», Sales Ribeiro; «Ladino», Alexandre Vieira; «Notário», António Sarmento; «Alcaide», Alberto de Oliveira.

— Vinda de Lourenço Marques, chega em breve a Lisboa á cantora Maria Adalgisa, que concluiu a digressão que fez por Moçambique e África do Sul.

— Na corrente época vai ser representada num teatro de Lisboa a peça «Mademoiselle Julie», na tradução de Redondo Junior.

— A actriz Rosinda Rosa, que se encontra no Rio de Janeiro, está, presentemente, integrada na companhia do Teatro Jardel.

Sara Montiel

continua em Lisboa

A vedeta cinematográfica espanhola, Sara Montiel, que está em Lisboa, desde anteontem, é hoje homenageada com um jantar, no Casino Estoril, onde estarão, também, alguns dos principais actores e actrizes do nosso Teatro e Cinema.

No Tivoli

O público aplaude Cacilda Becker

Quando o pano desce sobre o final da peça de Jules Renard, «Poil de Carotte», uma tremenda ovação coroa a extraordinária criação de Cacilda Becker no papel do pequeno «ruivo». Na realidade, a transmutação da grande artista para a personalidade de um garoto de 14 anos é de tal forma total, que a uníssona salva de palmas que ecoa na sala é a reacção natural de um publico extasiado. Cacilda, magnificamente secundada por Fredi Kleeman, Cleyde Yaconis e Kleber de Macedo, realiza em «Pega Fogo», um maravilhoso espectáculo dignamente completado por «Protocolo», de Machado de Assis, graciosissimo acto cujo ambiente é uma deliciosa aguarela dos fins do século passado, magnificamente interpretado por Walmor Chagas, Celia Helena, Cleyde Yaconis e Fredi Kleeman.

No Avenida

10.ª semana de «Patate», com Villaret

O primeiro espectáculo desta temporada, no Teatro Avenida, continua a provocar verdadeiras enchentes de publico que aplaude «Patate», a comédia de Marcel Achard, com João Villaret no protagonista, secundado por um excepcional elenco de que fazem parte Alma Flora, Maria Paula, Artur Semedo, Lourdes Norberto e Rui Luís.

«Patate», uma peça que nos conta um pouco dos tempos que vão correndo, é um espectáculo que está a interessar vivamente o grande publico, mantendo-se, com êxito crescente, em 10.ª semana.

Todas as noites, ás 21 e 45 horas, para adultos, maiores de 17 anos, e amanhã á tarde, ás 16 horas.

Teatro de amadores

Nova representação de «A culpa é do Benfica»

A Sociedade Ordem e Progresso, com a colaboração do Centro Experimental de Novos Artistas, da Academia Recreio Artístico, leva hoje á cena a peça «A culpa é do Benfica» da autoria de Fernando Coutinho. Maria Amália Cordeiro, Raul Barros, Milita Santos, Isabel Coimbra, Luís de Sousa e Alberto Alexandre, desempenham com agrado esta execelente comédia.

Primeiras exibições

«Carmen» (la de Ronda), no Eden e no Roma

O cinema deu-nos mais uma «Carmen». Melhor, pior, igual as anteriores? Dependerá do gosto de cada um e não importa, em boa verdade, procurar aclarar este ponto. Interessa sim, antes de mais, afirmar que «Carmen» (la de Ronda), agora em exibição nos cinemas Eden e Roma, pode considerar-se uma obra cinematográfica de bom nível, á altura do tema clássico que desenvolve.

Esta «Carmen» (la de Ronda) justificar-se-ia, aliás, — e simplesmente — pela oportunidade de aproveitar os dotes físicos e artísticos de Sara Montiel, que talvez não sejam inferiores aos de Raquel Meller, Viviane Romance, Rita Hayworth, Império Argentina e Dorothy Dandridge, as «Carmens» que a antecederam. Em boa verdade, Sara Montiel é presentemente uma das *coqueluches* das plateias espanholas, portuguesas e hispano-americanas. Os seus filmes são autenticos fortificantes para as empresas económicamente depauperadas. O publico gosta de a ouvir cantar e delira com as suas momices aciganadas, um pouquinho a pender para o quadro «hollywoodesco». O publico gosta... e é quem manda — ou não fosse ele quem paga.

«Carmen» (la de Ronda), filmado em «eastmancolor» dá-nos todo o drama da cigana-patriota, esboçado desta vez em linhas suaves, tão do agrado das plateias femininas. Sem deixar de se preocupar com o crescente ritmo da expectativa, o realizador, certamente com intenção, limou as mais agudas arestas do drama, colorindo de tons róseos os momentos onde se sente espirrar o vermelho vivo do sangue revoltado.

De Sara Montiel já falámos. Pouco mais haverá para dizer. Dos intérpretes masculinos, por seu turno, diremos que estão á altura da popularidade alcançada: Jorge Mistral, Maurice Ronet e Amadeo Nazari, estão bem, respectivamente, no «António», «José» e «coronel». Uma série de artistas secundários completa a lista de intérpretes deste filme, que pode recomendar-se sem receio. — *Visor 25.*

*

Os espectadores que ontem encheram o Eden e o Roma puderam aplaudir Sara Montiel em pessoa.

Imagem do dia

O êxito de O GRANDE INDUSTRIAL acentua-se. O famoso romance de George Ohnet, que inspirou este filme em tecnirama e tecnicolor, continua a apaixonar o publico de Lisboa, comovido com os amores de Filipe e Clara, executados admiràvelmente por um famoso realizador italiano. Os principais papéis são interpretados, e extraordinàriamente desempenhados, por ANTÓNIO VILAR e VIRNA LISI. O GRANDE INDUSTRIAL, como se sabe, só se exibe nas «matinées».

«Miss Portugal»

apresenta-se hoje no Casino Estoril

Durante o espectáculo de hoje no Casino Estoril, são apresentadas ao publico «Miss» Portugal — Maria Teresa Mota Cardoso — as 2.ª e 3.ª classificadas no concurso — Maria Luísa da Cunha Bruno e Maria Fernanda Ferreira Prado.

O dr. Ubach Chaves
foi homenageado na Covilhã

COVILHÃ, 31 (*Pelo telefone*) — A Camara Municipal de colaboração com os organismos corporativos recebeu hoje oficialmente o sr. dr. João Ubach Chaves, que, a seu pedido, deixou de exercer as funções de subsecretário de Estado da Industria. Foi na Covilhã que o dr. Ubach Chaves iniciou a sua carreira como delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência onde criou fortes amizades

No salão nobre dos Paços do Concelho, efectuou-se uma sessão de boas-vindas, tendo usado da palavra o sr. dr. José Ramito Baltasar, presidente da edilidade que saudou o homenageado. Tendo a Camara, na sua ultima reunião, deliberado que, atendendo aos altos serviços prestados á industria dos lanifícios pelo sr. dr., Ubach Chaves, em homenagem a tanta dedicação e tanto esforço sempre revelador, resolveu conceder-lhe o título de «cidadão honorário da Covilhã», já que aquela actividade industrial é a razão de ser do nosso concelho. Foi-lhe entregue uma pasta, contendo uma mensagem em pergaminho e o homenageado agradeceu a deferência.

O presidente do Grémio dos Industriais de Lanifícios no exercício de condicionamento e laboratório técnico, eng. Mário Caetano Tarouca apresentar-lhe-á cumprimentos e presidirá ao banquete que é oferecido em honra do sr. dr. Ubach Chaves, em que devem participar cerca de 300 pessoas.

500 HOTELEIROS
italianos em Lisboa

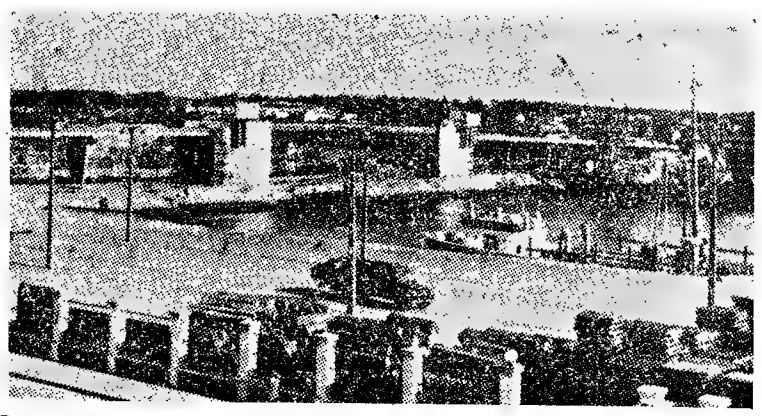
Chegam amanhã a Lisboa 500 participantes do 8.º Congresso Nacional dos Hoteleiros Italianos, organizado pela Federação Italiana de Hóteis e Turismo, que estão a fazer um cruzeiro a bordo do vapor «Homeric».

Durante a sua permanência em Lisboa serão recebidos e homenageados pelo secretário nacional da Informação e pelos seus colegas portugueses.

Voltaram ao Alfeite
os 17 navios da Armada que andavam em manobras

Os dezassete navios da Marinha de Guerra Portuguesa que, desde o passado dia 19, estão a navegar no Atlantico, primeiro na execução do exercício «Funchalex» e mais tarde em actividades de luta anti-submarina e de rocega de minas entre a barra do Tejo e ao largo de Sesimbra, regressaram hoje, cerca das 12 horas, aos seus fundeadouros da Base Naval do Alfeite.

O comandante da Força Naval do Continente, comodoro Paulo Viana, que andava embarcado no navio-chefe «Vouga» regressou igualmente a Lisboa.



Dentro de poucos dias, todo o movimento de peões e viaturas, entre Matosinhos e Leça da Palmeira passará a fazer-se por este viaduto e ponte móvel. A antiga artéria desaparecerá, para construção da doca n.º 2 do Porto de Leixões

O PORTO pelo telefone

O 1.º aniversário do funcionamento do Sanatório do Monte Alto

PORTO, 31 — A direcção da Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal comemorou hoje o 1.º aniversário da entrada dos primeiros doentes no Sanatório do Monte Alto, em Valongo. Como o primeiro grupo de doentes admitido naquele sanatório foi escolhido entre os filiados da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, a comemoração de hoje foi dedicada á visita que féz áquele estabelecimento de saude o general Afonso Botelho, presidente da comissão administrativa da Liga dos Combatentes.

Cerca das 13 horas, aquele general, acompanhado do coronel Pina Cabral, da mesma comissão e pelo presidente da agência no Porto, daquela Liga, eng.º Custódio Guimarães, e dos seus camaradas dedirecção, chegou ao local onde se situa o sanatório.

No vestíbulo, aguardavam-no o reitor da Universidade, o 2.º comandante da 1.ª Região Militar, o chefe do departamento marítimo, o presidente da Liga de Profilaxia Social, general Alfredo Braga, coroneis Almeida Bessa e Carlos Moreira; tenentes-coroneis Aires Martins e Dario Tamegão; deputado dr. Sá Alves, comandante João Pais e antigos combatentes.

Fez as honras da casa o impulsionador daquela grande obra de assistência dr. Lopes Rodrigues, presidente dadirecção da A. T. N. P., que apresentou cumprimentos de boas-vindas aos representantes da Liga e restantes convidados.

Seguiu-se uma demorada visita ao sanatório, após o que se realizou um almoço íntimo.

Colóquio literário na Associação dos Jornalistas

O romancista Fernando Namora preside esta noite na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras a um colóquio literário sobre a sua obra que será objecto de uma apreciação crítica do dr. Oscar Lopes. Seguir-se-á um debate entre todos os que nele queiram participar e analisar a obra daquele romancista.

Conferência

No salão nobre do Clube Fenianos Portuenses e para inauguração do ciclo 1959-1960 da Liga Portuguesa de Profilaxia Social efectua-se esta noite uma conferência em que será orador o sr. dr. Mário Damas Mora, vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Alergia e membro conselheiro do Comité Internacional de Asmologia, versando o tema «A Alergia no Mundo».

A conferência a que preside o dr. Domingos Braga da Cruz, provedor da Santa Casa da Misericórdia e delegado de Saude, será ilustrada com a projecção de um filme.

CARTAZ DO PORTO

SA DA BANDEIRA — Ás 21 e 30 — «Eles, elas... e os meninos».

RIVOLI — A's 15 e 30 e 21 e 30: «A Revolta dos Cossacos».

COLISEU — Ás 21 e 30 — «Rio Bravo».

BATALHA — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Orfeu negro».

TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Querida Stefanie».

AGUIA DE OURO — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «A revolta dos gladiadores».

S. JOÃO — A's 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Só ficou a saudade».

VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «Al Capone».

JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Testemunha de acusação».

OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 «A Vingança de Frankstein».

REUNIÃO ANUAL
dos concessionários da Simca Portuguesa

Os concessionários da Simca Portuguesa reuniram-se ontem num jantar de confraternização em que participaram cerca de meia centena de pessoas, entre as quais o seu administrador, sr. Francisco Garrudo, o director-geral, sr. Gueydon de Dives, os directores administrativo, de vendas e comercial, respectivamente srs. dr. João Fiuza, Luís Marques e Pinto Soares e muito pessoal superior.

Falou em primeiro lugar o sr. Francisco Garrudo que saudou os representantes da Simca ali presentes e a Imprensa, fazendo votos no sentido de maiores progressos de ano para ano. Seguidamente, usou da palavra o sr. Gueydon de Dives que examinou, por meio de dados estatísticos, a evolução da Simca desde 1954, em que a produção foi de 110 mil carros, até ao ano corrente em que atingirá 230 mil, não obstante a baixa verificada no mercado francês. Acrescentou, relativamente a exportação, que esta foi de 11 mil automóveis em 1954, prevendo-se, no presente ano, a venda ao estrangeiro de 100 mil unidades, das quais 40 mil para a América — o que demonstra bem o lugar da Simca na industria e exportação mundial.

Depois de se referir a Portugal que, em 1954, importou 366 carros e, em 1959, cerca de mil (três vezes mais), o sr. Gueydon de Dives agradeceu os magníficos resultados a todos quantos estavam presentes.

Falaram a seguir vários agentes concessionários, o consultor jurídico da Simca e o redactor do «Diário de Notícias», em nome da Imprensa.

Quatro habitações
para famílias pobres foram inauguradas em Linhó

SINTRA, 31 — (Pelo telefone) Com a presença do sr. dr. Guarda-do Lopes, director-geral dos Serviços Prisionais, dr. padre Horário, continuador da obra do padre Américo e de outras entidades, foram inauguradas em Linhó, quatro habitações para famílias pobres num terreno baldio, do Rossio, cedido pela Camara Municipal de Sintra. Estas casas foram construídas por iniciativa do Instituto das Irmãs de Santa Doroteia, de que é superiora, Maria Manuela Ferreira de Brito, com a colaboração dedicada da madre Santos.

As habitações possuem todas dois pisos, tendo cozinha, casa de banho, três quartos, uma sala comum para jantar e estar, e uma despensa

Os ministérios das Obras Publicas e da Justiça contribuiram para a realização desta magnífica ideia, tendo o primeiro subsidiado a obra e o segundo permitido que os trabalhos fossem feitos por presos da cadeia central do Linhó. A Camara Municipal de Sintra cedeu o terreno. Contribuiram ainda para esta obra o prof. Marcelo Caetano, o sr.ª marquesa de Cadaval, a família do sr. Julio Martins, Augusto Tavares, dr. Eurico Pereira dos Santos. Grande parte do custo das quatro habitações foi coberta pela receita de uma festa realizada no Pavilhão dos Desportos que rendeu trinta e cinco contos.

Homenagem
ao presidente reeleito da Junta de Freguesia do Milharado (Venda do Pinheiro)

O professor Cruz Filipe, que há muitos anos ocupa o cargo de presidente da Junta de Freguesia do Milharado (Venda do Pinheiro), vai ser, amanhã, ás 9 e 30, homenageado pela população da freguesia, que irá a sua casa, naquela localidade, apresentar-lhe cumprimentos e felicitá-lo pela sua nova reeleição para o referido cargo. Da respectiva comissão da homenagem fazem parte os srs. comandante Francisco dos Santos Branco, dr. Brandão de Vasconcelos, Alberto Gusmão Martins, Manuel Rocha Simplicio, Zeferino Duarte, Caetano Gregório Junior, António Feliciano, António Pedrosa, José Estêvão Cameira e outros representantes do povo, da lavoura e do comércio locais.

Junta Autónoma de Estradas

O sr. coronel do E. M. Fernando Louro de Sousa foi nomeado para o cargo de vogal efectivo da Junta Autónoma de Estradas.

As instalações frigoríficas
do Matadouro de Lisboa ao serviço da cidade

O Matadouro de Lisboa, possui, a disposição do publico, instalações frigoríficas convenientemente equipadas para conservar, os mais diferentes produtos. Os munícipes podem assim depositar naquele importante departamento camarário, a troco de pagamento acessivel e determinado por tabela, á base de pesos e de tempo, frutas, carnes e quaisquer víveres, para conseguir mantê-los em bom estado. Para isso, o Matadouro dispõe de dezenas de camaras frigoríficas, onde e possível regular e manter as temperaturas mais convenientes á conservação das espécies arrecadadas. Os armazéns estão a ser procurados por firmas de negociantes de frutas, e tem aumentado de mês para mês, o numero de volumes entregues. Neste momento, há 200.000 quilos armazenados — de peras, peros, maçãs, uvas e laranjas. As quantidades maiores são de peras (67.240 quilos) e de maçãs (97.000 quilos)

No Matadouro — e isto interessa que se torne conhecido da população — são recebidas quaisquer quantidades de produtos, desde as mais diminutas ás maiores. Basta que os donos as queiram conservar pelos processos de congelação e frigorificação.

UMA QUADRILHA
enviada a Tribunal

Os autores de numerosos assaltos praticados nas zonas de Cascais e Estoril foram hoje remetidos pela Polícia Judiciária ao Tribunal Criminal da Boa-Hora. Figuram como arguidos, num volumoso processo, José Miguel dos Santos Rosenstok «O chefe falhado»; Carlos Augusto Lopes Marinho, Flávio Chuvas dos Rios «O Russo»; José Alexandre Gaspar Cruz de Castro «O Migalhas», Jerónimo de Oliveira e José Jaime de Jesus da Luz «O Zé Pintor», que actuavam como uma quadrilha constituida.

São acusados, como já oportunamente foi noticiado, de terem assaltado a sede do Clube Columbófilo da Costa do Sol em Cascais e, ainda o Restaurante «Os Três Porquinhos», também daquela vila. Foi, ainda, averiguado que fizeram uma verdadeira razia em diversas praias daquela linha.

Hospitais civis

Foram nomeados internos do internato complementar de clínica médica e clínica cirurgica dos Hospitais Civis de Lisboa, respectivamente, os srs. drs. Vasco Urpina Chamusco e Manuel Carlos Junior.

—Foi exonerada, a seu pedido, a sr.ª dr.ª D. Maria João Amaro Correia, do lugar de interno do internato complementar de obtetrícia e ginecologia.

Contra o frio...
SUNRAY
um bom calorífico a GAZCIDLA
Grande poder de aquecimento, 2.500 calorias/hora, e reduzido consumo.
Completa segurança. Sem cheiros.
Peça uma demonstração na CIDLA, seus Agentes, e nas Boas Casas da Especialidade
Distribuidores exclusivos:
SOGUL — Soc. Geral Ultramarina, Ld.ª
Rua da Madalena, 166/2.º — Lisboa 2 — Telf. 865046/7

BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» dedicava quase todas as suas páginas de 31 de Outubro de 1929 á noticia da morte do antigo presidente da Republica dr. António José de Almeida, publicando opiniões sobre a ardente figura do grande republicano e patriota, e dando a notícia de que haviam sido decretados funerais nacionais. O embaixador do Brasil declarara aos jornalistas, no palacete da Avenida António Augusto de Aguiar, onde falecera António José de Almeida:

— Considero este dia de luto para o meu país.

Em nome do presidente da Republica apresentou condolências o seu ajudante e, pessoalmente, o chefe do Governo e ministro do Interior, e os da Instrução, dos Estrangeiros, da Marinha. O ministro das Finanças demorou-se alguns minutos junto da urna mortuária.

EFEMÉRIDES

No dia 31 de Outubro de 1925 suicidou-se Max Linder.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário e fecho.

Programa «A» — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Rádio Rural; 19: Trechos em piano; 19 e 15: A Orquestra Melachrino; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica de «jazz»; 20 e 30: Album musical; 21: Junção dos emissores — Noticiário; 21 e 15: Canções de Itália; 21 e 30: A Casa Pia de Lisboa no Ultramar Português; 21 e 45: Serão para trabalhadores, organizado pela F. N. A. T.; 23 e 30: A visita do Chefe do Estado a Évora.

Programa «B» — As 18: Palestra, por Maria de Carvalho; 18 e 15: 4.º concerto da série, organizada pela E. N. e pelo Teatro Nacional de S. Carlos, em que colaboram a Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Silva Pereira, e o pianista Yjell Baekkelund. No intervalo: Noticiário regional; 20: Junção dos emissores; 21 e 15: Desdobramento; 21 e 20: Musica de Rossini: Fragmento do Stabat Mater», por Maria Stader, Mariana Radev, Ernst Häfliger, Kim Borg, coro de camara da Rias, e coro da Catedral de St.ª Edwiges, e a Orquestra Sinfónica da Rias, sob a direcção do maestro Ferenc Fricsay; 21 e 45: Tempo de poesia; 22: Ciclo de sonatas: «Sonata n.º 7, em ré maior, op. 10, n.º 3», de Beethoven, por Backhauss; 22 e 20: Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45: Que quer ouvir?: «Concerto, de Mendelssohn, para violino e orquestra», por Yehudi Menuhin e a Orquestra da R. C. A. Victor, e o 2.º acto da ópera «Ernani», de Verdi, cantado por Giocomo Vaghi, Gino Penno, Catarina Mancini, Ezio Achili, Giuseppe Taddei, Licia Rossini, Vittorio Pandano, coro e a Orquestra da Rádio Italiana, sob a direcção do maestro Previtali; 23 e 45: Noticiário.

RADIO CLUBE — A's 17 e 30: Alfarrábio; 18: Teatro de brincar; 18 e 15: Jornal feminino; 19: Orquestras e canções; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Ritmos de baile, da Carpa; 22 e 15: Solistas; 22 e 30: Cantares de Espanha; 23: Concerto, programa de divulgação; 23 e 31: Contos, humor e fantasia.

Estação de Miramar — A's 17 e 1: Musica pelo caminho; 17 e 45: Cançonetas; 18: Ritmos de baile; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 45: Motivos portugueses; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Variedades; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Alberto Semprini; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermédio musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Programa de concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Baile, do Alvalade: 0 e 15: Ritmos de baile; 0 e 28: Sumário.

RÁDIO RENASCENÇA — A's 18 e 15: Musica seleccionada; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, horizonte do Mundo, 19 e 45: Musica de cinema; 20: Ritmos e canções; 20 e 15: Programa «football»; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Ultimas novidades; 21 e 30: Fados; 21 e 50: Rádio Rural; 22 e 15: Orquestra sinfónica; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Musica, fim de semana.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 ás 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 20 e 30, abertura; 20 e 32, Telejornal (1.ª edição); 20 e 45, «Esta semana aconteceu», 20 e 55, programa juvenil: «O som», filme da Enciclopédia Britanica; concurso «Viagem Interplanetária» e o filme «Aventuras de Robin dos Bosques», com Richard Greene; 21 e 50, «Golden Gate Quartet», acompanhado ao piano por Emel Burgess; 22 e 10, «Kathe Kruse e as suas bonecas», 22 e 25, «Teledesporto»; 22 e 50, Telejornal (2.ª edição); 23 e 5, «Naquele tempo...».

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO D — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica 466-A Tel 782606, Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, T 780511, Santa Cruz—Rua n.º 15, á Av Gomes Pereira, n.º 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel 780841, Prates & Mota—Rua da Beneficência (ao Rego) 91, Telefone 773728; Patuleia Herdeiros — Rua do Lumiar 122-124 Tel 779332, Cabrita — Campo Grande 220-222, Tel 772397; Gil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380, Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel 725443, Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 8-B Tel 710331, S Miguel—Praça Francisco de Morais 1, Tel 771469, Providência — Rua D Filipa de Vilhena 94 (frente ao Bairro Social de Arco do Cego, Tel. 770324; Sagres — **Avenida Luís Bivar, 69-71, Tel. 47213;** Correia de Almeida — Av. da Fontes Pereira de Melo 21-B/C, Tel 47385; Sá da Bandeira — Rua Marquês Sá da Bandeira 36, Tel. 41961, Fonseca — Largo D Estefania, 4-5, Tel 54808, Ascensos, Lda. — Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381135 Mariuz — Calçada da Picheleira 140-B/C, Tel P P C. 720703-728395, Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel 23326, Almeida Dias — Largo da Graça, 38/A-39 Tel 862909, Dalton — Avenida Mousinho de Albuquerque RSV Tel 843571; Lusa — Avenida Almirante Reis 199 A, Tel 41269; Romano Baptista — Rua Passos Manuel 6-10, Telef 50593, Guerra — R. Andrade, 32-36 Tel 845513, Higiénica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A Tel. 844361, Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153 T 683438, Salutar — Rua B, 75-A/B Bairro da Liberdade Tel. 683694, Amoreiras (Das)—Praça das Aguas Livres, 8-D, Tel. 681515, Maria Pia —Rua D Maria Pia, 514, 1, 687949, Linaida — Rua Ferreira Borges, 30 Tel 660955; Confiança — Praça das Flores 59, Telef 27901; Alb — Rua Santana, á Lapa, 156 Tel 663562, Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52 Tel 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Telef 638256, Botanico-Quimica, Lda.—R. da Junqueira 38-40, Tel. 638132 Ester Nogueira — Rua de Alcantara 5-A Tel 637563, Moderna — Rua Garcia de Orta, 24, Tel. 663117; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta 15-A-B, Telefone 46490, Ferrão — Rua da Mouraria, 12, Telefone 860464, Simões Pires — Rua da Prata, 115, Tel 32350; Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova do Almada, 71, Tel. 30521—A—; Celta — Rua Mourão Girão, 3-B, Tel. 710621.

HORAS DAS MARÉS

PREIA-MAR

Dia 31 — 2 e 34 (4m,23); 14 e 51 (4m,31). Dia 1 — 3 e 14 (4m,34; 15 e 39 (4m,36).

BAIXA-MAR

Dia 31 — 8 e 19 (0m,73); 20 e 40 (0m,65); Dia 1 — 9 e 1 (0m,63); 21 e 22 (0m,63).

FESTAS ASSOCIATIVAS

Haverá festas, com bailes e outros atractivos nas seguintes agremiações, esta noite: Associação de Beneficiência Luís Braille, Caixa Económica Operária, Casas das Beiras e do Distrito de Coimbra, Clube Estefania, Sociedade de Instrução de Campo de Ourique, Bombeiros Voluntários do Dafundo, Sporting Clube da Penha (na Casa da Comarca de Arganil), Sociedade de Instrução Musical e Escolar Cruz-Quebradense, Estrela Azul F. C., Sociedade União Musical e Escolar de Oeiras; amanhã, á tarde: Casa do Alentejo, Academia 1.º de Setembro de 1886, Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

TIVOLI — A's 21 e 45 «Protocolo».
NACIONAL — A's 21 e 45 — «O lugre»
TRINDADE — A's 21 e 45 — «Lucy Crown».
MARIA VITORIA — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Tudo na Lua».
A B C — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Delírio em Lisboa».
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «Gata em telhado de zinco quente».
AVENIDA — A's 21 e 45 — «Patate».
CAPITOLIO — A's 21 e 45 — «Gimba».
COLISEU — A's 21 e 30 — Circo.

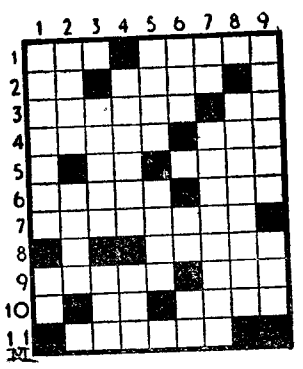
CINEMAS

S. LUIS — «Deus sabe quanto amei».
S. JORGE — «Os olhos da testemunha».
IMPÉRIO—«12 homens em fúria».
EDEN — «Carmen».
POLITEAMA—«O homem das pistolas de ouro»
MONUMENTAL — «No Sul do Pacifico».
ODEON — «Amores reais».
ALVALADE — «Deus sabe quanto amei».
CONDES — «Os dez mandamentos».
ROMA — «Carmen».
AVIS — «Voltou a avó Isabel».
OLIMPIA — «A fuga de Red Rock».
RESTELO — «Crepúsculo vermelho».
PROMOTORA — «Othelo».
JARDIM — «O grande hotel».
IDEAL — «Missão no alto mar».
S. JOSÉ (Sacavém) — «O homem que veio de longe».
CAMPOLIDE — «O cavaleiro relâmpago».

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 1762



HORIZONTAIS: 1 — Decatro quadrado. Agarro. 2 — Entre nós. Veste dos funcionários judiciais. 3 — Choque Arguida. 4 — Causara dor. Monarca. 5 — Do outro lado. Incorre em falta. 6 — Restabelcce. Nocivas. 7 — Sugam. 8 — Magas. 9 — Penedia. Eternidade. 10 — Existe. Caminhos. 11 — Mar onde desagua o Volga.

VERTICAIS: 1 — Anuira. Graceja. 2 — Subdivisão. Grande rio da Espanha, tributário do Mediterraneo. 3— Formosas. Infusão. 4 — Bom preço. Tens. 5 — Patranha. Ofega. 6 — Guinde. Ande. Avistei. 7 — Nota de musica Atalho. 8 — Revestia. 9 — Detestas. Solitários.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1761

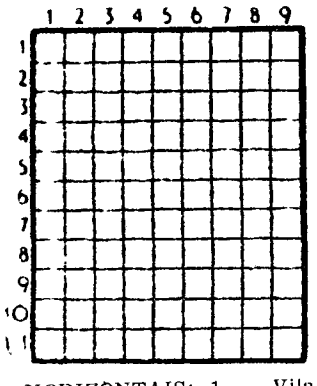
HORIZONTAIS: 1 — Ungir. Eis. 2 — Rã. Realça. 3— Roa. Ai. 4 — Ptose. 5 — Próceros. 6 — Premunes. 7—Basalto. 8 — Sá. Tó. Si. 9—Livra. Vós. 10 — Nau. LOBO. 11 — FAMINTO.

VERTICAIS: 1 — Urro. Pb. 2 — NÃO. Prasina. 3 — Apresavam. 4 — Ir. TOMA. Rui. 5 — Ré. Oculta. 6—ASSENTO. Lt. 7 — El. Éreo Voo. 8 — Iça. Os. Sob. 9 — Saias. Bisou.

(Provérbio: LOBO FAMINTO NÃO TOMA ASSENTO).

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3811



HORIZONTAIS: 1 — Vila e concelho do distrito de Portalegre. Cantora muito célebre. 2 — Defendeu com arames. Campeão. 3 — Cortara com serrote. 4 — Preposição e artigo. Pau com que se governa o leme. 5 — Apanhara coisa atirada. 6 — Adicionar. Céu. 7 — Ferro endurecido. Árvore terebintácea. 8 —Símbolo químico do rubídio. Canto para acalentar. 9 — Artigo definido. Traças. 10 — Cidade da Palestina., capital do antigo reino de Israel. 11 — Clima. Xaile usado na India pelas mulheres Parses e cristãs.

VERTICAIS: 1 — Zero. A ultima casa real de Itália. 2 — Comparecer. Língua antigamente falada ao Sul do Loire. 3 — Saudáveis. Paixão. No caso de. 4 — Estime. Utensílio de lavoura. Nome de homem. 5 — Calculara. Prefixo de negação. 6 — Aturar. Pequenos golfos. 7 — Nome de mulher. Fecha com lacre. 8 — Encalhara. Nome de mulher. 9 — Pega. Devastai.

Solução do problema n.º 3810

HORIZONTAIS: 1 — Grua. Doma. 2 — Atraira. 3 — Ar. Na. 4 — Ul. Una. Aí. 5 — Bani. Mata. 6 — Aden. Além. 7 Ova. Rim. 8 — Areca. 9 — Ir. Aia. De. 10 — Aio. Por. 11 — Mascarara.

VERTICAIS: 1 — Cuba. Liam. 2 — Rã. Lado. Ria. 3— Uta. Neva. Os. 4 — Arruinara. 5 — Eira. 6 — Dinamarca. 7 — Ora. Alia. Pá. 8 — Má. Atem. Dor. 9 —Ciam. Vera.

A semana do contribuinte

CODIGO DA SISA E DO IMPOSTO SOBRE AS SUCESSÕES E DOAÇÕES

RELAÇÃO DE BENS

(Continuação)

Com a relação dos bens apresentar-se-á, para serem juntos ao processo, os documentos seguintes:

a) Certidão do testamento com que tiver falecido o autor da herança, se aquele não estiver registado;

b) Certidão da escritura de doação, ou da escritura de partilha, se esta já estiver efectuada;

c) Certidão ou declaração do valor das acções, títulos ou certificados da dívida publica e de outros papéis de crédito, passada pela Camara de Corretores;

d) Certidão do valor das moedas, nacionais estrangeiras, sem cotação nas praças de Lisboa ou Porto, e dos objectos de ouro, joias, pratas, pedras preciosas e semelhantes.

Esta certidão será passada pelo avaliador oficial da comarca a que pertença o concelho onde correr o processo. Não havendo avaliador oficial, o chefe da secção de finanças solicitará ao administrador da Casa da Moeda a nomeação interina de pessoa que desempenhe essa função;

e) Extracto do ultimo balanço do estabelecimento comercial ou industrial, ou do balanço de liquidação, havendo-o, ou certidão do pacto social, nos termos e para os efeitos das regras 2.ª *(o valor do estabelecimento comercial ou industrial* determinar-se-á pelo ultimo balanço, a menos que, sendo partilhado ou liquidado judicialmente, se lhe atribua valor diverso, ou, sendo liquidado ou partilhado extrajudicialmente, se lhe atribua valor superior) e 3.ª *(o valor das quotas ou partes em sociedades* que não sejam por acções determinar-se-á pelo ultimo balanço, ou pelo valor atribuído em partilha ou liquidação dessas sociedades, ou na reflação dos bens, — Não havendo balanço, partilha ou liquidação, valor do estabelecimento será o indicado na relação de bens, — salvase, não continuando as sociedades com o herdeiro, legatário ou donatário do sócio falecido ou doador, o valor das quotas ou partes tiver sido fixado no pacto social); do § 3.º do artigo 20.º.

Se não houver balanço, apresentar-se-á um inventário, adrede organizado, dos valores activos e passivos do estabelecimento, com vista a justificar o valor indicado na relação dos bens.

Tanto o extracto como o inventário devem ser *entregues em duplicado*, e assinados pelos administradores, gerentes ou liquidatários da empresa, ou pelos administradores da massa falida, com as assinaturas reconhecidas por notário.

A certidão do pacto social pode ser substituida por um exemplar do *Diário do Governo* onde tenha sido publicado;

f) Todos os documentos necessários para comprovar o passivo descrito.

— Artigo 69.º.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

Lenços de Chiffon
BRANCOS E CORES NOVAS
Suíços e Franceses
TORRE EIFFEL
104 — Rua do Carmo — 106

Dizem os leitores...

Progresso de caranguejo

Fazemo-nos eco de um justo protesto de um antigo leitor do «Diário de Lisboa», que vive em Sapataria (Oeste), freguesia do concelho de Sobral, onde desde há bem duas décadas existiam duas cabinas telefónicas publicas: uma dos C. T. T., outra da A. P. T. Ora sucedeu que a primeira destas cabinas foi agora dali retirada, com a alegação de que dava pouco rendimento. Assim, o bem publico parece não ser razão de monta, pois não só aquela povoação viu encarecer as suas ligações telefónicas, que têm de percorrer, pela A. P. T. muito maior numero de quilómetros, como, num caso de emergência (para chamar os bombeiros, por exemplo), terá de aguardar muito mais tempo do que anteriormente.

Chama-se para este facto a certamente benévola atenção do sr. correio-mór.

JULGAMENTO NA HAIA

O prof. Galvão Teles conclui a resposta de Portugal à réplica oral indiana

HAIA, 31 — (Pelo enviado especial da A. N. I., Dutra Faria). — Com uma sistemática e esmagadora refutação de tudo quanto o prolixo prof. Waldock dissera acerca da sexta objecção preliminar indiana á competência do Tribunal para se pronunciar sobre o litígio que opõe aqui na Haia, desde 1955, Portugal e a União Indiana, encerrou o prof. Galvão Teles, brilhantemente, a resposta portuguesa á réplica oral indiana. Hoje decerto pouco mais fará do que apresentar breve balanço de tudo o que se ouviu em 36 audiências aos advogados de Portugal — e depois não tornaremos a falar.

Falarão, porém, uma vez ainda, os Indianos, em nova réplica — e seguidamente são os juizes e só eles quem tem a palavra.

Também quanto a esta sexta objecção ou «excepção» houve, da parte dos advogados do Governo indiano, uma flutuação, uma instabilidade ou incerteza de critério que bem mostra, na verdade, a nenhuma convicção e a nenhuma coerência que põem na defesa das suas teses.

Baseia-se esta objecção no facto de haver a India, ao aceitar, em devido tempo, a jurisdição obrigatória do Tribunal, excluindo dessa jurisdição todos os litígios anteriores a 5 de Fevereiro de 1930 ou relativos a situações ou factos anteriores a essa data.

Ora, ao apresentar as suas objecções preliminares á competência do Tribunal, formulou a India uma «excepção» — aquela que recebeu o numero três — segundo a qual nenhum litígio existira na realidade, entre Portugal e o Governo indiano, até o momento em que o Governo português depôs (em 1955) o requerimento de instancia, que abriu o processo.

Em 1957, durante os debates orais sobre as objecções preliminares, os advogados da União Indiana defenderam até o fim esta tese, verdade seja que referida exclusivamente á terceira «excepção».

Esta foi, pois, a primeira versão indiana quanto á data em que surgiu o litígio.

A segunda versão foi a formulada em 1957 na réplica oral indiana, mas só relativamente á sexta «excepção». De acordo com esta segunda versão, o litígio não seria já «posterior» a 1955, seria «anterior» a 1930...

Finalmente, no dia 16 de Outubro, o prof. Waldock surgiu triunfante, com a terceira versão: o litígio nascera, efectivamente, como afirmam os Portugueses, em 1954 (e não já depois de 1955 nem antes de 1930) mas não era mais do que a repetição de antigos diferendos...

A resposta do prof. Galvão Teles a esta habilidade excessivamente fácil do palavroso e turbulento professor de Oxford foi definitiva: não se pode confundir o nascimento do direito que Portugal invoca com o nascimento do litígio. O direito nasceu quando os Maratas transferiram para Portugal a soberania sobre os territórios de Damão e de Nagar-Aveli. O litígio surgiu quando em 1954 o Governo indiano violou esse direito (o direito de passagem) proibindo o transito entre Damão e os dois enclaves. Este é o litígio e não outro. Se o direito não houvesse sido violado, Portugal não teria considerado necessário reivindicá-lo junto do Tribunal. Carece, portanto, de fundamento a sexta «excepção» indiana (noutros casos litigiosos pronunciaram-se a favor de pontos de vista identicos aos do Governo português duas altas autoridades: o juiz «sir» Hersh Lauterpacht e o prof. Henri Rolin, agora advogado da India) e como tal deve ser, assim como Portugal pede nas suas «conclusões» rejeitada, tanto mais que o Governo de Nova Delhi, pela boca do prof. Waldock, acabou por concordar que o litígio teve efectivamente o seu início em 1954. — (A. N. I.)

A próxima audiência é na terça-feira

HAIA, 31 — Às 10 e 30 precisas principiou a quinquagésima sétima audiência do julgamento no Tribunal Internacional de Justiça — décima segunda e ultima audiência da resposta portuguesa á réplica oral indiana, que terminou ás 11 e 45.

A próxima audiência primeira da resposta indiana, está marcada para terça-feira, ás 10 e 30.

Confirma-se que a delegação indiana — de que apenas devem usar da palavra Setalvad e Rolin — tenciona dar por terminada a resposta na sexta-feira, com o que terminará o julgamento, devendo a decisão do tribunal vir a publico só em Fevereiro ou Março de 1960. — (A. N. I.).

Regressa a Lisboa o dr. Martins de Carvalho

HAIA 31 — De automóvel, partiu ontem, de regresso a Lisboa, o dr. Henrique Martins de Carvalho, ministro da Saude e Assistência e membro da delegação que representa Portugal no julgamento contra a União Indiana, que decorre no Tribunal Internacional de Justiça. — (A. N. I.).

As afirmações do chefe do Governo russo sobre o panorama político no Mundo

(Continuação da 1.ª página)

Unidos, bem como as exposições russa e norte-americana, respectivamente, em Nova York e em Moscovo, haviam «auxiliado também a quebrar o gelo da guerra fria».

Referindo-se ao desarmamento, Kruchtchev declarou que a União Soviética, embora queira um «desarmamento completo», está «pronta a examinar outras propostas e sugestões e a adoptar uma atitude flexivel, quanto a este assunto», mas, frisou, «não está disposta a fazer quaisquer concessões, em questões de principio».

A conferência no mais alto nível

Ainda acerca de uma eventual conferência no mais alto nível, disse que, sobre tal assunto, «existe acordo» entre ele e o presidente Eisenhower, e que «o primeiro-ministro MacMillan também é a favor de uma conferência de alto nível», acrescentando:

O Governo soviético deseja reunir a conferência no mais alto nível o mais brevemente possivel, visto que os problemas mais importantes e mais complexos só podem ser resolvidos numa reunião de chefes de Governo. Na nossa opinião, a agenda desta conferência deveria ser a seguinte: desarmamento, tratado de paz com a Alemanha, solução do problema de Berlim-Oeste e outras qustões de importancia capial».

O problema alemão é um dos nós que entravam as relações Leste-Oeste — disse «K» — e acrescentou que um tratado de paz resolveria não apenas esse problema, mas, também, o de Berlim. Tratando-se de «questões gémeas», devem ser discutidas na conferência no mais alto nível

Os incidentes na fronteira sino-indiana

O chefe do Governo russo levou uma hora e 41 minutos a ler o seu discurso, do qual se salientam vários outros pontos. Declarou que o seu próximo encontro com o presidente de Gaulle será um passo util nas relações entre a França e a Russia, mas lamentou que a França faça parte de pactos de aliança contra a Russia.

Disse que, nesta era de armas atómicas, qualquer nação que desencadeie uma guerra figurará entre as primeiras a sofrer, e declarou que a União Soviética, como sabe isto, está, portanto, resolvida a manter uma politica de paz.

A China Comunista «é uma grande potência — disse — e ninguém pode ser cego perante tal facto», e acrescentou que a Russia apoia as reivindicações de Pequim contra a Formosa. A Coreia poderá ser reunificada por meio de acordo entre as duas zonas, se as tropas estrangeiras forem retiradas da Coreia do Sul.

A Russia não deseja que o Laos continue a ser um foco de guerra e insiste em que os países estrangeiros cessem de interferir nos negócios laocianos.

O Governo soviético «lamenta imenso» os incidentes na fronteira sino-indiana, e ficaria «muito satisfeito, se tais incidentes se não repetissem, e se quaisquer problemas sobre conflitos de fronteiras fossem solucionados pacificamente» — declarou Kruchtchev.

No Próximo e Médio Oriente «ainda não há uma situação estável — disse — e criticou a atitude da Turquia, ao comparticipar em «blocos militares», e por ter assinado um acordo que autoriza no seu solo bases de mísseis ocidentais. Afirmou também que a Pérsia prejudicou as boas relações com a Russia, e declarou que a Organização do Tratado Central, que «é precisamente o mesmo velho Pacto de Bagdad, está a agravar a tensão naquela região».

O orador pronunciou-se favoràvelmente acerca das declarações de 16 de Setembro do general de Gaulle, quanto á Argélia, frisando que existem «elos apertados entre a França e a Argélia». — A. N. I. e F. P.).

A reunião dos «Quatro» ocidentais

PARIS, 31 — Círculos autorizados declararam que será publicado, esta tarde, um comunicado oficial, fixando a data de 19 de Dezembro para a conferência ocidental no mais alto nível, a realizar em Paris, com a presenta de Eisenhower, MacMillan, de Gaulle e Adenauer. — (A. N. I.).

RESERVAS DA A. F. L.

Os desafios desta tarde

Prosseguiu, esta tarde, com os encontros da sétima jornada, o campeonato de reservas, da A. F. L., dos quais damos breves apontamentos.

OLIVAIS, 1 BENFICA, 0

Jogo no campo «Alvaro Gaspar»

As equipas:

S. L. OLIVAIS — Nobre; Faustino e Frutuoso; Eugénio, Carlos Alberto e Gaspar; Mordido, Augusto, Pinho, Pataca e Vieira

BENFICA — Barroca; Sidónio e Jurado; Flávio, Saraiva e Inácio; Vieira Dias, Mendes, Torres, Peres e Malta da Silva.

Arbitro — Mário Ribeiro.

Durante o primeiro tempo, e apesar da réplica dos locais, o Benfica jogou, quase sempre, no meio campo do adversário. O seu ataque, porém, pouco profundo, não conseguiu concretizar a sua superioridade. Ao intervalo: Olivais, 0-Benfica 0.

Na segunda parte, o Benfica não logrou modificar o cariz do jogo e, aos 33 minutos, Eugnio deu a vitória ao Olivais, por 1-0.

BELENENSES, 4 ATLÉTICO, 2

Jogo no Restelo, dirigido por Marques Leal.

As equipas:

BELENENSES — Nascimento; Leonel e Durão; Ferreira, Castro e Carlos Silva II; Alemãozinho, Miguel, Martinho, Cunha Velho e Estevão.

ATLETICO — Jajan; Tomé e Gomes; Coelho, Henriques e Campos; Esteves, Mega, Marques, Correia e Pinto.

O Belenenses começou o jogo ao ataque e, aos 3 minutos, abriu o activo, por Cunha Velho, com um remate disparado de longe.

Os «azuis» prosseguindo na mó de cima, aumentou a vantagem, aos 12 m., também por Cunha Velho.

O Atlético reagiu e, aos 19 minutos, Mega reduziu a diferença para 2-1.

A partida prosseguiu com o Belenenses em toada ofensiva, embora pouco objectiva.

Entretanto, os Alcantarenses, aos 40 minutos, lograram o empate, através de um remate de Pinto. Ao intervalo: Belenenses, 2 — Atlético, 2.

Na segunda parte, o Belenenses fez substituir Alemãozinho por Cravo; e no Atlético Jajan cedeu o lugar a Fura.

O jogo endureceu e Leonel magoou-se e teve de abandonar o rectangulo.

A' meia hora, em jeito de contra-ataque, o Belenenses colocou-se em vencedor, por intermédio de Cravo.

Aos 43 minutos, Martinho fixou o resultado final em 4-2.

ESTORIL, 0 SPORTING, 6

Encontro no campo da Amoreira arbitrado por Manuel Ferreira.

As equipas:

ESTORIL — Carvalho; Ferreiro e Hilário; Beijinho, Lopes Ferreira e Martins; Matos, Barbosa, Félix, Espanhol e Tirano.

SPORTING — Carvalho; Peireteo e Alexandre; Galaz, Ferreira Pinto e França; Romeu, Oscar, Martins, Carlos Manuel e Cafum (João Baptista).

Até aos 10 minutos, o Estoril desfrutou de ascendente. A partir desse momento, o Sporting melhorou o seu jogo e, aos 13 e 18 minutos, Oscar obteve dois tentos para os «leões» Com 2-0 foi assinalado o intervalo.

Na segunda parte, Ferreira Pinto, Martins e Carlos Manuel, respectivamente aos 22, 27 e 32 minutos, colocaram o Sporting a vencer por 5-0. Aos 34 minutos, Martins de grandepenalidade, fixou o resultado final em 6-0, a favor do Sporting.

ORIENTAL, 1 ARROIOS, 1

Jogo em Marvila, sob a arbitragem do sr. António Carrola. As equipas:

ORIENTAL — Soares; Seborro e Carapinha; Cordeiro II, Viriato e Fernandes; Norton (Carvalho), Roque, Vasco, Postiço e Pereira.

ARROIOS — Sousa; Cordeiro e Quintela; Costa, Paz (Borges) e Nascimento; Valdemar, Patrício, Sá, Borges e Roque.

Ao intervalo 1-0 a favor do Oriental, golo marcado por Roque, aos 32 minutos.

Na segunda parte, Roque, do Arroios, aos 16 minutos, fixou o resultado final em 1-1.

HORTA E SILVA

conhecido nadador laurentino faleceu vítima dum desastre de viação

LONRENÇO MARQUES, 31 — Vítima de ferimentos recebidos num desastre de viação, ocorrido na estrada da Praia da Polana, quando tripulava uma «scootter», faleceu o conhecido nadador José Eduardo Horta e Silva, de 21 anos de idade, natural de Lisboa. Defendeu as cores do Grupo Desportivo de Lourenço Marques, tendo sido campeão recordista nas várias distancias e estilos, revelando-se um nadador de primeiro plano. — (L.).

QUATRO INDÍGENAS

mortos num desastre em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 31—Perto da Maxixe, ocorreu um trágico desastre de viação em que perderam a vida quatro indígenas e 22 outros ficaram feridos, dois dos quais em estado de coma.

Uma carrinha «Ford» conduzida pelo régulo Inguana Bastião Mossanhane, embateu, numa árvore, quando transportava grande numero de indígenas. Quatro tiveram morte imediata e os restantes ficaram muito feridos. A carrinha ficou reduzida a um montão de destroços. — (L.).

Depende do Supremo Tribunal

O regresso ao trabalho dos operários do aço

WASHINGTON, 31 — O Supremo Tribunal aceitou estudar o problema da validade do despacho que obrigá os operários da Siderurgia a recomeçar o trabalho. O tribunal ouvirá os advogados das partes, na terça-feira próxima. Até á sentença, a greve prosseguirá. — (F. P.).

190 mil operários da indústria automóvel estão sem trabalho

DETROIT (Michigan), 31.—O numero de operários da industria automóvel que tiveram de suspender o trabalho, em virtude da greve na industria do aço, já subia ontem a cerca de 190 mil — sendo a quase totalidade da «General Motors», gigante da industria que, ao fim do ultimo turno de ontem, atingia 185 mil suspensões; este numero representa mais de metade dos 330 000 operários que naquela empresa trabalham com salários á hora.

A «Chrysler Corporation» também já começou a sentir mais intensamente as faltas de aço, anunciando que as suspensões atingiram ontem, no fim do primeiro turno, 1900—tendo sido suspensos, ontem mesmo, 2200 operários da fábrica «Dodge».

A G. M. fechou a ultima das suas fábricas «Cadillac», ao fim do segundo turno de quinta-feira; ontem, fecharam duas fábricas suas, em Livonia e Lasing, neste Estado, o que afecta 12 400 operários. A secção de automóveis e camionetas G. M. C. suspendeu 1000 operários. Da fábrica de transmissões da «Chevrolet», em Toledo, Ohio, foram suspensos 360.—(A. N. I.).

A catástrofe do México causou dois mil mortos e os corpos aos montões em decomposição são uma ameaça de epidemias

(Continuação da 1.ª página)

-se em muitos outros locais, e há rios de lama que ameaçam muitas aldeias. Aviões lançam desinfectantes e antibióticos sobre as povoações, onde os corpos em decomposição, amontoados, podem provocar epidemias.

As víboras «alacranes» saem das tocas e ameaçam os sobreviventes. — (F. P.).

A extensão da catástrofe

CIDADE DO MÉXICO, 31 — As autoridades anunciaram hoje que deve ascender a mais de dois mil o numero de mortos causados pelo terrível ciclone.

O Palácio Presidencial publicou um comunicado anunciando que só na povoação mineira de Minatitlan foram já recolhidos seiscentos cadáveres e que entre os inumeros feridos há 135 que se encontram em estado desesperado e não há esperança de os poder salvar.

Os funcionários governamentais dizem haver todas as razões para crer que nas vastas áreas inundadas dos quatro Estados que foram varridos pelo ciclone deve haver centenas de mortos sob as toneladas de lama e destroços de toda a espécie.

Na zona costeira de Manzanillo foram hoje encontrados os cadáveres de mais trinta e oito pessoas dentro de várias embarcações destroçadas que o temporal atirou á costa. Soube-se agora que se perderam mais dez barcos de pesca com uma tripulação total de cinquenta e seis homens, que devem ter morrido afogados.

O embaixador dos Estados Unidos, Robert C. Hil, em nome do seu Governo ofereceu todo o auxílio que seja necessário para minorar a situação dos sinistrados e para a reconstrução das zonas destruídas pelo temporal, o maior registado no México há muitos anos.— (A. N. I.).

CERTEZAS E INCERTEZAS

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 68 Diario de Lisbôa

ou que é preciso para obter a felicidade e a confiança no dia de amanhã

por BLASCO FERNANDES

O que pensa das viagens interplanetárias e do destino a dar à LUA

Em prosseguimento deste nosso inquérito, apresentamos hoje mais uma etapa em que tentamos mostrar como reagem os homens perante aquilo a que chamámos *Loucura Lunar.*

Alguns dos nossos entrevistados afirmam-nos serem as perguntas bastante difíceis, o que dá, por isso mesmo, mais interesse a este nosso empreendimento.

Com efeito, as perguntas que fazemos neste inquérito envolvem algo de transcendente. Este facto, contudo, não se deve, como é óbvio, a dificuldade imposta por nós. Precisamente a transcendência deve-se á natureza do assunto, a dificuldade é imposta por ele mesmo. Velozmente, sem que quase nos tenhamos disso apercebido, atingimos uma fase da vida dos homens e do Universo que requer a maior ponderação, a maior seriedade e a força, o entusiasmo, todo o entusiasmo para conseguirmos alcançar a compreensão deste grande momento que atravessamos.

Não se trata simplesmente de atingir a tão cobiçada Lua, mas também de reflectirmos bem esse acto e de sabermos ao que nos poderá ele conduzir, se á vitória espiritual e compensadora, se ao desanimo, á derrota moral, que fará os homens ainda mais infelizes.

Quando abordamos o problema: «Qual o destinô a dar á Lua, depois de atingida pelos homens?», não há duvida de que a reflexão e a calma se tornam ainda mais exigíveis. E' que olhamos a Terra, vislumbramos o seu aspecto desolador e comovente... e lembramo-nos de que, nunca, nunca tinhamos pensado que tudo deve ter um fim, um bom fim, um destino, e que não demos esse destino á Terra, ou então errámos, trocámos os rótulos.. errámos, decididamente, o destino!

WALDEMAR MONTEIRO

Dr. Aquilino AQUILINO:

Em vez de repartirmos a Lua em tiras, como a Terra, deixando a uns a gorda planura á beira do mar da Serenidade e a outros os cabeços encravados na Serra dos Ventos, o domínio de todos,

Aquilino Ribeiro expõe-nos, a seguir, clara e significativamente as suas ideias acerca do que a Lua foi e será:

— A Lua está a ponto de tornar-se o arrebalde da Terra. Não digo que amanhã se instale lá em loja terrea e com parreira á porta, um «Perna de Pau» em que se vá cantar o fado. Mas, em suma, em menos de cem anos teremos instalado em seus outeiros e esplanadas bons sanatórios e casas de chá.

«O que ela tem sido, até agora, além de soleil des morts, *na lin-*

(Continua na página central)

Com muita frequência encontramos na boca das pessoas, por vezes, apenas murmuradas, palavras ou frases que reflectem uma preocupação, um estado de alma ou, mais vulgarmente, um sentimento despertado pelos problemas que a vida lhes impõe e que elas têm de resolver, custe o que custar, pois disso depende a sua sobrevivência. Muitos desse termos assumem já a categoria de hábito, proferidos maquinalmente, quer se reconheça ou não a existência dos destinos que nos guiam pelos caminhos da vida. Mas, ao lado destes, surgem outros, mal aflorados aos lábios, mas que se traduzem marcadamente nas rugas de um momento, tornadas sulcos permanentes, no olhar ou na própria expressão do rosto, espelho do espírito roído pelas graves questões vitais.

Nos tempos primitivos, quando os homens ainda habitavam as cavernas, os seus problemas magnos eram, principalmente, os da sua defesa contra os animais ferozes e contra os rigores do tempo. Embora os meios de que os homens se serviam fossem rudimentares, a verdade é que os riscos eram visíveis e, talvez por isso mesmo, menos aterradores. Com a fera o homem lutava e vencia ou era vencido num combate que se decidia quase na própria ocasião. As grandes irregularidades do tempo, que punham em perigo a sua existência, directa ou indirectamente, constituiam os unicos fantasmas que se ocultavam no Além.

Na Idade-Média, a população distribuia-se entre os proprietários das terras e os trabalhadores das mesmas. Estes viviam agarrados ao seu instrumento de trabalho, fonte de todos os seus recursos, que era a terra. A recompensa que o senhor lhes dava, em natureza ou no usofruto de um pedaço de terra concedida, destinava-se á sua manutenção. Os riscos, então, ligavam-se mais ao tempo que podia ou não comprometer ambas as culturas. Em qualquer dos casos, o maior peso incidia nos ombros dos trabalhadores. A sua situação precária como no período anterior, apresentava contudo um aspecto mais lisonjeiro.

Actualmente, na fase industrial, o panorama modifica-se completa-

(Continua na 7.ª página)

O FAUSTO POLACO

Conta-se na Polónia uma lenda curiosa de Fausto bem diferente no seu desfecho da que Goethe escreveu.

Um dia um tal Twardowski (o Fausto polaco) saturado com a vida que levava fez um pacto com o Diabo mas estipulou, preventivamente, que antes dele o levar tinha de lhe atender a três desejos.

No dia do ajuste de contas estava o nosso homem em alegre divertimento e recebeu Satanaz com um sorriso nos lábios lembrando-lhe então as condições.

— Recordo-me — diz Satanaz — diz lá o que queres.

— Vês aquele cavalo pintado na tabuleta da estalagem? Dá-lhe vida que quero montá-lo.

O pedido foi imediatamente atendido e o cavalo veio caracolear, completamente arreado até ele.

— Agora para o montar preciso de um chicote — acrescentou Twardowski.

Com um punhado de areia Satanaz faz rápidamente o chicote pedido.

Depois ri-se por ver o nosso homem a hesitar no terceiro pedido.

— Para quê tanto esforço? Vamos, o melhor é seguires-me sem mais cerimónias — diz o rei dos Infernos triunfalmente.

Mas Twardowski, que a tinha bem fisgada, mostrando um ar sorridente, acrescentou:

— Mais um pouco de paciência meu caro. Conheces, porventura, *a*

(Continua na 7.ª página)

GANHE 100$00 com um sorriso nos lábios

PROVA-SE ESTA SEMANA QUE

E não! A's vezes a poesia dá lucro, mesmo no nosso País, que é um País de prosa. Acredito que o fenómeno se dê poucas vezes; mas dá-se. Escreveu-nos um senhor, a mandar uma poesia. Dizia: «Tenho propensão, sabe? Mas sempre se disse que ser poeta (?) é ser miserável, etc.». Já sabíamos tudo isso; o que não sabíamos é que ser poeta é ser «etc.». Adiante. O mesmo senhor que tem propensão mandou-nos um poema em que se candidatava á «centenária» do nosso concurso. E ganhou o prémio, como os nossos leitores vão ler:

Se cantares com jactancia
que feriste o coração
A mil virgens e matronas
— És pavão.

Se no negócio em que metes
Olho, dinheiro e a mão,
O êxito sempre te espera
— É's pavão.

Se nas rixas, quando tosses
Cem tipos caem no chão
E partes dezenas de ossos
— És pavão.

Se de Ulisses a glória ofuscas,
E enches o peito em balão
Com teus feitos de espantar
— És pavão.

Mas quando a pavoa surge
E te canta o velho fado,
Mostras de facto quem és
— És um pavão depenado.

O vencedor e poeta (?) é o sr. José Carlos de Oliveira (Trav. de S. Sebastião, 28, 2.º. Dto., Lisboa).

O sr. E. Lass (de Coimbra) não se esqueceu, como de costume, de nos enviar as suas excelentes definições. Vejamos:

PAVÃO é um peru no género novo-rico.
Ou um parente rico do peru.
Tem tanta estupidez, que usa leque mesmo quando está frio.
Geralmente ou é «pato» ou é parvo.
Por isso não passa de um peru com manias de grandeza.

A sr.ª D. Maria Eugénia Pinto dos Santos (Figueira da Foz) não é deste parecer. O pavão nada tem com o peru: é uma fase do homem. A coisa, segundo esta nossa leitora, explica-se assim:

PAVÃO significa uma das fases ou metamorfoses da vida do homem, pois a mesma compõe-se de quatro fases: menino, pavão, burro e cão.

(Continua na 7.ª página)

As mulheres de ciência

... coração

por ALFREDO BRÁS

Há ainda quem pretenda que a unica função da mulher é estar em sua casa a cuidar do marido e dos filhos. Além disso, para os indivíduos que assim pensam, também são consideradas como actividades tipicamente femininas: os lavores, a conversa futil, a leitura de romances «cor-de-rosa» e os cuidados postos em tornar-se sedutora. Mas todas as ocupações que impliquem uma participação mais activa da mulher na vida social, são por eles tidas como incompatíveis com a chamada «feminilidade».

O que realmente seja essa decantada «feminilidade», é coisa que os seus incondicionais admiradores ainda não conseguiram explicar de maneira conveniente. Para uns, parece consistir na submissão ao «sexo forte» e por isso exaltam liricamente todas as manifestações de cobardia física e mental da mulher; para outros, tratar-se-ia de uma manifesta incapacidade feminina para a visão clara e racional das coisas, um espécie de exaltação sentimental oposta á crítica e á ciência, sendo estas sómente compatíveis com a «superior» organização mental masculina. Daí o considerarem a investigação científica como terreno vedado ao sexo feminino e verem na mulher de ciência um ser destituido de encanto e incapaz de emoções.

E' certo que as condições sociais impuseram, nos ultimos tempos um acentuado recuo aos idealizadores da submissão feminina e que a mulher vem conquistando dia a dia uma posição destacada justamente nesses campos onde se supunha que ela nunca conseguiria penetrar. Vai longe, felizmente, o tempo em que uma Sofia Kovalewsky e uma Madame Curie tiveram de abandonar as suas respectivas pátrias, onde as portas das Universidades estavam fechadas para as mulheres, para tirarem no estrangeiro um curso superior. E, no entanto, estas duas sábias pagaram o injurioso desprezo de certos homens pelas qualidades intelectuais do sexo feminino fazendo-lhes, também a eles, a generosa dádiva dos espantosos frutos do seu génio.

Ora, é justamente da vida sentimental de uma destas extraordinárias mulheres de ciência que quero falar-vos um pouco, para mostrar-vos como o seu coração pulsou, talvez ainda mais que os das mulheres vulgares, de amor e ternura.

Sofia Kovalewsky, que viria ser uma das maiores matemáticas de todos os tempos nasceu em 1850 num velho palácio de Moscovo. Tendo evidenciado desde muito nova grande atracção pela matemática, aprendeu no seu país os elementos dessa ciência e, impossibilitada de prosseguir os estudos, porque na Russia os cursos superiores estavam vedados ás mulheres, pensou então em ir frequentar uma Universidade alemã. Mas contra essa aspiração levantavam-se sérios obstáculos. A família relutava em conceder-lhe autorização e as próprias leis russas não permitiam a uma mulher solteira abandonar o país. A forte vontade da jovem conseguiu, porém, vencer a oposição de seu pai e sofismar a lei, usando o velho recurso de um casamento simulado com o estudante de ciências biológicas Waldemar Kovalewsky, que também pretendia especializar-se no estrangeiro. Efectuada essa união apenas nominal, os dois estudantes partiram para a Alemanha e Sofia Kovalewsky, com dezoito anos, matriculou-se na Universidade de Heidelberg.

Dois anos depois, entusiasmada com a fama do matemático alemão Karl Weierstrass, que leccionava em Berlim, a jovem trocava Heidelberg pela capital alemã e, como a Universidade berlinense não autorizava a permanência de mulheres nas aulas, passava a receber lições particulares, do célebre professor. E de tal modo essas lições frutificaram no espírito de Sofia, que breve ela publicava três trabalhos cuja reconhecida importancia levou a Universidade de Göttingen a conferir-lhe o grau de doutora.

Entretanto, na sua vida sentimental opera-se uma grande transmformação. Ela e Waldemar apaixonam-se um pelo outro e o seu casamento nominal transforma-se em união real. Ambos já doutorados, decidem regressar á Russia e aí levam, durante alguns anos, uma vida tranquila e feliz, até á altura em que Waldemar resolve abandonar o ensino de paleontologia para se dedicar a empreendimentos industriais.

Sofia, a quem nascera uma filhinha em Outubro de 1878, assiste com desgosto áos contínuos desastres financeiros de seu marido e sofre também nessa altura o rude golpe de saber que ele a atraiçoara. A vida conjugal torna-se assim um inferno e a esposa ofendida, incapaz de suportar por mais tempo uma tal situação, resolve deixar o lar e parte para Paris.

O marido, reconhecendo os seus erros, escreve-lhe a implorar-lhe perdão. Estabelece-se entre ambos uma troca de missivas afectuosas e tudo fazia prever uma breve reconciliação, quando chega a terrível notícia de que Waldemar pusera termo á existência, a seguir ao completo fracasso de uma empresa mineira.

Sofia Kovalewsky sofre um terrível abalo e adoece gravemente. Mas tem de encontrar forças para reagir, porque a fortuna que o pai lhe deixara se esgotara completamente nos maus negócios do marido e ela deve criar e educar a sua filha, agora com cinco anos. E é justamente quando procura uma colocação que lhe permita viver decentemente do seu trabalho, que o matemático sueco Mittag-Leffer lhe oferece a regência da cadeira de Análise Superior na Universidade de Estocolmo.

As novas actividades não chegam, porém, para preencher completamente o seu afectivo coração de mulher e Sofia sofre com desespero a sua solidão, até ao momento de encontrar num salão de Estocolmo o explorador e naturalista norueguês Nansen. Uma viva simpatia se estabelece entre esses dois seres de eleição e que tão dignos pareciam um do outro, mas o grande Nansen teve a incompreensível inferioridade de exigir, como condição para o casamento, que Sofia abandonasse a cátedra, as memórias e os concursos científicos, para se dedicar exclusivamente aos cuidados do lar. A mulher de ciência, a grande matemática universalmente admirada, revolta-se contra o prejuizo mesquinho desse homem superior, e, embora com o coração despedaçado, recusa-se a aceitar a humilhante condição imposta, tanto mais que tinha resolvido concorrer ao tema posto pela Academia de Ciências de Paris: — «Sobre a Rotação de um Corpo Sólido em Torno de um Ponto Fixo».

Apresentado o seu trabalho ao juri do concurso, a grande matemática não só conquista o prémio como aumenta ainda mais a sua fama; mas esse triunfo custara-lhe a renuncia ao amor de um homem que tão apaixonadamente a interessara.

São dessa altura algumas das desesperadas cartas dirigidas á sua amiga e confidente Carlota Leffer, irmã do matemático Mittag-Leffer, das quais passo a transcrever algumas curtas passagens:

«Recebo de toda a parte cartas de felicitações, mas nunca me julguei tão infeliz!».

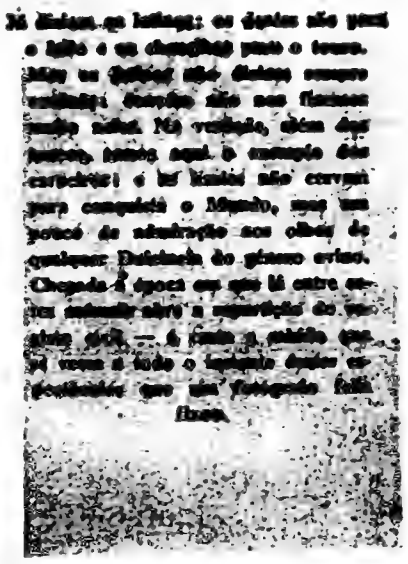
E ainda:

«Sou mais dvida de carinhos que de honras e ninguém me acredita».

Ou este amargo desabafo:

«Uma cantora, uma comediante que se cubra de coroas, encontra muitas vezes o caminho do coração de um homem. Uma mulher admirada pela sua beleza num salão, consegue-o também. Mas uma mulher cujos olhos se tornaram vermelhos á força de estudar e cuja fronte se cobriu de rugas para ganhar um prémio na Academia de Ciências, como pode cativar a imaginação de um homem?».

ALFREDO BRÁS



Pelo andar da carruagem
se vê quem lá vai dentro...

... FEMININOS ... um ... casos

As ultimas estatisticas americanas revelam que em oitenta mil acidentes de automóvel verificados no ano passado no Estado da Georgia (U. S. A.), catorze mil eram provocados por mulheres.

— Hesitei em publicar estas estatisticas — afirmou Robert Jordan — porque estão em gritante contraste com as afirmações do sexo forte sobre a péssima capacidade das mulheres como automobilistas.

A princesa Margarida inaugurou a estação outonal participando no baile dos Regimentos «quinze» e «dezaove», dos «Hussares do Rei».

A princesa levava um colar e ma bracelte de brilhantes que valia tanto como um late.

O SÉCULO VI É O SÉCULO DO HOMEM?

Chamamos frequentemente ao Século que vivemos o Século da energia atómica, o século da matéria plástica, ou o princípio da era cósmica. Mas em rigor isto não é exacto.

Ao admirarmos a força grandiosa da energia libertada pelo nucleo atómico, a riquesa dos novos materiais e a eficácia das novas máquinas matemáticas, verdadeiros cérebros electrónicos; sobretudo ao seguirmos orgulhosos da nossa condição humana, o voo dos «Sputniks» ultrapassando a Lua esquecemo-nos muito frequentemente daquilo que na verdade nos deu a possibilidade não apenas de atingir as estrelas mas também de penetrar no mundo das partículas infinitamente pequenas.

A força motora da vida moderna é ainda o ferro; o que, verdadeiramente, caracteriza ainda o nosso tempo, é, sem duvida o aço. O nosso século será, assim, o século do aço.

Na verdade toda a cultura material dos nossos dias assenta no fundamento sólido constituído pelos milhões de toneladas desse metal negro transformado em foguetões, em barcos, em máquinas ferramentas, em camiões, em geradoras de energia, em carcassas de prédios, em motores, e também em agulhas de costura e outras pequenas coisas.

O homem na sua vida corrente serve-se de inumeros objectos fabricados em ferro ou nas suas diferentes ligas, que lhe aumentam a sua potência de trabalho e lhe multiplicam os seus braços.

Mas todos sabem que o aço ao ser produzido não é ainda um material pronto a usar. Necessita ser laminado ou transformado em perfis de várias medidas e tamanhos para ser utilizado nas futuras máquinas e construções.

Nos numerosos centros industriais do Mundo — e oxalá em breve ali no Seixal — podemos observar nas fábricas de aço como essa massa encandescente de metal em fusão se transforma no precioso material que é o aço de alta qualidade, o aço transformador e criador de riqueza.

Mas mais precioso e revolucionário que esse material é o homem que o transforma. Sim, não esqueçamos que é o homem que está na base dessa prodigiosa transformação operada segundo a sua soberana vontade e as suas necessidades mais sentidas. Mas o homem esclarecido, o homem temperado como o mais resistente dos metais.

Tinha razão o sábio Baikov, ao falar há 18 anos pela rádio da sua cidade cercada:

«Sou um velho metalurgico. Tinha-me habituado a acreditar que nada havia mais forte no Mundo do que o aço. Enganei-me. Vejo que existe uma matéria ainda mais resistente do que o aço. Essa matéria preciosa é o cidadão do meu país».

O MAIS CURIOSO É QUE SE SOUBE QUE ELA NÃO SABIA O QUE ERA CONSTANTINOPLA...

O caso passou-se com Erskine Caldwell. Falaram ao autor de «O pregador» em Constantinopla. O romancista ficou muito espantado:

— Constantinopla é uma segunda Roma? — perguntou.

Disseram-lhe que era «mais ainda» o que provocou novo espanto no escritor:

— Como «mais ainda»?

Quando lhe responderam que Constantinopla fora a capital do Império romano, Caldwell tornou a admirar-se e, virando-se para Virgínia, sua mulher, disse:

— Constantinopla, capital do Império, já ouviste falar nisso?

— Não.

— E eu muito menos. E' uma coisa extraordinàriamente nova para mim.

ERA CONTRA A ESPECULAÇÃO

A viuva do marechal Pétain escreveu as suas memórias, que «L'Aurore» está a publicar em pastilhas diárias. O quotidiano ofereceu-lhe uma soma considerável. Resposta da senhora, que vive de uma modesta pensão:

— Não sou o duque de Windsor: não especulo com as minhas recordações.

dois prémios

CAFÉ HAG

1º - Qualidade

2º - 1 lata grátis em cada 5 latas de CAFÉ HAG SOLUVEL

O QUE PENSA DE [illegible]

(Continuação da 1.ª página)

guagem poética de Marceline Desbordes-Valmor, é o horoscópio seguro do lavrador. O léxico agrícola está prenhe de conselhos tirados todos eles do cariz da Lua. Por exemplo, «Lua nova trovejada, trinta dias é molhada», quantas vezes o ouvi dizer á minha vizinha Clara, cuja janela era um observatório para o céu e a Serra da Estrela?...

«A Lua é o nosso primeiro satélite e como tal é mais nova do que a Terra. Saiu de uma convulsão cósmica do nosso planeta, e fez dele parte integrante, á maneira da versão bíblica, que tirou Eva de uma costela de Adão?... E' uma hipótese não abandonada de todo. A mais plausível, depois que se viu que leis regulavam as orbes que descrevem os satélites artificiais, recentemente lançados da América e da Russia, é que se haja formado do encontro de blocos de astros depois de um cataclismo que se teria dado adentro já do nosso sistema solar. Esses blocos, enormes como continentes, em virtude da gravitação ter-se-iam aglutinado e caído no campo magnético da Terra, de que ficaram cativos.

«Mas, assim ou assado, a Lua não foi ainda habitada, mas está para sê-lo. E' possível que vida e meio próprio marchem para a par. A vida rudimentar começa por gerar uma atmosfera respirável, rudimentar. E, na escala gradativa a que tudo no Mundo está sujeito, chegará das formas elementares ás mais complexas, com seres vivos de combustão interna. Por agora, a Lua está á nossa espera, inane e estéril. Mas tem desempenhado um papel util na economia da Terra. A face que nós conhecemos está coalhada de crateras, dir-se-ia uma cara picada de bexigas. E' devido, dizem os astrónomos, e eu o creio, ao «impacto» dos aerólitos. O que será a face que não vemos? Ignoramos, mas é de supor que esteja muito mais picotada que quantos bilhetes há pelo Mundo, picados pelos alicates dos condutoers de «bondes». E então a Lua terá sido o pára-raios eficaz da Terra. Nos vastos espaços astrais os aerólitos correm á toa como doidos. Como doidos, não há para eles nem rei nem roque. Pois a Lua ter-nos-á servido de parapeito contra eles, sempre atenta e vigilante na sua eterna ronda de 27 dias. Melhor protecção, nem a de uma blindagem. Suponha-se, pois, que a Lua tem sido o nosso guarda-chuva blindado.

«E, se assim é, e perdoe-se a minha fantasia se trago mais uma achega á decifração do enigma, nós lhe devemos boa égide. Por isso, nós a pouparemos no futuro, da nossa cobiça. Em vez de a repartirmos em tiras, como a Terra, deixando a uns a gorda planura á beira do mar da Serenidade e a outros os cabeços encravados na Serra dos Vendavais, nós a sagraremos por igual domínio de todos, com a faculdade de pobres e ricos emigrarem para lá e quem tiver a sorte de possuir uma nave sidérea rápida, passar lá o week-end *e voltar na segunda-feira ao escritório.*

O jornalista João Coito também respondeu ao nosso inquérito. Eis o que lhe perguntámos e as suas respostas:

—Que opinião tem acerca das viagens interplanetárias?

— Penso que serão um feito certo num futuro próximo e constituirão um dos melhores meios de evasão postos ao serviço do Homem, prisioneiro «duma» Terra, onde já se aconselha o «contrôle» dos nascimentos. A Literatura e o Jornalismo serão das primeiras actividades humanas a sofrer uma revolução completa. A expressão «viver noutro planeta», até agora aplicada aos tolos e inconscientes, adquirirá significação totalmente diferente, que lhe resultará da coragem heroica dos pioneiros do espaço.

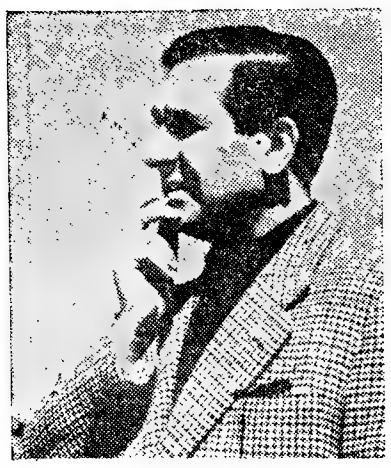
— E sobre o futuro?... Qual julga ser o destino a dar á Lua?

— A Lua será o local disputado pelas companhias de combustíveis e um grande parque de estacionamento de veículos interplanetários.

«Os meteorologistas, os astrónomos e os jornalistas desenvolverão grande campanha contra o afluxo dos milionários nas suas viagens de week-end, *perturbador da sua missão.*

«A propósito — e proponho a minha candidatura, — considero imprescindível a inclusão de um jornalista, na primeira viagem á Lua.

«A expressão «pedir a Lua» deixará de significar um desejo impossível, para traduzir simplesmente um capricho um pouco acima do banal...



Pedro Moutinho, locutor e produtor radiofónico, dá-nos também o seu depoimento. Pedro Moutinho, convém esclarecer, produziu, há cerca de três anos, uma reportagem radiofónica fictícia, «Areia e Eternidade», sobre a partida do primeiro homem para a Lia, com que se candidatou ao Prémio Itália. O problema então posto, á maneira de Julio Verne, tem tido ultimamente algumas confirmações.

— Qual a sua opinião, Pedro oMutinho, sobre as viagens interplanetárias?...

E ele responde-nos:

— A necessidade imperiosa do Homem explorar e descobrir, talvez mais preocupado com o mistério de outros planetas do que com as graves realidades do mundo em que vive, o impulso da curiosidade que empurra os homens para onde jamais ninguém foi, é base científica, humana e espiritual de toda a espantosa actividade que surpreendemos e nos surpreende, na época de angustias e devaires em que vivemos.

«A defesa para o desenvolvimento da Tecnologia Espacial — o espaço utilizado para fins militares é um receio generalizado, — e o prestígio nacional das grandes países são os factores que se erguem no espaço, com a potência extasiante da vontade da conquista!

«As aventuras dos «Luniks» impressionaram todo o Mundo e tão bem a medida deste fenómeno a que podemos chamar «corrida para o infinito».

«O Homem e o Mundo esperam obter da exploração do espaço vitórias de maior grandeza do que as galáxias terrestres, feitas de pequenas misérias e inumeras limitações!

«Não sou contra essa extraordinária cobiça dos grandes países, na procura de novas metas, na sua ambiciosa trajectória. Mas, não posso deixar de reparar que, para além dos objectivos de concorrência, no domínio militar, muitos problemas na Terra se deixam sem solução, com o desperdício de energias, finanças e ciência, o que pode vir a resultar gravíssimas consequências.

«Os Luniks provam com os seus giros espectaculares que a ciência da Terra está a alcançar, mais do que a cinza do satélite, a trágica e atemorizante dimensão do futuro.

«A exploração do espaço extra-atmosférico, tal como já foi realizada, abre perspectivas emocionantes, raras e assombrosas, que bem poucos neste mundo podem definir e avaliar.

«Quando, em 1956, apresentei, com meu irmão, um programa radiofónico de ficção científica ao Prémio Itália, já então vivia intensa e apaixonadamente todo o problema. Tudo quanto nele se apresentou, acaba de ser comprovado pelos resultados das primeiras viagens dos navios siderais. Falta apenas a chegada do primeiro homem á Lua, tal como imaginámos, e creio que tudo virá a acontecer como previmos. Até mesmo o não regresso do piloto! Ele não voltará á Terra, pelo menos, o primeiro...

Depois desta admirável dissertação, Pedro Moutinho responde-nos a nova pergunta:

— Qual, na sua opinião, o destino a dar á Lua, depois de atingida pelos homens?

— A minha opinião, — responde-nos, — modesta e despretenciosa, não será considerada neste ponto do vasto problema. Mas, mesmo assim, não quero deixar de responder.

«Não creio que, nos tempos mais próximos, o problema tenha acuidade inquietante e que a nação que a atingir primeiro, colocando lá um homem, possa considerar-se em posição e com disponibilidades técnicas e humanas para tirar imediato e perigoso proveito.

«A prospecção local, o povoamento, se for possível, a utilização do globo lunar, são, por ora, hipóteses sujeitas a rectificações ilimitadas. A utilização-rádio, o aproveitamento militar-estratégico, a pesquisa e exploração mineral, são outros tantos objectivos propostos, mas de grandes dificuldades, implicando tarefas de excepcional envergadura.

«Até que se possa, efectivamente, decidir sobre o aproveitamento ou utilização da Lua, muito tempo há-de correr! Quando penso no tempo que demora a fazer uma passagem subterranea para peões, avalio quanto não custará um parque de estacionamento para navios interplanetários!

«Há dois momentos dessas viagens que me impressionam, electrizando-me: a rota, propriamente dita, a viagem com todas as interrogações, silêncios e vibrações, e a chegada, na quietude dos motores e na perturbante e silenciosa atmosfera, irreal, da superfície lunar.

«Se o homem que um dia partir puder, ao chegar, tal como imaginámos no nosso «Areia e Eternidade», falar com a Terra, ele terá vivido então o momento mais altamente patético da vida dos povos! —«E, se lá ficar, perdido, irremediávelmente abandonado, a sua voz, o seu drama, a sua coragem, serão os novos símbolos do novo Homem!...».

Iniciando de forma notável o novo ano literário, a **PORTUGÁLIA EDITORA** acaba de publicar:

COLECÇÃO

CONTEMPORÂNEA

N.º 3

O MINISTÉRIO DO MEDO

por **Graham Greene**

●

N.º 4 — O PRÉGADOR

por **Caldwell**

●

COLECÇÃO

OS ROMANCES UNIVERSAIS

CANGURÚ

por **Lawrence**

●

UM HEROI DO NOSSO TEMPO

por **Levmontov**

●

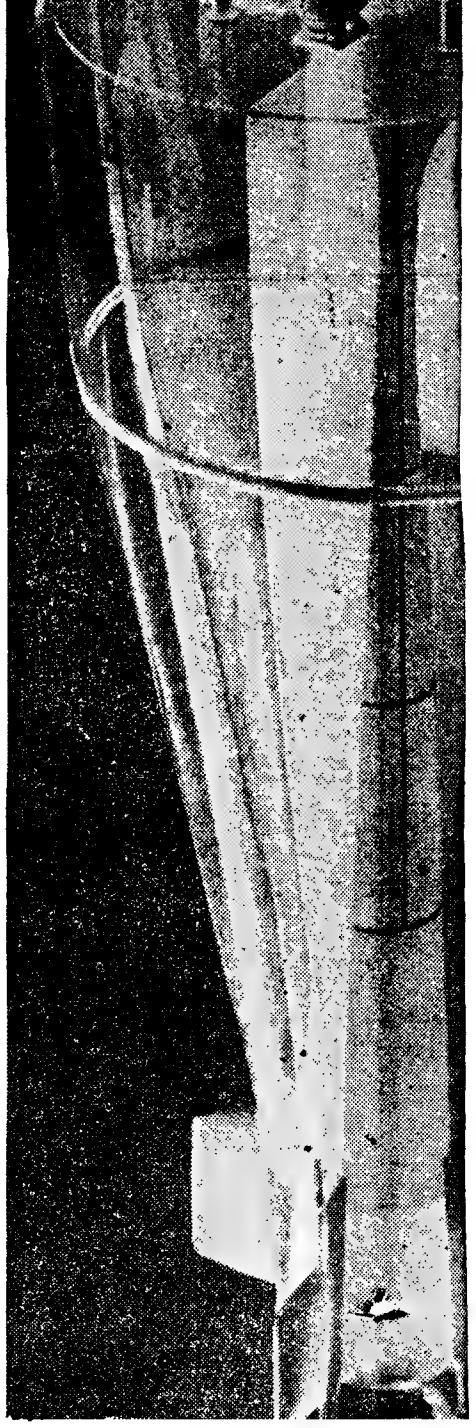
BIBLIOTECA DOS RAPAZES

OS TRÊS MOSQUETEIROS

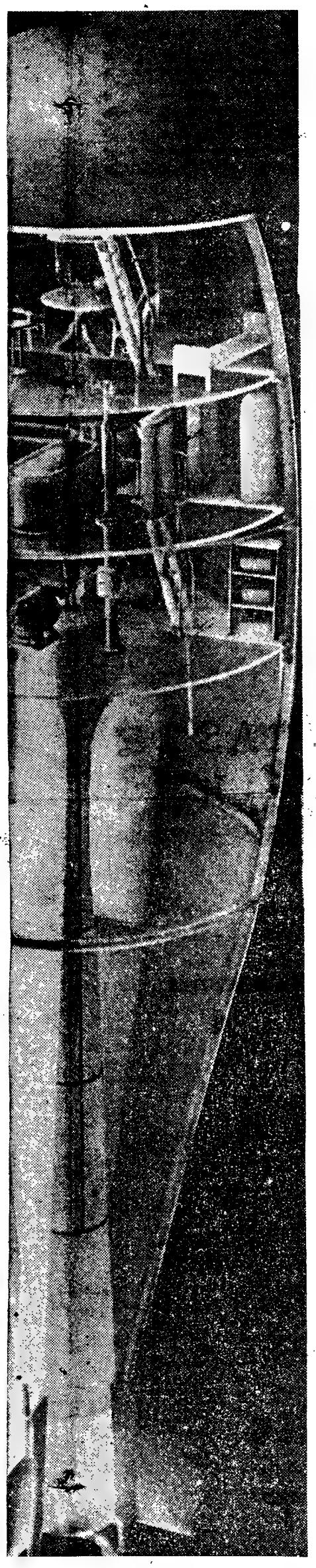
por **Alexandre Dumas**

Em Novembro, a nova colecção

O LIVRO DE BOLSO



Que pensa o leitor que seja este estran[illegible] apartam
A arquitectura do futuro para os solteirões crón
leitor vê é o primeiro projecto de astronave, vis
da astronáutica moderna — Constantino Tziolkov
já, nos temos referido em M



O DR. BRAUN VAI MUDAR DE CASA OU APENAS DE MOVEIS?

SEGUNDO as ultimas e bem destacadas notícias dos jornais, o célebre dr. Von Braun, especialista nazi em matéria de foguetões, inventor da V2 que tanto castigou o Sul de Inglaterra e finalmente cientista-chefe do programa americano de utilização militar do cosmos — o dr. Braun (e os cem camaradas tudescos que com ele trabalham) vão ser transferidos do exército para um organismo civil. A notícia sucedeu-se quase imediatamente ao apelo que o dr. Von Braun lançara acerca da necessidade de se acabar com a rivalidade entre o programa espacial da Marinha e do Exército americanos. A Russia — proclamou — tinha sobre a América um grande avanço no que respeita a foguetões cósmicos, a satélites, a estações espaciais e se os Americanos não despertassem a horas poderiam ter a certeza de que em todos os planetas aonde viessem a chegar encontrariam uma alfandega soviética. No fim, já piedosamente esquecido dos bons tempos hitlerianos, dizia coisas sobre a liberdade capazes de comoverem as pedras.

***O seu apelo** parece que fora escutado: a Casa Branca pediu ao Congresso autorização para transferir o Arsenal Balístico Militar de Huntsville, então sob a alçada do Exército e dirigido pelo dr. Von Braun, para a Agência Aeronáutica Espacial (N. A. S. A.: National Aeronautics and Space Administration), considerado departamento civil.*

Que representava a medida?

Tratar-se-ia de alguma profunda transformação?

Eis uma pergunta que exige uma pequena volta atrás.

A existência, nos Estados Unidos, de programa para a utilização militar do cosmos é um facto conhecido. Baldwin, comentador militar do «New York Times», escrevia no seu jornal em 16 de Janeiro do corrente ano:

«As despesas materiais dos Estados Unidos com vista ao estudo do espaço cósmico seguem em grande escala a linha militar».

O tema da «conquista do espaço cósmico com fins militares» tem parte de leão nas conferências de Imprensa do presidente, nas reuniões das comissões especiais do Congresso, nas intervenções dos homens de Estado e das altas personalidades militares. Na Imprensa, conquistou um lugar vitalício. Um sintoma curioso: «Air Force», a revista da aviação americana, deixou de trazer como legenda «orgão do exército do ar», que foi substituída por estoutra mais significativa: «Revista do poder aéreo cósmico». Outro sintoma característico: «Missiles and Rockets», revista consagrada á técnica dos foguetões, passou a intitular-se «Revista de Astronáutica Mundial».

Tinha razão o general Power, comandante da aviação estratégica, quando escreveu no numero de Novembro de 1958. da «Air Force»:

«Há uns meses a esta parte uma palavra faz furor nos titulos das publicações periódicas, nas designações de numerosos organismos e nos programas de diversas conferências. E' provávelmente a palavra mais usada em lingua inglesa. Refiro-me, claro está, á palavra «cosmos».

A' palavra «cosmos» a cujo domínio militar se aspirava e cada vez com maior perturbação, em virtude dos avanços espectaculares dos especialistas soviéticos no gradual conhecimento do «espaço exterior».

Mesmo antes dos Estados Unidos conseguirem lançar um satélite artificial já os dirigentes do Pentágono punham a questão do estabelecimento do seu controle sobre estes satélites. O chefe do Estado-Maior das Forças Armadas do Ar, general White, foi bem explícito sobre o assunto na declaração que fez numa conferência sobre técnica de foguetões balísticos, que realizou em Fevereiro de 1958 e que foi publicada no numero de Abril do mesmo ano da revista «Air Force»:

«Os Estados Unidos têm de conquistar e manter o controle do espaço cósmico a fim de garantir a supremacia das nações livres».

Este objectivo — controle americano do espaço e conquista do predomínio neste campo — é um tema que cada vez com maior insistência surge nas declarações das personalidades militares e políticas.

Os técnicos militares americanos não forneciam, no entanto, uma clara ideia do que entendiam por «estabelecimento do controle do espaço cósmico». Para uns trata-se de conseguir para os Estados Unidos uma situação que lhe permita controlar o acesso de qualquer país ao espaço cósmico e, em caso de necessidade, interditá-lo. Esses mesmos defendem a ideia dum «bloqueio do cosmos», a exemplo do «bloqueio dos mares e estreitos» que, em tempo de guerra, se faz.

Contráriamente, outros especialistas sustentam que é indispensável controlar não a entrada no espaço cósmico, mas o regresso dele.

A importancia deste programa de domínio militar do cosmos reside no facto de quem o proclama — não civis sem poderes mas os dirigentes do próprio Pentágono, incluindo o chefe do Estado-Maior da Aviação e outras personalidades militares eminentes. As suas declarações podem ser lidas no numero de Abril da «Air Force» a que já anteriormente nos referimos.

Os resultados obtidos pelos soviéticos no lançamentos dos seus diversos satélites, parecem, porém, tirar qualquer exequibilidade a este programa

A complicada rede de organismos e instituições americanos, directa ou indirectamente dedicados ao estudo do espaço cósmico com fins militares, conquistou a sua forma definitiva em 1958, quando o Congresso promulgou uma lei especial sobre a astronéutica e a exploração do espaço.

O organismo central a que todos os demais obedecem é o Conselho Nacional de Aeronáutica e do Espaço (N. A. S. C.: National Aeronautics and Space Council) afecto ao presidente da Republica. É constituído pelo presidente da Republica, o ministro da Defesa, o secretário de Estado, o presidente da comissão de Energia Atómica, o chefe do departamento especial da aeronáutica e do espaço e um certo numero de outras personalidades como, por exemplo, os representantes dos grandes monopólios que executam as principais encomendas de aparelhos cósmicos. Pela sua autoridade, este Conselho é comparável ao Conselho Nacional de Segurança, que representa de facto o supremo órgão governamental dos Estados Unidos.

Subordinam-se ao Conselho dois organismos principais: a Agência Aeronáutica Espacial (N. A. S. A.) e o Centro de Altos Estudos (A. R. P. A.: Advanced Research Projects Agency).

Segundo a lei, a N. A. S. A. ocupa-se de todos os programas governamentais neste domínio, com excepção «das actividades relativas á criação de sistemas de armamento, ás operações militares ou da defesa dos Estados Unidos da América.

O Centro de Altos Estados, instalado junto do ministro da Defesa, kentraliza as investigações de carácter militar no espaço cósmico.

Mas tal distinção entre serviços «civil» e «militar» é inteiramente convencional. Como observava a revista «Air Force»:

«A. R. P. A. e N. A. S. A. mantêm contactos com as três armas e com os seus institutos de investigação».

E a mesma revista acrescenta (Fevereiro, 1959) que ambos os organismos executam encomendas do Departamento da Guerra.

Vemos assim que a mudança do dr. Von Braun para a N. A. S. A. não se deve interpretar como transferência da política espacial americana do domínio militar para o domínio civil. Só vem demonstrar, pelo contrário, que a N. A. S. A. é um organismo profunda (e exclusivamente) ao serviço dos planos militares americanos relativos ao cosmos. Von Braun não mudará, pois, de casa se se verificar a sua mudança de lugar; quanto muito, variará de móveis.

A N. A. S. A. dispõe de um pessoal científico, técnico e administrativo que se eleva a 8 mil indivíduos. O seu orçamento para 1959-60 é de 485 milhões de dólares 13.871.000.000$00!). O Ministério da Defesa concedeu ao Centro de Altos Estudos (A. R. P. A.) 455 milhões de dólares para o mesmo período de tempo — informes publicados no «Missiles and Rockets» de 2 de Fevereiro de 1959.

Mas as despesas com as investigações cósmicas não se devem apartar das que são consagradas ao foguetões militares. No ano transacto os Estados Unidos não dispenderam menos de 4 biliões de dólares (114.400.000.000$00!) com foguetões de guerra e investigações cósmicas, segundo os dados fornecidos pelo «U. S. News and World Report», de 2 de Janeiro do corrente ano. No mesmo dia, precisava-se também que mais de 5.500 firmas americanas trabalham na execução de 30 programas de foguetões e 20 programas de aparelhos cósmicos. E no numero de 10 de Janeiro informava-se que era de 7 biliões de dólares (200.200.000.000$00!) a verba destinada a engenhos de reacção comandados.

No próximo numero: **Directivas do estudo do espaço cósmico com fins militares.**

Pascal afirmou um dia que «Se o nariz de Cleópatra tivesse sido mais curto toda a face do Mundo teria mudado».

Claro que este pensamento de Pascal não ajuda muito á sua glória nem como historiador nem como sociólogo, mas serve pelo menos para salientar que foi também a beleza fascinante da rainha do Egipto que ajudou Marco António a perder o seu império.

O nariz de Cleópatra era perfeito (e o resto parece que também) e o hercúleo general romano, membro do triunvirato que regia o império de César não resistiu.

Foi, verdadeiramente, uma união entre a beleza e a força.

Marco António abandonou o seu soberano, repudiou a esposa e mergulhou nos braços de Cleópatra nas delícias de Alexandria. A mulher perdoou-lhe mas o cunhado, esse não esteve pelos ajustes e aproveitando-se das fraquezas sentimentais de Marco António declarou guerra a Cleópatra.

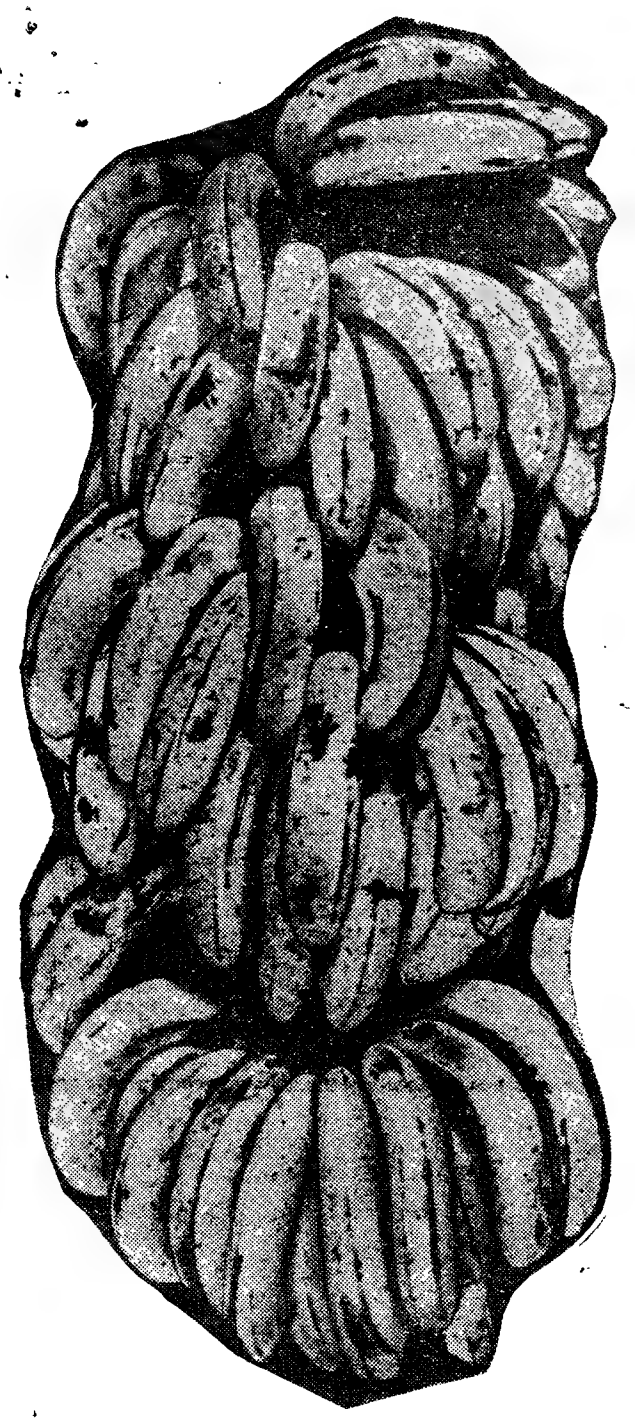
Durante a batalha, a bela rainha fugiu nas suas galeras e Marco António para a seguir abandonou as suas tropas, perdendo assim a famosa batalha de Actium.

Perseguidos pelos seus inimigos, os dois amantes, que durante 20 anos viveram juntos a sua paixão, decidem morrer juntos, também: Marco António suicida-se cravando a espada no seu próprio corpo e morre nos braços de Cleópatra. Esta, mais tarde, faz-se morder por uma áspide, agoniza durante muito tempo e é sepultada com Marco António num grandioso monumento que antes tinha mandado erguer para si e para ele.

Com a devida vénia ao senhor Pascal, diremos que foi, de facto, uma terrível paixão de narizes...

TECTURA
UTURO

te estranho apartamento em forma de beringela? a os solteirões crónicos? Nada disso. O que o to de astronave, visionado pelo grande criador Constantino Tziolkovski, a que, por várias vezes mos referido em Magazine



A FRUTA E O INVERNO

Não tarda aí o Inverno. E a fruta escasseia ou sobe a preços exorbitantes e inacessíveis. Mas há um fruto que nunca falta: a banana. É um fruto exótico por excelência, que conquistou um lugar de relevo nos países temperados, entre as demais frutas.

De todas as frutas, a banana aparece como a mais rica em açucar; contém mais de 20 % do seu peso em açucar, matéria energética de primeira grandeza. Sob a forma de sacarose ou de frutose, estes açucares favorecem directamente a actividade dos diversos músculos, incluindo o cardíaco. O seu grande poder de assimilação faz com que, rápidamente, desenvola calor e força. É um alimento que luta contra a fadiga. A banana seca tem uma riqueza calórica ainda maior; semelhante ao queijo e ás tamaras, quase igual aos cereais e aos legumes secos.

Cada 100 gramas de bananas equivale a 80 calorias!

Mas, como em tudo, há certos senões: escolher, apenas, a banana bem madura (como todos sabem, a banana é apanhada verde, pois transportada a grandes distancias, só assim, poderia ser consumida a léguas e léguas da origem). Por isso, é vulgar vender-se ainda verde, o que é prejudicial; mastigar vagarosamente e bem. Deglutida em pedaços grandes, a banana pode tornar-se pesada para o estômago.

A banana verde é, essencialmente formada de amido. O amadurecimento transforma, pouco a pouco, uma parte deste amido em derivados açucarados. A coloração da pele traduz o amadurecimento e, portanto, a degradação deste elemento em açucar. A banana inteiramente amarela com manchas escuras não contém mais que 1 % de amido.

Todos os regimes contra a obesidade proibem a banana; com efeito, como aconselhar um fruto em que apenas em 100 gramas se encontram representadas 80 calorias. No entanto, nas obesidades chamadas esponjosas, quer dizer em que os tecidos se ingurgitam de água como qualquer vulgar esponja, é preciso, não tanto restringir as calorias, mas antes de tudo banir o sal em excesso. A banana, por ser rica em potassio facilita a libertação deste elemento.

Nesta quadra do ano, pois, em que a fruta escasseia, demos grande consumo a esta preciosa espécie, que só traz vantagens ao organismo.

SAIBA COMER

O regime da obstipação

A prisão de ventre não é um mal de nascença. E' um mal resultante de hábitos defeituosos. Em geral, produto de uma alimentação deficiente e uma higiene de vida mal adaptada.

E' um mal que deve ser combatido enquanto se muda de vida. E o modo de vida depende, acima de tudo, da força de vontade. Há que impor ao corpo certas disciplinas indispensáveis, enquanto se procuram alimentos adaptados ás funções naturais que são as do intestino. Práticas muito simples e á mão de qualquer pessoa, revelam-se bem mais eficazes que o uso de medicamentos. De resto, os medicamentos pecam pela habituação.

Uma higiene de vida activa e pratos apropriados permitem vencer a maior parte das prisões de ventre. Reeducando as funções intestinais, elas provocam uma melhor saude e também uma beleza fresca.

As prisões de ventre que surgem muito cedo e se tornam crónicas impõem um exame médico completo. Mas estas são, felizmente, raras. Na maior parte dos casos trata-se de males já muito antigos e uma falta de cuidado extrema. A preguiça intestinal instala-se insidiosamente, mais ou menos importante segundo as estações e os lugares que se habita.

O uso dos laxantes, longe de curar a prisão de ventre, precipita ainda mais depressa, o padecente na colite. Mas também o regime a seguir deve ser aplicado com cautela, pois é da máxima importancia ter em conta, antes de tudo, a maior ou menor irritação das paredes intestinais.

A vida moderna, agindo sobre o indivíduo solicitado para mil afazeres ao mesmo tempo e obrigando-o a servir-se de transportes, é a primeira causa do mal. Portanto, é de compreender que a ginástica esteja em primeira plana, uma ginástica racional, que permita uma salutar reeducação: alguns exercícios matinais, diante da janela aberta; para as pessoas demasiado idosas ou fatigadas, basta fazer massagens abdominais, ao levantar (no comércio vendem-se uns aparelhos com bolas, para este efeito). A marcha é um exercício óptimo para reeducação abdominal. Praticada, á noite, antes do deitar, ela prepara o intestino para a manhã seguinte.

O problema dietético da prisão de ventre é um problema mecanico. Trata-se de dar volume, para que o colon se contraia. Por isso, alimentos fácil e totalmente assimiláveis, como o açucar, a carne ou o leite, não interessam; mas os legumes, com as suas fibras compostas de celulose estão em primeiro lugar, na escolha de alimentos destinados a fazer resistência. Evitar todo o exagero. Beber água em jejum é um remédio fácil e... económico; uma colher de azeite tem também seus resultados, principalmente quando a obstipação é de origem hepática; os legumes, os frutos secos, crus ou cozidos, os secos. Também é necessário beber; nunca menos de 1 litro de liquido nas 24 horas. Bebidas pouco alcoólicas, tomadas de preferência no final das refeições e em jejum. A cerveja leve e contendo malte é de recomendar.

Em qualquer estação

frutas e legumes na nossa mesa

Data de 1809, a descoberta da maneira de conservar os alimentos. Depois disso, estava encontrada a forma de fixar as estações. A Primavera, o Verão, o Outono e o Inverno fechavam-se em garrafas e vinham á nossa mesa, fosse qual fosse o tempo do calendário.

Não é difícil preparar as conservas caseiras. O material é simples:

— Frascos de vidro branco ou verde;

— rodelas de borracha para os vedar;

— fechos metálicos, fortes.

Para obter uma boa conserva, há que respeitar certos princípios, depois de ter comprado o material necessário para a função:

1.° — Lavar cuidadosamente os frutos, depois de os escolher bem maduros, intactos e muito frescos e que apresentem, mais ou menos, a mesma forma e tamanho.

2.° — Contar o tempo de esterilização a partir da ebulição; mas não deixar arrefecer na água da cozedura, pois esta continuará e o fruto ficará desfeito. (Mas cuidado: quando retirar os frascos da água a ferver, coloque-os sobre panos ou madeira, para que não estalem).

3.° — Conservar os frascos ao abrigo do calor, da humidade e da luz.

Não esqueça, cara leitora: em qualquer época do ano, esteja onde estiver, terá todo o mês boa fruta e bons petiscos. Basta que se prepare para enfrentar o tempo...

E não há duvida de que é muito mais agradável comer as frutas fora da sua época; é um prazer quase igual ao ...comer da árvore.

OVOS RUSSOS

Cozer ovos; esvasiar da gema, partindo-os ao meio, no sentido da largura. Colocar cada metade vazia, na concavidade de um tomate sem sementes e bem escorrido sobre um pano limpo; dentro, pôr molho de maionese ou, se preferir, por mais económico, molho branco. Sobre o molho colocar uma anchova recheada. Colocar os tomates sobre um leito de folhas de alface.

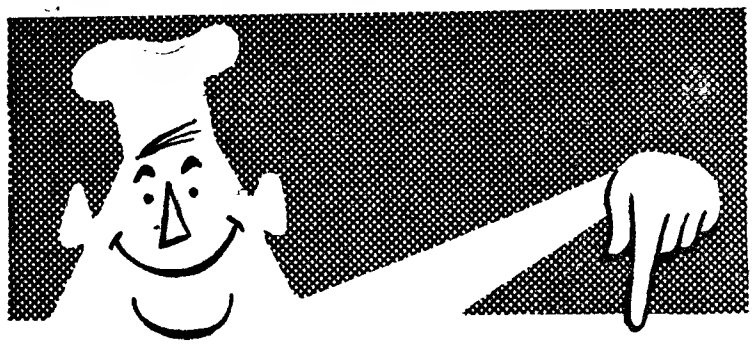
OSTRAS FINGIDAS

Preparar o seguinte recheio de peixe ou marisco. Passar o peixe pela máquina ou descascar o marisco e deixar inteiro. Fazer um molho Bechamel bem temperado e consistente. Misturar o peixe ou os mariscos. Com uma faca, encher as cascas de ostras ou conchas de «pyrex». Alisar bem, cobrir com gema de ovo e polvilhar com pão ralado e queijo ralado e um pouco de pimenta. Levar ao forno. Servir quente. Pode acompanhar com o prato acima ou simplesmente com salada variada, crua.

CREME DE FRUTAS

Para 4 a 6 pessoas:
1/2 litro de leite
150 gramas de açucar
50 gramas de farinha
4 ovos
100 gramas de frutas cristalizadas.

Dissolver a farinha no leite, depois de o ter fervido com o açucar e ter deixado arrefecer completamente. Juntar as 4 gemas. Levar ao lume, por momentos, sem deixar encaroçar. Quando o creme está frio (o que deve conseguir mexendo sempre, para não criar película), bater as claras em castelo e misturar. Deitar o creme em tijelinhas e guarnecer com frutas cristalizadas, cuja cor combine bem. Servir muito fresco, sem contudo, deixar gelar.



PRATO DA SEMANA
PAVÃO

(Continuação da 1.ª página)

E' menino, na verdadeira acepção da palavra.

E' PAVÃO, na quadra dos vinte anos até ao casamento.

E' burro, depois de casado.

E' cão, depois de viuvo e residindo em casa da nora.

Eu poderei aceitar tudo; só o que me ficaram duvidas foi sobre a idade do pavão: entre os vinte e o casamento. Então quando o noivo casa aos dezoito já não há pavões?

O sr. Sérgio dos Santos (Barreiro) envia-nos uma definição muito nacionalista:

Na escola aprendi que pavão era uma ave galinácea, rara, exótica. Mas agora os «pavões» deixaram de ser raros e exóticos e passaram a ser vulgares e nacionais.

O leitor tem razão e não se admire se ao lado dos aviários aparecerem os «pavonários». Estas coisas ou se produzem em massa ou não dão rendimento económico.

O sr. Mário Nunes Soares de Melo (Santo Amaro de Oeiras), envia-nos a descrição patológica do

PAVÃO — Doente que padece de «peneirite» crónica, «gargantite aguda» e deficiência dos «miolos» em alto grau.

Isso não é um pavão: é uma família desgraçada.

O sr. Carlos Feteiro (Caldas da Rainha) enveredou pela botanica:

PAVÃO — E' uma versão animal dum axioma vegetal: «Muita parra e pouca uva».

Queria o leitor dizer: muita pena e pouca carne, não é verdade?

Para a próxima semana:

ESCARNECHE

E como necessitamos de voltar a ter um concurso com uma semana de permeio aqui vai a palavra a definir na semana seguinte:

BANHAS

As respostas á primeira devem estar em Magazine até terça-feira, dia 3; a segunda até sexta-feira, dia 6.

Endereço: MAGAZINE, R. Luz Soriano, 44 a 48.

PÃO DE ALGAS?

Segundo o jornal francês «Marin», o sábio alemão Heinrich Lienan diz que o pão de algas que ele denomina «Algen brot» contém efectivamente uma pequena percentagem de farinha extradia de algas marinhas.

Claro que estas algas sofrem um tratamento especial antes da sua incorporação na farinha de trigo (ou de outros cereais).

Limpas de todos os parasitas, conchas, etc., as algas são lavadas em água doce para se lhe tirar o excesso de salinidade e depois são secas e moidas.

As experiências fazem-se em Hamburgo onde o produto é reduzido a farinha. A percentagem desta farinha utilizada no pão é de dois por cento, mas pode ser aumentada até ao máximo de oito por cento. Sendo a percentagem maior o pão fica com sabor especial.

Durante a cozedura nota-se um cheiro marinho característico que desaparece logo que o pão arrefece.

Diz o referido sábio que o pão de algas tem valor nutritivo maior que o pão vulgar (a sério!), que é mais esponjoso e conserva-se mais tempo.

Vende-se já esta especialidade na Alemanha, Bélgica e Austria. Em França também se vendem biscoitos energéticos, fabricados com farinha de peixe. No nosso País, que saibamos o pão não tem ainda farinha de algas mas já se tem encontrado nele cada coisa...

O FAUSTO POLACO

(Continuação da 1.ª página)

senhora Twardowski, minha esposa?

— Se conheço — diz o pobre do Diabo fazendo-se sério.

— Pois bem. O meu ultimo desejo é que tu vás viver com ela, durante vinte e quatro horas, como se fosses seu marido.

— Eu! Ser marido da tua mulher vinte e quatro horas? — repete Satanaz aterrado. — Não! Não executarei nunca esse teu diabólico desejo.

E, acto contínuo, o Diabo fugiu a sete pés (que neste caso eram patas) daquele que de vítima passou á posição de algoz.

E diz-se que continua ainda, aterrorizado, a sua corrida a fugir da «Santa».

Certezas e incertezas

(Continuação da 1.ª página)

mente é toma cores bastante carregadas, devido á falta de uma orientação racional, pensada, em que a preocupação dominante seja o homem. Neste período, o trabalhador é livre, isto é, não se encontra preso por quaisquer elos — nem ao senhor-de-escravos, nem ao proprietário da terra, nem á própria terra. O homem pode escolher «livremente» o trabalho a tomar e, uma vez nesta situação, o seu futuro depende unicamente dele próprio. A par desta vantagem indiscutível na emancipação do homem surgem outros problemas porque, na Idade-Média, o senhor da terra tinha compromissos em relação aos seus trabalhadores, cuidando-os, vigiando-os e mantendo-os. Com o liberalismo económico, em que a vida se constroi num sistema de concorrência acelerada com os outros, seus semelhantes, o homem fica entregue ao acaso, joguete das forças ocultas que regem o novo período histórico. Abre-se nesta altura um novo capítulo de angustias, de duvidas e de incertezas no futuro, agora de proporções ainda mais gigantescas e imprevisíveis.

A industrialização trouxe, como se disse, uma gama de problemas sociais e humanos, cuja solução, na maioria dos casos, está muito longe de ter sido abordada. De facto, a remuneração dos diferentes empregados e trabalhadores faz-se sob a forma de salário, diário ou por hora (ou por objectos realizados), que, além do aspecto irracional inscrito na sua origem, se determina, por vezes, de um modo arbitrário. Ele representa uma retribuição que satisfaça as exigências mínimas do homem e que o mantenha em actividade, até á sua usura completa, altura em que será substituido por outra unidade (humana). Nem sempre a remuneração responde ás necessidades vitais dos homens que, como se compreende, vivem num estado de carência que ameaça sériamente a sua saude. Para eles, a doença, decorrente desta situação, representa um duplo risco: o da perda da sua integridade física e o da perda dos seus meios de subsistência.

A estas consequências da industrialização — de uma má industrialização — outras se lhes juntam que ainda mais agravam o futuro dos homens que se mantêm unicamente á custa do seu trabalho. Assim, os Estados Unidos da América, um dos países industrialmente mais avançados, após as suas grandes crises de 1929 e 1933, viram-se a braços para resolver um dos graves problemas que afectou os diferentes ramos de actividade de produção e a economia em geral. Para solucionar este problema — o do desemprego — utilizaram-se vários paliativos como sejam a execução de trabalhos publicos que, evidentemente, só temporáriamente poderiam resolver as dificuldades surgidas. De então para cá, as crises vêm-se sucedendo periódicamente, oferecendo á administração preocupações cada vez mais sérias. Reconhece-se, pois, que as medidas nem sempre são tomadas no intuito de socorrer os que mais directamente sofrem os efeitos de uma tal situação e constituem, normalmente, adiamentos de uma resposta convincente.

Na verdade, o desemprego generalizou-se a todo o país, abalando profundamente os diversos sectores humanos e pondo em perigo a estabilidade nacional. Sentiu-se então a urgência da criação de um Seguro Social contra o desemprego, seguindo-se-lhe outros que, juntamente com este, pusessem, em períodos de crise, os homens ao abrigo da fome completa. Este seguro era feito ou por quotização do segurado ou por quotização do empresário. No segundo caso, o empresário considerava estas cargas sociais pertencentes ao custo de produção da sua mercadoria, como os salários.

Depreende-se, pois, que esta quotização vinha a cair sobre os ombros dos próprios empregados, através dos preços dos objectos, acrescidos agora da contribuição patronal para o seguro que acabamos de citar. Por outro lado, para que o seguro funcionasse, o desemprego não podia ser ocasionado por qualquer falta profissional (o que nem sempre é fácil evitar, dada a complexidade das operações de produção), nem por conflito colectivo de trabalho entre os trabalhadores e a entidade patronal. Esta situação, com variantes num ou noutro aspecto, prevalece em vários países, como, por exemplo, a Inglaterra e a França.

Como se vê, há uma série de questões — de que foram tocadas apenas algumas — que são capitais para a conquista da felicidade e bem-estar dos homens. Muitos dos que poderemos citar ou ter citado só serão solvidos na medida em que se der uma satisfação cabal a estes e outros, de maior gravidade e importancia, e que afectam todos os homens de trabalho, quer sejam médicos, técnicos, professores, empregados ou operários.

Daqui surge a falta de confiança no dia de amanhã, a incerteza no futuro, o pavor de que uma nuvem negra, distinguida na véspera, desabe em chuvadas e tempestades que tragam inundações, desolação e miséria aos seres já de si desprotegidos e de vida tão dura.

Todos estes espectros desaparecerão desde que se coloque o Homem numa situação de garantia em relação ao futuro, inculcando no seu espírito a certeza de que estão permanentemente amparados em todos os momentos da sua vida.

BLASCO FERNANDES

Mais um grande livro
de
GIOVANNI PAPINI
JUIZO UNIVERSAL
Obra bíblica, grandiosa, que é um «verdadeiro juízo universal» de homens e de ideias
*
NA COLECÇÃO MINIATURA
PANAIT ISTRATI
na sua obra-prima
OS CAMINHOS DE HARAMIS
*
DOIS LIVROS DE QUALIDADE
DE
LIVROS DO BRASIL

José Pinto na "Candeia"

Ser fadista
O valor que o fado tem
Muito sentido
Menina do ré-do-chão

7 LEM 3005
A VOZ DO SEU DONO

Sobre o Fado e os fadistas de um novo fadista, que o canta de antigamente, já se escreveu tudo o que havia a escrever. Já não há ninguém, fora ou dentro de Portugal, que desconheça o que essa canção melancólica representa para os lusitanos, o que ela vale como espelho da alma dessa gente sentimental. Desde os velhos tempos em que os fidalgos e boémios cantavam o Fado nos retiros, em que bastava um ai!, um suspiro para que a guitarra gemesse, e uma voz entoasse as quadras de um amor magoado, ou de uma saudade teimosa — desde esse tempo, o Fado espalhou-se por toda a parte, universalizou-se, e toda a gente o conhece.

De vez em quando, porém, surge um novo fadista, que o canta de um modo especial, e cuja voz nos diz qualquer coisa de novo, que nos atrai e nos prende. E' o caso de José Pinto, cuja estreia como profissional, na «Candeia», foi um êxito.

Na verdade a voz de José Pinto é das tais que nos diz *qualquer coisa*. Vale a pena ouvi-lo — e estamos certos de que este seu primeiro disco vai ser, igualmente, um merecido êxito.

Disco publicado pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, 97 — Lisboa.

Albert Schweitzer

Prémio Nobel da Paz
e do amor pelos homens e pelos animais

No coração da Africa Equatorial, em Lambaréné, vasta região de água e floresta, vive há quarenta e quatro anos Albert Schweitzer, médico, missionário e musico. Muito sobre ele se tem falado, como um exemplo de paz e de amor. O prémio Nobel da Paz veio coroar esta vida extraordinária de pensador e benfeitor, como a História jamais conheceu.

Nenhum exemplo de paraiso em que homens e animais vivam em estreita amizade, nos foi dado até agora encontrar, como no Hospital de Albert Schweitzer; todos os homens e todas as mulheres de bom coração, que se dedicam a minorar o sofrimento dos animais nossos inferiores, ficam muito aquem da compreensão, da bondade, do devotamento que Albert Schweitzer pôs ao serviço dos seres vivos sofredores, sejam homens sejam bichos.

Desde 1913, Schweitzer vive em Lambaréné. De uma vitalidade incansável, prodigioso génio, acolhe no seu hospital todos os seres que sofram que lhe chegam dos confins da Africa impiedosa e maléfica. E' hoje um velho de oitenta e três anos e o unico sobrevivente da sua missão, incluindo a mulher, que muito o auxiliou nos primeiros tempos da sua árdua tarefa. Depois de luta prodigiosa com o meio inhóspito, o atraso das populações africanas, mil dificuldades de toda a ordem, Albert Schweitzer pode contemplar, de olhos embevecidos, a sua formidável obra: um centro cirurgico e médico que é quase uma vila com os seus mil habitantes, uma obra filosófica e musical, cada dia mais valiosa. E o que é mais extraordinário, é a presença de centenas de animais que dão ao local o aspecto de Arca de Noé africana.

Schweitzer alimenta um amor profundo por todos os que sofrem; e o seu amor pelos animais é como um prolongamento do seu devotamento pela Humanidade sofredora.

Pássaros de todas as cores e dos mais variados formatos, cantos maviosos em todos os tons, esvoaçam por Lambaréné. Nos altos coqueiros, nas palmeiras frondosas, aninham dezenas e dezenas de aves variadas, em ninhos caprichosos. Pelo pátio, galinhas e patos cacarejam e grasnam da felicidade de dar ovos frescos para os doentes do hospital. Pelicanos orfãos ou doentes que o doutor adoptou, de pata entrapada ou asas tratadas, só dele se deixam aproximar. Ele próprio conta que tempo houve em que ninguém se podia aproximar, sem perigo, do seu quarto de dormir; á porta, um pelicano armara-se guarda-costas e picacava todos os que tentassem ali entrar. Quando ele partia, rio abaixo, para visitar os doentes, o bom do pelicano logo se instalava na proa da piroga e dali vigiava o seu salvador e amigo. Um dia, dia aziago aquele para o doutor, o pelicano foi morto por um caçador desprevenido...

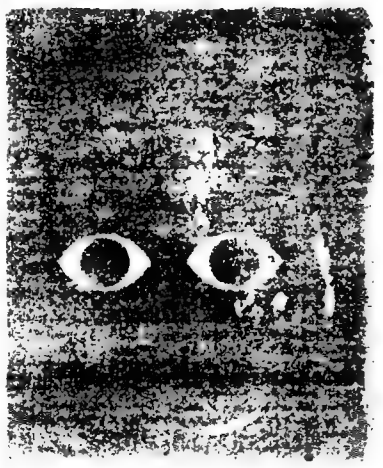
Os pescadores indigenas temem encontrar estes habitantes de Lambaréné, quando vêm trazer o peixe para o hospital; a quantidade que podem guardar no bico é qualquer coisa de extraordinário... e eles temem as iras do doutor. De resto, eles acabam sempre por levar o preço do peixe e muito mais...

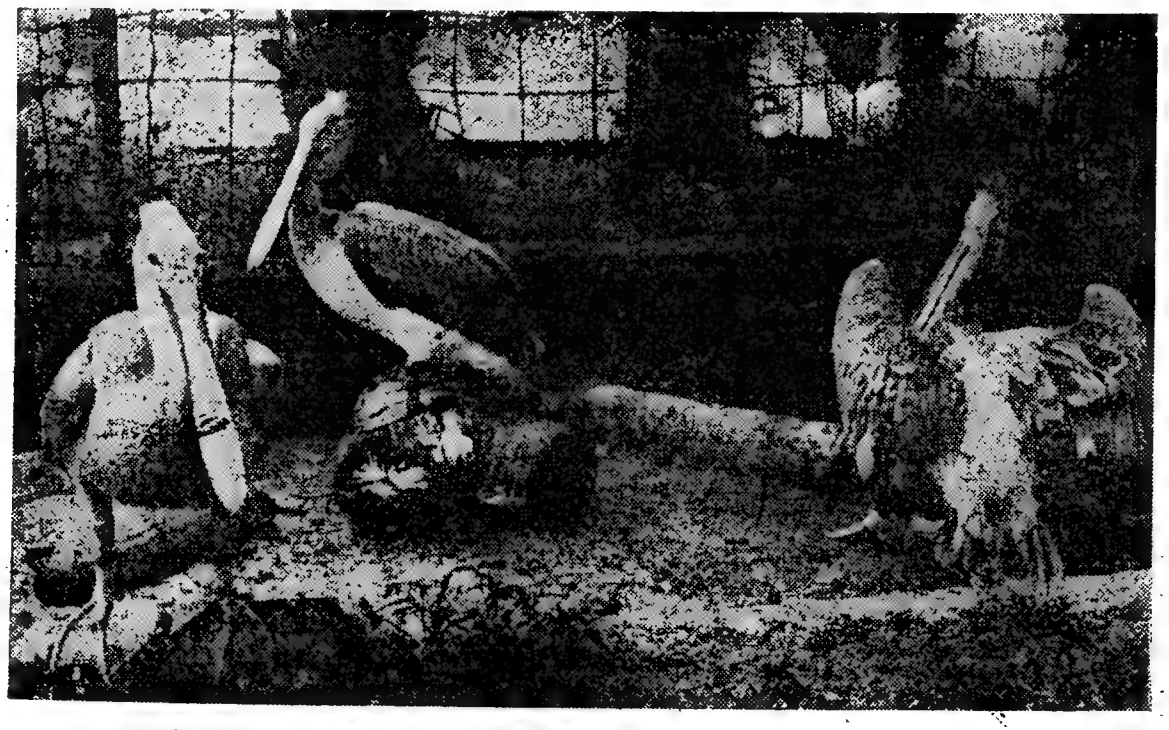
Mas, no hospital, há mais comensais: imensos papagaios que o auxiliam na dificil tarefa de vigiar os trabalhadores. Quando estes pretendem fazer cera, logo de todos os lados, do alto das árvores e por detrás delas, a voz do doutor aparece repetida: «Ao trabalho! Ao trabalho»... e os negros não perceberam a diferença da voz dos papagaios e a do doutor. Eles imitam-na na perfeição; e o trabalho não pára.

Gatos e cães passeiam tranquilamente, por todo o lado, na melhor das harmonias.

O gabinete de trabalho do doutor Schweitzer mais parece um jardim zoológico que um local de trabalho. Gatos e cães, mais ou menos com os mesmos traços de familia, macacos ladinos, gazelas e antilopes de olhos meigos, gozam, em qualquer canto do aposento, o aconchego duma cadeira de verga. E quando o doutor, á noite, se senta ao piano para tocar algum preludio, eles vêm deitar-se-lhes aos pés.

os padecimentos dos homens e não esquecer o dos animais! A vida do dr. Albert Schweitzer foi bem um exemplo, talvez o maior exemplo de paz, de toda a história mundial. Pudessem os homens seguir-lhe o exemplo...





O escritório de Schweitzer parece um mercado; do tecto, pendem molhos de manuscritos assim a salvo dos dentes vorazes dos antílopes a quem ele dá nomes familiares e carinhosos: Mimi, Lucia, Leonia, Leonora, João-Baptista...

Mas nem tudo é felicidade neste paraiso do dr. Schweitzer: as dôres fisicas curam-se, graças aos carinhos deste paladino do bem; mas as dores morais também surgem, com seu manto de tristeza. O próprio Schweitzer nos conta: a história triste da gazela que desapareceu, um dia:

«Durante três dias, julgámo-la perdida e já vitima da floresta a que eu sabia ela já se não podia adaptar. E um dia, um dia chamaram-me. O antílope fora encontrado, caído no fosse que limita uma das nossas plantações. Morta de fadiga, coberta de feridas, olhava-me com os grandes olhos suplicantes. Tratei-a, mas era já tarde. Morreu-me nos braços».

Maravilhoso exemplo o deste homem que soube compreender

A NACIONAL

Diário de Lisboa

De um dia para outro

EM PORTUGAL — No Bairro Alvalade foi inaugurado o novo quartel dos bombeiros. ✻ Navios da guarda costeira chinesa atingiram uma sampana que procurava alcançar Macau. Julga-se que morreram alguns tripulantes. ✻ Perto de Condeixa foi aberto ao publico uma variante na estrada Lisboa-Porto. ✻ O prémio nacional dr. Guilherme Moreira foi atribuido ao dr. Carlos de Lima. ✻ Morreu o escritor teatral Carlos Lopes.

NO ESTRANGEIRO — Em Paris está a escolher enxoval Farah Diba que se diz ser noiva do xá da Pérsia. ✻ Tropas indianas foram destacadas para a região fronteiriça registando-se novos incidentes com forças comunistas da China ✻ De Madrid informam que o ministro dos Estrangeiros de Portugal foi convidado a visitar a Espanha. ✻ No tribunal da Haia o prof Bourquin voltou a rebater os argumentos da União Indiana na questão de Dadrá e Nagar-Aveli. ✻ A Camara dos Deputados do Brasil aprovou por unanimidade a autorização para o presidente da Republica se deslocar a Portugal nas comemorações henriquinas.

DIA 5

EM PORTUGAL — Em Lisboa foi comemorado o 812.º aniversário da tomada da cidade aos Mouros. ✻ No Campeonato Nacional de Futebol: Belenenses, 1-Sporting, 0; Benfica, 2-Covilhã, 1; Braga, 2-Académica, 0; Setubal, 0-Porto, 1. ✻ Foi escolhida para «Miss Portugal» a sr.ª D. Maria Teresa Mota Cardoso. ✻ Passou por Lisboa, o presidente da Republica da Guiné. ✻ Nas ruinas de S. Domingos foi celebrada missa a que assistiram milhares de fieis.

NO ESTRANGEIRO — Anuncia-se que mais duas zonas do território indiano foram ocupadas pelos Chineses. ✻ Fidel Castro demitiu diversos oficiais da força aérea por suspeita de actividades contra o regime. ✻ Manifesta-se perspectivas de acordo na conferência Leste-Oeste para suspensão das experiências nucleares.

DIA 6

EM PORTUGAL — Em Lisboa foi comemorado o centenário do nascimento do escritor Eduardo de Noronha. ✻ Anuncia-se que vai ser construido um liceu feminino em Luanda. ✻ Chegaram a Lisboa componentes da missão da N. A. T. O. que vêm verificar o grau de instrução das Forças Aéreas dentro do programa atlantico. ✻ O prof. Pierre Piganiol analisou os problemas de investigação científica.

NO ESTRANGEIRO — O prof. Maurice Bourquin, na Haia recomeçou as suas alegações a favor de Portugal. ✻ Anuncia-se que haverá uma exposição, em Bruxelas, sobre as relações da Flandres com Portugal na época dos descobrimentos. ✻ Os prémios Nobel da Química e da Física foram atribuidos aos americanos Emilio Segre e Owen Chamberlain, o da Física, e Jaroslav Hayrovsky, de Praga, o da Química. ✻ Na Pérsia festejou-se o 41.º aniversário do xá. Diz-se que o terceiro casamento do imperador será anunciado em breve.

EM PORTUGAL — O Presidente da Republica visitou o Salão de Artes Domésticas. ✻ Anuncia-se que a Fundação Gulbenkian vai levantar em Braga a Escola de Enfermagem e o Lar das Enfermeiras e adquirir um prédio para instalação de vários organismos culturais. ✻ O secretário de Estado do Comércio anunciou numa conferência á Imprensa que o bacalhau não subiria de preço. ✻ Foram condecorados pelo embaixador da Alemanha dois oficiais portugueses da base das Lajes. ✻ Na Alhandra, foi inaugurada uma fábrica de detergentes — Sonadel. ✻ Foi nomeado comandante da Polícia Marítima, o capitão-tenente Malheiro do Vale.

NO ESTRANGEIRO — Anuncia-se que Adenauer irá a Paris no dia 1 de Dezembro. ✻ O deputado brasileiro Fernando Ferrari que se apresenta candidato á vice-presidência pediu a demissão de membro do Partido Trabalhista. ✻ O Governo de Marrocos decidiu tornar Tanger um porto franco.

EM PORTUGAL — O dr. Julio Dantas comunicou á Academia não poder continuar a ser seu presidente. ✻ Na União Nacional reuniram os presidentes das comissões distritais ✻ Foram inauguradas as novas instalações das Oficinas Gerais de Fardamento. ✻ Em Lisboa foi inaugurado o novo hotel do Reno. ✻ Em Évora, nas comemorações do centenário da Universidade, foram inaugurados os trabalhos do Congresso Científico Internacional. ✻ O Benfica conquistou o campeonato regional de hóquei em patins ao vencer a Mundet por 6-1.

NO ESTRANGEIRO — O presidente Eisenhower anunciou que haveria uma reunião ocidental em alto nível, no mês de Dezembro. ✻ Na costa mexicana do Pacífico foi arrasado por um ciclone, o porto de Manzanillo. ✻ As Nações Unidas, por unanimidade aprovaram uma moção convidando a comissão dos Dez a reunir em Genebra, todas as propostas e sugestões sobre desarmamento. ✻ No Mississipi despenhou-se um bombardeiro B-58. O piloto foi encontrado ileso a 7 quilómetros de distancia. ✻ De Gaulle em mensagem ás forças armadas diz que a pacificação é o objectivo na Argélia.

EM PORTUGAL — O regime jurídico dos espectáculos vai ser determinado em decretos, anunciou o secretário nacional da Informação. ✻ Nos Açores foi avistada uma esfera brilhante a milhares de quilómetros de altitude. ✻ Foi homenageado o prof. Carneiro de Moura, director da clinica cirurgica do Hospital de Santa Maria. ✻ Em Évora prosseguiram as festas comemorativas do centenário da extinta universidade. ✻ A Junta Nacional das Frutas anuncia que a batata não subirá de preço.

NO ESTRANGEIRO — O ministro britanico dos Estrangeiros Selwyn Lloyd disse haver divergências entre os aliados quanto á natureza de uma conferência com a Russia. ✻ O marechal Juin foi convidado pelo Governo francês a não se ocupar de questões politicas. ✻ Na Grécia caiu um avião, causando 18 mortos. ✻ Elizabeth Taylor rejeitou um contrato, perdendo 29 mil contos em dois anos

EM PORTUGAL — O ministro do Exército foi a Tancos á reunião do curso de engenharia 1925-1929. ✻ O prof. Orlando Ribeiro foi exonerado de director da Faculdade de Letras de Lisboa ✻ Foi comemorado o centenário das conferências de S. Vicente de Paulo. ✻ O dr. Vicente de Vasconcelos foi nomeado vice-presidente do Supremo Tribunal Administrativo.

NO ESTRANGEIRO — Em Roma foi inaugurado o I Congresso Mundial de Medicina Especial. ✻ Morreu em Luang Trabang, o rei do Laos. ✻ Maria Callas chegou a Paris, ida de Nova York. Da capital francesa seguirá para Roma. ✻ Dizem que a conferência de alto nível será convocada para Paris em 19 de Dezembro.

CADERNO DE UM REPORTER

por CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

O sítio próprio — Cada coisa neste pandemónio gigantesco, ocupa, forçosamente, além do lugar que lhe compete, ainda outro, o do *outro*, o lugar do seu corpo espectral, o lugar irreal do que, ainda não sendo, em breve «será», pelo automatismo das circunstancias, que, agora mais que ontem, sempre dominaram o indivíduo. Vivemos, assim, dentro dos meios e limitados pelo chamado espírito tecnocrata. Dentro da sua vastidão, por ora sem paralelo na história, cada grande cidade tem a sua pequena história. Paris foi, dentro dos fins do século actual, o unico sítio próprio para passar uma longa temporada. Não havia, nem há, outro. Cidade exemplo de urbanismo, ali se conspirava, ali se representava, ali se vivia e se usava exuberantemente de quanto podia chamar-se a vitalidade humana.

O xadrez cómico

Era sempre, através de uma bruma espessa, mais servindo os outros do que os objectivos próprios, que se alcançava este ou aquele fim.

Nesse sistema de brumas e contra-brumas, sempre triunfava, irremissívelmente, o já triunfante. A peleja era demasiado violenta para que pudesse travar-se um prélio sério entre as cidades tentaculares. O predomínio do xadrez cósmico era o predilecto e, nessa luta, como hoje, em campo aberto, não se olhava a sério para os prejuizos. Sómente se sabia que a esta ou aquela cidade se dava na estimativa geral um valor e que dele só se afastavam quando muito excedido estivesse esse valor. Nessa apreciação, nesse avaliar duro e sempre severo do que pudesse valer isto ou aquilo é que residia o mede-preços de um terreno, o cobre-vidas de um cálculo, a estimativa de um rápido olhar. Agora, já ninguém progride á aventura, num rápido e circunspecto entreolhar. As grandes cidades tentaculares do espaço, esses parasitas sem fim, mais se medem pelo esforço das automáticas, armas sem valor, do que pela apreciação humana sempre falível. Antes avaliar demais que de menos, recomendam-nos nas aulas de economia política. Mais vale calcular com o perigo de algum «falhanço», mérito próprio, do que errar deliberadamente por erro próprio.

Antes só que mal acompanhado — diziam os antigos.

Assim bem acompanhados — empreendemos, deliberados, a áspera jornada da vida e assim seguiremos, enquanto pudermos andar, por esse ser o designio incontestado da divindade ao arquitectar-nos.

A filha do Presidente não pergunta

Há um romance de ficção científica sobre Venus, onde o presidente desse planeta se limita a perguntar. Nunca responde. A sua filha também apenas pergunta, para não comprometer as altas funções do pai. Ele preside aos destinos do planeta mistério, como, ainda há pouco, era chamado esse planeta. Ninguém era levado á sua presença sem, primeiro, ser passado a pente fino pela Polícia que fiscaliza o *espaço venusino*, impedindo qualquer escapada dos seus segredos para a Terra. A isto se resumem as funções do seu embaixador. Aquele mundo é extremamente evoluído, não muito, e a Imprensa nele desempenha um papel muito melhor do que na Terra.

A filha do presidente só pergunta. Apenas algumas vezes responde. O regime monosilábico-presidencial já lhe criou hábitos de solidão,

(Continua na página seguinte)

Nomes próprios compostos

A pluralidade dos nomes próprios em português remonta aos fins da Idade Média. Entre os romanos, entre os visigodos e os celtiberos, havia um unico nome de baptismo. É só por alturas do interregno de 1383-1385 que aparecem na fidalguia os primeiros nomes duplos, que no século XVI se tornam mais frequentes nas famílias nobres, estendendo-se depois, a partir do século XVII, á burguesia e ao povo.

De onde vem esse hábito? Da existência de dois padrinhos, do desejo de perpetuar certos nomes próprios da família ou de propiciar á criança o favor de dois patronos celestes em vez de um? O certo é que o costume vingou, a tal ponto que certos nomes próprios duplos quase se soldaram num só. Nesse caso se encontram, por exemplo, José Maria, António Maria, João Pedro, Gonçalo Nuno, mais tarde nomes históricos de reis, principes ou imperadores como Carlos Alberto, Luís Filipe, Francisco José, Duarte Nuno, etc., sem falar nos inumeros nomes femininos em que Maria é invariávelmente o primeiro elemento: Maria Teresa, Maria Luisa, Maria do Rosário, Maria da Assunção, Maria de Fátima modernamente, etc, postos em moda uns pelo snobismo aristocratizante (nomes de soberanas) outros pela índole religiosa do nosso povo.

Fido, fidúcia, fiducial e fiduciário

É corrente em português o uso do adjectivo *fiduciário*, ligado á ideia de crédito, ou seja, de confiança, quer na expressão *moeda fiduciária* (papel-moeda, notas de banco), quer nessoutra que designa o encarregado de um fideicomisso: *legatário fiduciário*. O vocábulo provém da forma de acusativo do adjectivo latino *fiduciarius*, que tem a sua origem em *fiducia* (confiança) e mais longe ainda em *fidus*, termo que subsiste na lingua poética, com o sentido de fiel. *Fidúcia* passou a significar por antinomia, na giria, atrevimento e prosápia. Existe ainda em português a forma derivada adjectiva *fiducial* (relativo á fidúcia).

TIRA-TEIMAS

A volta ao Mundo (21)

Checoslováquia

Monumento de São Venceslau

Ceskoslovenska Republika.

SUPERFICIE — 127.827 quilómetros quadrados.

HABITANTES — 13 353 000 almas.

CIDADES PRINCIPAIS — Praga (capital, 932 000 habitantes); Brno (277 000); Ostrava (184 000); Bratislava (173 000); e Pilsen (126 000).

CLIMA — No centro da Europa, com o território coberto de montanhas, o clima checoslovaco é verdadeiramente continental. Seco e frio no Inverno e muito quente no Verão, nos vales, mas temperado nas grandes altitudes.

MONTANHAS — Os acidentes geográficos dominantes são o maciço da Boémia, com a floresta da Boémia ou Sumava, os Sudetas; há os Cárpatos Brancos, a leste da Morávia e a cordilheira dos Cárpatos na região da Eslováquia. O pico mais alto é o Gerlsdorfer, de 2 663 metros.

RIOS — País continental, os cursos de água passam no seu território mas têm a parte inferior noutras nações. O Elba, de 1 125 quilómetros, e o Danubio que serve de fronteira com a Hungria, desde a confluência do Morava até o Jel.

GOVERNO — A Checoslováquia é uma Republica democrática cujo orgão supremo do Estado é a Assembleia Nacional de 360 membros eleitos por 6 anos. A Eslováquia, província semiautónoma tem uma assembleia de 104 membros. O presidente da Assembleia é também o presidente da Republica.

Presidente da Republica, Antonin Novotny.

O presidente do Governo é Viliam Siroky.

EDUCAÇAO — A primária é obrigatória e livre. Há 4 universidades: a de Praga, datando de 1348; a de Palacky, em Olomouc, de 1567; a Masaryk em Brno, de 1919; e a eslovaca de Bratislava, de 1919.

AGRICULTURA E INDUSTRIA — Cerca de 30 por cento da população vive da agricultura. Cultivam-se os cereais, o linho, a batata, o canhamo, o tabaco, fruta e vinha. Na pecuária incluem-se 3 800 000 bovinos e 4 000 000 de suinos.

A industria checoslovaca está muito desenvolvida. Fabricam-se tecidos, vidros, porcelanas, ceramicas, celulose, papel, calçado, máquinas, automóveis, cimentos, armas, aço, carvão.

CAMINHOS DE FERRO — 13 190 quilómetros.

ESTRADAS — 66 560 quilómetros.

LINGUAS — O checo é falado por 67 por cento da população; o eslovaco por 25 por cento; o alemão por 4 por cento; o hungaro, o ucraniano e o polaco são igualmente falados.

MOEDA — A coroa.

RELIGIOES — A maioria da população (77 por cento) é católica; há 7 por cento de protestantes; a igreja checoslovaca é seguida de 8 por cento; há ainda 5 por cento de judeus e outros credos.

Bratislava: O teatro municipal

Jornal dos jornais

A concorrência da banana africana à banana da Madeira

A cultura da banana tem sido até agora considerada a mais remuneradora das nossas actividades agrícolas. Mas a verdade é que a banana de Cabo Verde começa a fazer grande concorrência á banana da Madeira, sendo posta á venda no continente em magníficas condições de apresentação. E já se fala na possibilidade de fazer grandes plantações de bananeiras em Angola e Moçambique. A banana da Madeira tem tido como principal mercado o continente português mas, em certas épocas do ano, em virtude do aparecimento de outras frutas, o seu preço desce em condições de não ser remunerador para o produtor.

A solução seria conciliar-se a função que tradicionalmente pertence á banana da Madeira de abastecedora do mercado continental português com uma exportação para o estrangeiro que tivesse possibilidade de aumentar nos meses de Verão. Mas tudo tratado a tempo e horas, sem os inconvenientes das soluções improvisadas.

Não sabemos a viabilidade de largas producções de bananas em Africa mas é evidente que culturas dessa natureza em terrenos férteis e virgens se poderão fazer com custos muito menores dos que tem de pagar a lavoura madeirense. O conjunto da economia portuguesa, metropolitana e ultramarina, tem de constituir um todo, que se completa e não se guerreia, sob pena de se criarem graves problemas no plano político. Ora afigura-se-nos que, antes de se pensar em fazer grandes plantações de banana em Africa, se devia estudar os mercados a que se destina e a concorrência que vai fazer a outras economias regionais em que o mesmo produto desempenha papel de excepcional importancia. E' o caso da Madeira.

Se amanhã a banana da Madeira não tivesse mercado ou não pudesse suportar a concorrência da banana africana, seria a ruína da nossa agricultura, a crise de toda a economia local, a desvalorização maciça da propriedade rustica na Madeira. Isso demonstra por si a gravidade deste problema.

(Do «Diário de Notícias», do Funchal).

Caderno de um repórter

(Continuação da página anterior)

mas, fora disso, é como as outras criaturas, e ninguém consegue interferir nas suas actividades. Só assim se explica que ela tenha podido criar um mundo áparte e que, longe de ser condenado, esse seu isolamento presidencial até seja elogiado. Apenas se lamenta ele não seja ainda mais completo. De resto, os venusinos, em pouco ou muito pouco, se distinguem de nós. São até bem parecidos.

Nos Estados Unidos de Vénus, onde, lógicamente, predominam as mulheres, estendem o seu raio de acção até á Terra, onde dispõem de uma Polícia bastante eficiente.

A violência em Venus

A violência, todas as formas de violência, há muito que foram em Vénus submetidas a uma maneira de resistir que exclui de certo modo a malicia. É aquilo a que poderiamos chamar a resistência consentida, que se traduz, ao fim e ao cabo, por formas e métodos infinitamente mais práticos e mais rendosos do que os terrestres. Praticam-se lutas e jogos muito parecidos com o nosso jiu-jitsu, e adquirem-se, assim, até á idade, noções muito parecidas com o nosso antigo judo, esse estranho jogo nipónico onde estão excluidas todas as violências e só há evidentemente, formas exteriores cortezes e perfeitas a mascarar a mais perfeita ginástica. A filha de Hardie, o presidente, procura evidentemente, salvar as aparências menos boas do seu amor terrestre Ama e é amada, caso quase unico nos anais da galanteria venusiana, e isso. para Vénus, exclui todas as formas de violência. Há, também, quase exacerbadamente, casos típicos de amor familiar, de extremo carinho por um determinado membro da família, pai ou mãe, por exemplo. As imperfeições terrestres surgem nesta utopia sublinhadas em tudo.

A Venezuela aumentará o indice imigratório português?

Depois de uma viagem de férias ao seu país, esteve ontem de passagem pela Madeira, a caminho de Lisboa, o sr. dr. Roberto Machado Morales, ilustre Embaixador da Venezuela.

A bordo do «Santa Maria», onde viaja acompanhado de sua esposa, o dr. Machado Morales concedeu aos jornalistas uma breve entrevista.

—Diga-nos, sr. embaixador, como é considerado no seu país o emigrante português?

—O emigrante português goza de estima geral na Venezuela. E' muito considerado pelo seu amor ao trabalho e pela sua comprovada honestidade.

—Alguma referência particular ao emigrante madeirense?

—Sem duvida. «O emigrante madeirense é especialmente apreciado». Possui um espirito de abnegação e uma perseverança verdadeiramente admiráveis.

—Sr. embaixador, V. Ex.ª considera possível que o Governo da Venezuela venha a aumentar o índice imigratório português?

—Creio poder afirmar que o Governo do meu país traz em estudo esse aumento imigratório. Os Portugueses, repito, gozam da melhor reputação em Venezuela.

(Do «Diário de Notícias», do Funchal)

As cooperativas e o plano de construção

Naturalmente, não é a primeira vez que se promulgam leis com o fim de tentar resolver ou minorar a falta de habitações em condições económicas aceitáveis. Desde o Decreto-Lei 23.052 de Setembro de 1923, até á lei n.º 2.092, de Abril de 1958, nada menos de trinta e quatro *diplomas legais virema á luz do dia, mas infelizmente esta legislação* abundante e sumarenta, *para usar a expressão de um ilustre conferente do Centro de Estudos da União Nacional, apesar de toda a boa vontade dos legisladores, não correspondeu ao que dela seria de esperar; antes pelo contrário, o problema sofreu notável agravamento nos ultimos anos, mercê de uma desenfreada actividade especulativa no campo da construção a que não é alheia a promulgação da já célebre Lei 2.030 relativa ás demolições.*

A importancia dos meios agora previstos no diploma emanado da presidência do Conselho, para fazer face ao plano de construções para Lisboa e ao estabelecimento de rendas limites que escilam entre 200$00 e 1.500$00, pode ter uma influência considerável na resolução do probelma habitacional para um sector importante da população de Lisboa, não obstante mesmo com rendas de 200$00, será muito dificil prever a «substituição gradual dos chamados bairros de lata, *por habitações adequadas e de rendas módicas» dado que os habitantes* desses bairros *não auferem salários capazes de fazer face a estas rendas, por pequenas que sejam, em comparação com as que presentemente vigoram em Lisboa.*

Para esta classe de habitantes, de tão fracos recursos económicos, que segundo o relatório da C. M. L. de 1958, seria constituida por cerca de 30.000 pessoas, vivendo em toda a espécie de barracas e tugurios, haverá que estudar modalidades de construção muito mais baratas.

Mas, considerando fora do alcance do presente diploma, a eliminação imediato deste estado de coisas, verifica-se com agrado o importante papel que os organismos publicos de carácter não lucrativista têm na execução do plano de construções. Também as cooperativas de habitação e as empresas privadas da industria de construção civil são chamadas a colaborar. Quanto ás cooperativas, prevê-se mesmo no parágrafo 2.º, do art. 2.º do diploma, que estas poderão obter terrenos baratos em hasta publica e em praça separada.

Poderá a verba de 200.000 contos a despender pela C. M. L. nos trabalhos de urbanização e preparação de terrenos para a construção, contribuir decisivamente para a taxa de 27.000 fogos anuais, reputados necessários para fazer face ao crescimento demográfico do país, que nos é imposto nos próximos 15 anos?

O futuro o dirá, mas não restam duvidas de que o esforço é importante e que se ás cooperativas de habitação forem dadas facilidades paralelas ás dos restantes organismos publicos, o problema habitacional poderia entrar no caminho da sua resolução.

(Do boletim da Associação dos Inquilinos Lisbonenses de Lisboa)

Uma biblioteca pública com o nome de Aquilino Ribeiro

As terras têm deveres para com os seus filhos ilustres. Soou a hora de Moimenta saldar a sua dívida para com o escritor de Soutosa. Mostremos aos vindouros, através de uma obra util, o prazer, o orgulho e a gratidão, que a sua personalidade projectou sobre nós.

E deixemos demonstrado, de uma forma perdurável, o apreço que temos pelo homem e pelo escritor: fero e simples, modesto e desassombrado. Inteiriço o homem, rude, sonora e castiça a prosa dos seus livros, não há divergências nem contradições nas duas partes do mesmo todo. Vamos, assim, com coerência também, e devoção, cumprir o dever de conterraneos agradecidos, que se confunda ao mesmo tempo com o culto da terra-mãe. Esta e Aquilino não se podem desligar. Compreendamos e sintamos isso — prestando-lhes a homenagem que aos dois é devida. E poderia ser desta forma: carreando materiais para o erguer e funcionamento de uma Biblioteca Publica com o seu nome! A tarefa é difícil? Tanto mais digna dos esforços de nós todos!

(Do «Correio Beirão», de Moimenta da Beira).

Antologia do conto policial

A VOZ DE OURO

Condensação do conto de William Jonhson

A O principio não acreditou. Era um indivíduo medianamente culto e lia revistas de divulgação científica. Acreditava na ciência com toda a força da sua sinceridade. O hipnotismo sempre lhe parecera uma mistificação. Mesmo depois de lhe terem afirmado que vários factos pareciam comprovar a honestidade e o estranho poder de alguns hipnotizadores, apesar destes na sua maioria serem engenhosos farsantes, ele recusou-se a crer. Mas eis que se encontrou subitamente, senhor de um fantástico poder. A sua voz fascinava os outros e podia, com a maior naturalidade ordenar coisas inconcebíveis. O primeiro de uma série de acidentes que lhe revelaram o seu poder deu-se num bar da 2.ª avenida. Estava sentado ao fundo e encontrava-se sucumbido. Tinha uma dor de cabeça intensa e os bolsos vazios. Quando Parker, o empregado, se aproximou, disse-lhe num tom irónico e cansado:

—Se você não fosse um abutre e quisesse ser amável dava-me o depósito da sua caixa registadora...

Foi então que viu Parker afastar-se em gestos mecanicos, abrir a caixa registadora, tirar todas as notas, as moedas, regressar e entregar-lhe o dinheiro. Riu.

—Não julgue que essa tem graça, Parquer... — protestou.

Mas Parker estendia-lhe o dinheiro com uma expressão fechada. Tinha os bolsos vazios e os dólares cintilavam como uma luz na noite do seu desespero. Agarrou no dinheiro num gesto febril e saiu do bar rápidamente. Gastou o dinheiro e decidiu não encarar o caso de frente. Mas o acidente fascinava-o e ele acabou por voltar ao bar. O Parker apertou-lhe vigorosamente a mão e acabou por lhe dizer que não o via há meio ano. Isso era impossível, porque ele estivera lá havia doze dias, exactamente quando se dera o caso. Ficou muito desconfiado mas acabou por reconhecer que Parker estava a ser sincero Não se lembrava de nada!

No dia seguinte entrara numa discussão com uns rapazes da Broadway. Os rapazes da Broadway sabiam muito de teatro, mas ignoravam tudo o que se relacionava com corridas de cavalos. Insistiram e ele, exasperado, gritou-lhes.

—Calem-se!

Eles calaram-se e ele pôde então desenvolver a sua tese no meio de um silêncio que, a princípio, achou respeitoso, e, por fim, medonho Acabara de desenvolver a sua tese. o que demorou aproximadamente uma hora e meia e os rapazes da Broadway não diziam nada Estavam nas mesmas posições com os olhos rasgados e fixos. Ficou muito inquieto, tanto mais que era certo serem aqueles os rapazes mais faladores da Broadway, logo de toda a cidade. Andou á volta deles e começou a lamentar-se num tom cada vez mais zangado. E acabou por. num grito colérico, dizer:

—Falem!

Os rapazes da Broadway começaram a falar todos ao mesmo tempo sem se ouvirem uns aos outros e como se nada tivessem ouvido da sua tese. Estiveram nisto meia hora até que ele lhes berrou:

—Vão-se embora!

Foram-se embora obedientemente falando pelos cotovelos. Ele ficou muito inquieto e não conseguiu dormir nessa noite.

Mas estava para chegar um acontecimento muito mais sensacional Costumava ir ao «rugby ball» e vibrava como todos os que o rodeavam. Saía de todos os jogos com a garganta rouca e a testa febril. Nessa tarde comprou o bilhete para ver os «Falcões» de San Francisco contra os «Estrelas de Prata» de Nova York. Era um adepto furioso dos «Estrelas de Prata» e já tivera sérias discussões por causa do seu interesse doentio por aquele saudável desporto. Tomou lugar na bancada e pôs-se a ver o jogo que desde logo lhe desagradou. Era inegável que os «Falcões» eram melhores, mas essa verdade não a queriam reconhecer os novayorquinos e, muito especialmente, o espectador que já conhecemos. Ele ficou escarlate e pôs-se a gritar a plenos pulmões:

—O numero 2 lá fora! Saia o numero 2!...

O n.º 2 era um jogador dos «Falcões» que superava todos os outros. Os «Estrelas de Prata», em panico, carregaram em massa sobre ele e a multidão insistia em tomar o n.º 2 como um adversário desleal. Foi então que, para espanto de todos, surdo aos rogos dos companheiros de equipa, ás ordens frenéticas de um treinador apoplético, e á cólera de um comboio inteiro de partidários do «Estrela de Prata», o n.º 2 saiu do campo. O jogo esteve suspenso. Entrou um suplente e a partida recomeçou. O espectador nosso conhecido não tardou a soltar um grito secular:

—Fora o árbitro!

Imediatamente, sem um gesto, uma explicação, o árbitro encaminhou-se para as cabines num andar de sonambulo. O nosso heroi, sem entender nada, afirmou:

—É a loucura! O jogo acabou! Vamos embora?

Neste momento os vinte mil indivíduos que enchiam o estádio começaram a abandonar os seus lugares num silêncio terrível. E o estádio ficou vazio.

A partir desta altura ele descobriu que podia fazer quase tudo o que quisesse e resolveu utilizar a sua voz de uma forma hábil. Fez um contrato com uma pequena fábrica de discos e enviou-os pelo correio como amostras. Os discos tinham fragmentos de peças musicais e a meio, a título de experiência, em tom irónico, para não levantar suspeitas a indivíduos imunizados contra os efeitos da sua voz, frases como estas!

—Passe a sua conta do banco para nome de...

E seguia-se o seu nome.

—Envie a... dez mil dólares, etc.

—Ofereça a... o seu carro novo.

E sempre:

—Destrua o disco que recebeu e esqueça-o!

Foi um êxito. Em duas semanas tornou-se o sujeito mais rico do Estado.

Naquela noite estava no clube «Bird of Eire», com duas raparigas que conhecera alguns minutos antes a comer caviar. Vestia uma casaca e estava realmente com muito bom aspecto. Toda a gente o cumprimentava porque ele tinha a aparência necessária para todos parecerem subitamente seus íntimos.

A porta abriu-se exactamente quando ele erguia uma taça de champanhe «Viuva Clicot, 1920». Entraram então os rapazes da Broadway, vinham todos com um aspecto cadavérico, mas conseguiam balbuciar ainda coisas fragmentadas sobre cavalos. Ele deixou cair a taça de champanhe e compreendeu que os rapazes cumpriam ainda a sua ordem. Pensou que devia fazer qualquer coisa, mas já bebera muitas taças de champanhe e não conseguiu articular uma palavra.

Conclusão: Os rapazes provocaram um escandalo, todos os clientes do «Bird of Eire» foram presos e ele, interrogado ainda sob a influência da célebre viuva francesa, confessou tudo.

Moralidade: Todas as discussões sobre corridas de cavalos são estéreis.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

TRIC

RECLAMES LUMINOSOS

ARQUITECTOS:
RUI ATOUGUIA
RUI BRUNO DE SOUSA
DECORADOR:
CARLOS PALMA

LOIÇAS
SECLA
CALDAS DA RAINHA

JORGE ANTUNES DOS SANTOS
FERROS FORJADOS
ARTISTICOS
E DECORATIVOS
Rua Antero do Quental, 44 - A
Telefone: 5 66 65 — Lisboa

Regisconta
concebeu e montou o sistema de controle, com as suas registadoras
ANKER e HUGIN
RUA SERPA PINTO, 15-A E 15-B
TELEFS.: 36 82 51 / 2 / 3

Pavimentos dos quartos, corredores e salas revestidos com mosaicos termoplásticos
Conti-flex
EMPIREL
EMPRESA PORTUGUESA DE ISOLAMENTOS E REVESTIMENTOS, LIMITADA
Avenida do Aeroporto, Lotes 97 - 98
Telef. 72 20 86 Lisboa

CONSTRUTORES:

ANTONIO GOMES JOR.

JOSE FERNANDES

ARMANDO GONÇALVES DA SILVA

JORGE SARAIVA
Aquecimento Central — Ventilação — Ar Condicionado — Vapor — Águas Quentes e Frias — Gás e Electricidade
Direcção Técnica:
ANTONIO FRANCO CARVALHEIRO
Rua Oliveira Martins, 2 - D
Telef. 77 78 59 Lisboa

A. TEIXEIRA DE ABREU, LDA.
GUIMARÃES
LENÇÓIS, ALMOFADAS,
TOALHAS DE MESA, ETC.

FABRICA ATLANTIDA
RUA VISCONDE DAS DEVEZAS, 309
VILA NOVA DE GAIA
Colchões
« MULTIMOLA »
Almofadas de molas

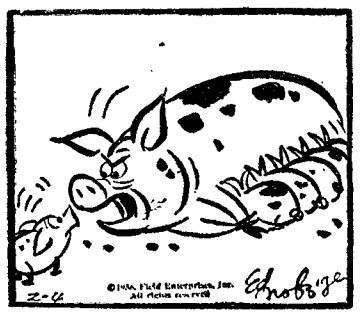
Aldão

CONSTRUIRAM, DECORARAM E FORNECERAM O:

AV. DUQUE D'ÁVILA, 195-197—LISBOA

O RISO DA SEMANA

Educação



— Não podes chegar a tempo para jantar? Julgas que eu tenho algum restaurante?

MACACO NA LUA

Quando se conseguir mandar um macaco á Lua, os selenitas hão-de dizer uns para os outros:

— Ora vejam que esquisitos e que tão pequenos que são os habitantes da Terra...

Como elas são

Perguntaram a uma senhora casada, de que sentiria maior necessidade se lhe morresse o marido:

— De um cão para guardar a casa.

Adão e Eva passeiam. Ela vai muito nervosa, o que faz com que Adão queira saber o que é que a aflige:

— Ora o que tenho!? Tenho um homem e não posso dar-lhe volta ás algibeiras! Achas pouco?...

O chapéu

O chapéu é uma coisa que se põe na cabeça principalmente para se tirar. Tira-se ás pessoas a quem se deseja dar importancia, cumprimentando-as, mas é bom ter sempre muito cuidado com esse gesto de sociedade, porque já muita gente que se presa tem ido parar á cadeia por tirar o chapéu ao seu semelhante. Para não haver encrenca é necessário que o chapéu que se tira seja o nosso e a isso chama-se «delicadeza». Quando o chapéu tirado não é da pessoa que o tira chama-se «gatunice» e a pessoa roubada em geral chama a Polícia. É o que se chama um conflito pessoal.

Parece que, de todos os adornos e peças de vestuário que o homem tem adoptado, o chapéu é o unico que dá lugar a estas complicações. Daí ter sido posto de parte por muita gente, não porque seja incómodo tirá-lo para saudar o vizinho do lado ou o chefe da sua repartição, mas pelo receio de que eles (nunca fiando) lho tirem a ele sem ser para significar:

— Viva amigo.

ou:

— Os meus respeitos aos pés de Vossa Excelência.

Realmente, pensando bem, ou melhor, vendo bem, não há nada mais ridículo do que um chapéu na cabeça de um homem. Não há justificação para aquela tampa inutil, absolutamente inutil, cobrindo o alto da cabeça e deixando a descoberto o resto da cabeça, onde ás vezes há uma cara que, essa, sim, essa é que devia ser tapada fosse com o que fosse.

(E, neste momento, não sei porquê, talvez por associação de ideias, vieram-me ao pensamento uma data de criaturas que eu conheço e muitas outras que só conheço de vista — umas que usam chapéu e outras que o não usam — mas que usam todas a cara que Deus lhes deu e que quase sempre estão a pedir um grande chapéu, um chapéu de aba larga, até talvez um chapéu de chuva de dez varetas ou mais).

O chapéu, enfim, é uma coisa que, se não tivesse sido inventada, não fazia falta nenhuma, como o nariz, as orelhas e as sobrancelhas que foram criadas pela Natureza num momento de bom humor, porque a Natureza é muito reinadia e tem como ninguém o sentido da caricatura.

Tu sabes, leitor amigo, tu conheces bem um cento de pessoas que estão a pedir um chapéu do tamanho duma barraca de praia, um chapéu que as cubra da cabeça até os pés, para teu descanso, para meu descanso, para descanso do resto da Humanidade a quem todos nós tiraríamos o chapéu de boa vontade.

E, vá lá, façamos uma excepção para as mulheres. Essas podem, essas devem usar chapéu, porque sempre é bom que tenham alguma coisa na cabeça.

ALFREDO FRANÇA

— É um humorista — o meu dono! Hoje deu-me um osso de borracha!

Aspiração moderna

Era um engano pensar que aquele cão que andava á roda da mesa numa correria doida pretendia agarrar o próprio rabo. Nada disso, porém. Ele só queria passar-lhe á frente, mas a campanha do transito, limitando as velocidades, impediu-o de conseguir os seus fins e desistiu.

Cansaço

Estava tão cansado de sofrer que, se fosse preciso fazer uma viagem como daqui ao Porto, para alcançar a felicidade, não teria forças para passar da Rotunda.

A melhor vingança

Se você souber que o seu melhor amigo pretende atraiçoá-lo, quando ele lhe bater á porta não deve bater-lhe com ela na cara. O processo é outro: deixa-o entrar e depois bate-lhe com a cara na porta.

A' espera de um pé

— A Glória vem hoje muito enervada, patrão, e só está á espera que impliquem com ela para começar aos gritos!

UM BOM ALIBI

Aquela senhora estava indignada porque os móveis estavam completamente cobertos de poeira e invectivava a criada:

— Parece impossivel, Maria, estes móveis parece que não são limpos há seis meses...

— Calha bem, responde ela, eu só cá estou em casa há três semanas.

Casal desavindo

Depois do naufrágio aquele casal desavindo foi parar a uma ilha deserta. Após uma grande discussão o marido exclamou:

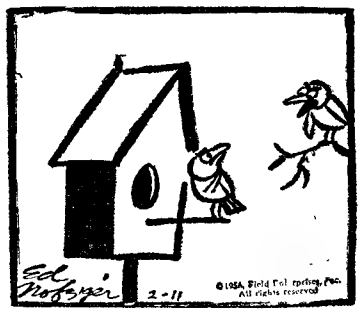
— Estou muito admirado que tu ainda me não tenhas ameaçado com a fuga para casa da tua mãe.

NAUFRACOS

Apanhado por uma tempestade terrivel o navio afunda-se. Dois homens de negócios encontram-se sãos e salvos numa baleeira com outros passageiros. Um dos homens de negócios chora. Então o outro que o conhece muito bem exclama:

— Oh! meu caro amigo, porque chora você? O navio não era seu...

Tradição



— Não senhor! Se a casa serviu para os meus antepassados também servirá para mim!

— O seu menino é tal qual a sua esposa.

— Pois é, fez o outro, mas quando está calado não.

Madrigal

— É verdade, doutor, que nós descendemos do macaco? — perguntou uma linda rapariga muito inquieta ao seu médico assistente.

— É verdade — respondeu ele, pelo que diz respeito ao homem, mas certamente não pelo que se refere a você.

Que amor de criança

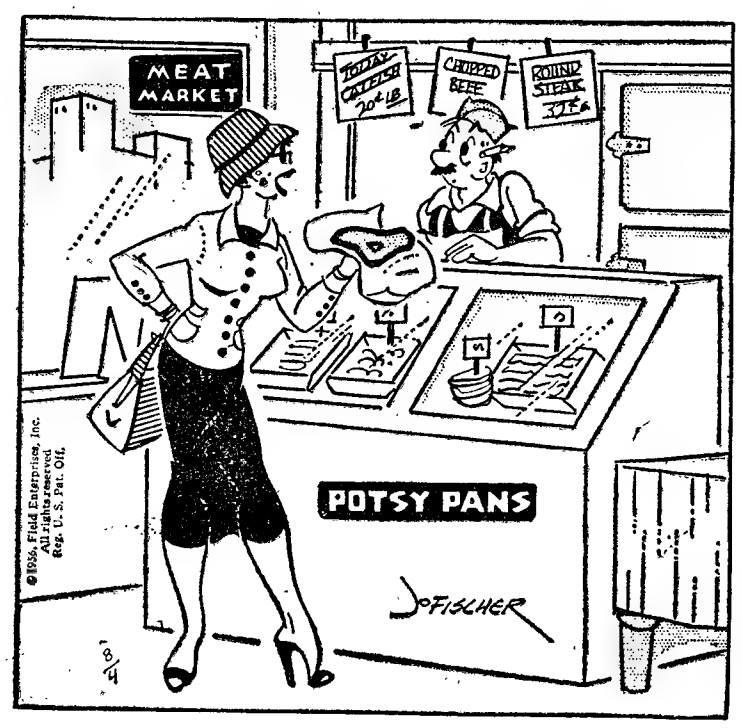
Era um garoto tão traquina que o pai tinha avença com um vidraceiro para por os vidros nos cinco anos que ele fez. Assim contratou mais outro vidraceiro.

Cantinho sentimental

(com licença dos modernistas)

Sino, coração da aldeia,
Coração sino da gente,
Um a sentir quando bate
Outro a bater quando sente.

António Correia de Oliveira



— Descobri uma maneira de seguir a dieta! É pôr-lhe á volta quanto me agrade e depois comer tudo.

[illegible]

Já me causa afrontamento
E me parece demais
Que surja tanto portento
Em terras do Entroncamento
E em muitos outros locais!

Eu estou muito assombrado
E quero ver se descubro
Se de facto está provado
Esse caso complicado
Das ameixas em Outubro!

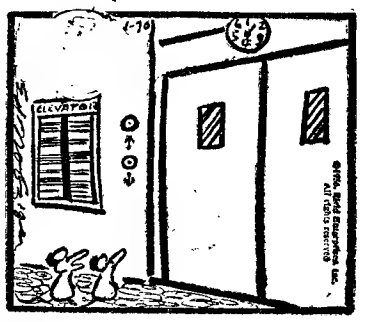
Também me espanta bastante
Que haja um pinto mafarrico,
Tão vaidoso e tão farsante
Que tenha o grande desplante
De apresentar mais dum bico.

Dizem que há couves da altura
Dum gigantesco pinheiro,
Em Junho nesp'ra madura
E de uvas uma fartura
P'ra vindimar em Janeiro!

E entre tanta coisa que há,
E outras mais que eu não conheça.
Acaso não haverá,
Mais p'ra cá, ou mais p'ra lá
Alguém que tenha cabeça?!...

A. F.

Ascensor



— É uma espécie de ratoeira... Eu vi agarrar e levar uma duzia de pessoas!

Diário de Lisboa
N.º 130 — 31-10-59

JUVENIL

GIGANTES DE PORTUGAL

Pedro Gomes Barbosa

ESTE grande jurisconsulto português foi também um notabilíssimo historiador e um patriota e homem público que desempenhou na Conjuração de 1640, que nos restituiu a independência, um lugar de alta importância, sendo emissário dos conjurados de Lisboa, ponto do futuro D. João IV. Segundo se admite, foi ele quem alcançou deste a anuência à revolta.

Como historiador, deve-se-lhe muito de renovação: métodos de crítica severos, grande rigor de datas, etc. Escreveu: «Dissertações cronológicas», «Usurpação, retenção e restauração de Portugal» e diversíssimos opusculos de natureza histórica ou política.

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 6 de Novembro, acompanhadas do nome, morada, data de nascimento, número de ficheiro (caso o tenham) e menção dos 3 artigos que mais apreciaram esta semana.

Além dos habituais prémios, haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o grande vulto português hoje homenageado.

O CINEMA VISTO POR DENTRO

1.ª parte—a distribuição técnica

I — A anotadora e as assistentes de realização

por **EDUARDO SERRA**

Os mais directos auxiliares do realizador são os assistentes de realização (geralmente dois) e a anotadora («script-girl», «continuity-girl»). Nada impede que seja um homem a exercer esta ultima função, mas é geralmente uma mulher que a desempenha.

As funções de um assistente de realização são as mais diversas. Tem de ser secretário, estafeta, homem de confiança e faz tudo. Coordena as várias equipas que trabalham num filme (quando isso seja trabalho de rotina. Tratando-se de algo mais importante, como relacionar a fotografia com a interpretação, é o realizador que se encarrega disso). Compete-lhe ainda solucionar incidentes que singram durante as filmagens.

O assistente americano Robert Lee descreve assim as suas preocupações na véspera da filmagem num novo cenário: «O soalho está-la? O fogão de sala é utilizável? Avisou-se um bombeiro para estar próximo com um extintor? A água do lavatório escoa-se silenciosamente? Os carris do «travelling» estão colocados? As solas silenciosas foram ajustadas ao calçado dos actores? A cabeleira da vedeta está pronta? O piano do cenário foi tornado silencioso? Previu-se a confecção de uma capa de poreclana para encobrir o dente de ouro do protagonista?». E assim por diante...

A anotadora encarrega-se de anotar tudo o que se passa durante as filmagens, para dar continuidade ao filme.

Cada numero de planificação é filmado por sua vez, e não por ordem. Tomemos 3 sequências. A, B e C. No filme é esta a ordem dessas sequências. Mas haverá conveniência em filmar no dia 16 a sequência C, no dia 21 a B, e no mês seguinte a A. Se na sequência B Mr. Smit for ferido no rosto, competirá á anotadora velar para que no dia 16 ele filme com essa ferida, e no mês seguinte sem ela.

A anotadora regista ainda as particularidades de caracterização e vestuário (uma nódoa, o cabelo cortado ou por cortar) e o tempo gosto na filmagem de cada cena, para que o horário seja comprido e a película gasta, para calcular a metragem final do filme.

ATENÇÃO

2.ª SESSÃO DE CINEMA DO «JUVENIL»

21 de Novembro de 1959

às 16,30 horas

no cinema da Voz do Operário

AVENTURA INESPERADA

A chuva caía torrencialmente e, de vez em quando, um trovão, fazia ouvir a sua horrenda voz, como que a prevenir os incautos contra a borrasca.

De subito, depois de um mais estrondoso, ouvi um estranho ruido que vinha do rés-do-chão.

Como a maioria dos rapazes da minha idade, senti um arrepio pela espinha acima, mensageiro de uma coisa chamada medo.

Acabavam de soar as doze badaladas da meia-noite no relógio da sala.

Meus pais tinham saído e eu, deitado sobre a cama, lia um livro, que narrava as fantásticas e maravilhosas aventuras dos cavaleiros da Távola Redonda.

Lá fora a tempestade fazia-se ouvir.

Meu castelo, e o ruido teria sido causado pelos meus inimigos que o assaltavam.

Preparei-me para o defender.

Para isso fui buscar um velho sabre, que o meu irmão tinha no quarto e que datava dos seus tempos de aluno na Academia Militar, peguei na almofada para me defender e avancei resoluto para a escada.

De novo o medo me assaltou.

Foi nessa altura que ao mudar a mão, senti algo debaixo dela; era o livro que tinha estado a ler.

Lembrando-me então desses valentes a quem nada fazia tremer na sua luta constante pelo bem e pela honra, resolvi seguir o seu exemplo.

Por isso comecei a imaginar as coisas a meu modo: a casa seria o

Mas também mais uma vez a recordação das façanhas desses heróis me deram alento e valentia.

Avancei escada abaixo para assim os poder surpreender.

Já nos ultimos degraus formei um pulo e fui cair junto á porta que dava para a rua.

O silêncio envolvia toda a casa.

Só lá fora a tempestade aumentava; a chuva era menos intensa, mas os trovões e relampagos eram mais numerosos e violentos.

Sempre com a espada pronta a desferir o golpe mortal, percorri todas as dependências á procura do inimigo.

Todas tinham sido vistas de ponta a ponta, faltando só a sala de costura, que eu tinha deixado propositadamente para o fim, pois tivera a impressão de que o barulho viera daí.

A porta estava fechada.

Aproximei-me cautelosamente e pus a mão que segurava a almofada, transformada pela minha imaginação em escudo, sobre a maçaneta da porta.

Abri-a repentinamente e entrei dizendo:

«Alto aí. Parai bandidos. Que quereis do meu castelo?».

Mas ilusão das ilusões; a sala estava vazia.

A um canto o meu pobre Fifi, assustado com tão inesperada entrada, que fora perturbar os seus maravilhosos sonhos e no outro canto um candeeiro derrubado, certamente pelo pobre tareco e que fizera aquele estranho ruído, que me fizera viver tão movimentada e empolgante aventura.

«Ai, Fifi, Fifi, metes-me cada susto!».

OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA

O cavaleiro que se aproximava a galope vestia armadura com insígnias amarelas e rubras. Era de pequena estatura ou parecia sê-lo. Cara, não se distinguia: viseira descida. A uns cinquenta metros de distancia, para trás, golfaram de uma curva do terreno dois cavaleiros com as mesmas insígnias.

Lançarote lembrou-se dos «Três Cavaleiros do Diabo» que assaltavam as populações indefesas das aldeias da região; sem querer firmou-se bem na sela, mediu num rápido relance de olhos a configuração do terreno e, sem perda de um segundo, escolheu a posição que melhor se poderia adaptar á defesa: encostou os quartos traseiros do cavalo a um muro de silvas, afeitou a espada e aguardou.

A uns três metros o cavaleiro estacou de subito e ficou por momentos cingido por uma bafurada de pó. Dispersa esta, o desconhecido levou a mão á viseira e ergueu-a. Logo avultaram uns olhos e uma barba de um negro retinto e uma carinha magra, de nariz fino, cujas asas fremiam como corcéis de raça.

— Salvé, cavaleiro!—bradou. Deixai vossos preparativos de guerra que estais entre gente de paz. Suponho que não sereis destes sitios, pois de outra forma não tomaríeis tais cuidados comigo.

— Adivinhais: não sou destes sitios e muito me admiro que um cavaleiro que passeia nas suas terras ou nas dos seus vizinhos haja necessidade de se vestir em ponto de guerra, com a viseira descida como quem espera um ataque. Ai tendes porque me aprestei á defender-me.

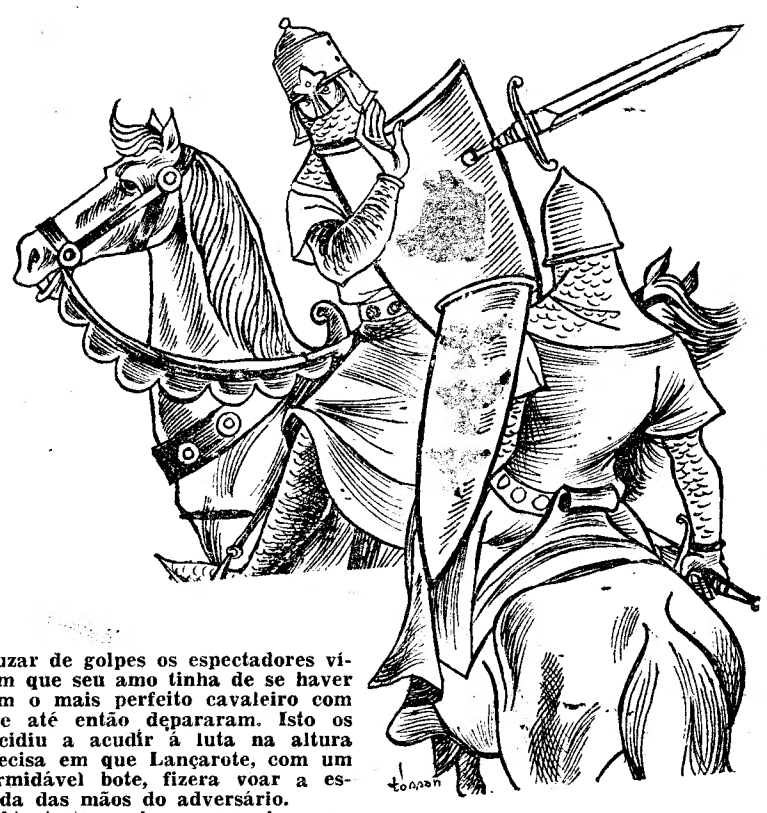
O desconhecido, ao qual já se havia reunido a escolta, dois fidalgos que o seguiam, mediu bem Lançarote com a vista e depois trocou um rápido olhar com os cavaleiros; em seguida voltou a medir Lançarote com ar severo e erguendo o braço com quanta força tinha arremessou-lhe o guante á cara, ao mesmo tempo que gritava:

— Então defendei-vos se tendes coragem para isso!

E sem mais palavras, esporeando o corcel, lançou-se de espada nua sobre Lançarote. Este, porém, já se pusera em guarda e aparou no escudo o formidável golpe. Na curta pausa que se seguiu observou a atitude dos outros dois cavaleiros e pensou que tinha de despachar-se rápidamente do primeiro, pois nada podia esperar da lealdade dos restantes.

Tinha razão. Logo ao primeiro cruzar de golpes os espectadores viram que seu amo tinha de se haver com o mais perfeito cavaleiro com que até então depararam. Isto os decidiu a acudir á luta na altura precisa em que Lançarote, com um formidável bote, fizera voar a espada das mãos do adversário.

Atento ao perigo que corria, o cavaleiro da Távola Redonda feriu novo golpe que resvalou pelo elmo do desconhecido e lhe amolgou a ombreira com um ruído seco. Nesse momento os outros dois cavaleiros caíram como setas sobre ele, cada um de sua banda. O furor por tão feia traição — um contra três — deu-lhe redobrada força: fugiu a estocada que descia pela direita e carregou sobre o outro. Nessa altura ocorreu, porém, uma coisa extraordinária: ouviu-se um som de trompa e logo, como por encanto, um leque de flechas silvou pelos ares e veio morder os atacantes. Esta primeira descarga foi o sinal de outras que pareciam sopradas das copas das árvores. O chefe dos atacantes fez um sinal aos que o acompanhavam, um baixou-se para lhe apanhar a espada e, em seguida, esporeando brutalmente as montadas, voltaram



costas á coberto de nuvens de poeira e desapareceram. Iam a toda a brida. Lançarote limpou o suor da cara e mirou em redor. Onde estariam os seus estranhos aliados? Não corria uma aragem e as ramadas das árvores pareciam paralisadas. Afogando a espada na bainha, meteu-se pela floresta, sempre de cabeça erguida. Parava de quando em quando a observar a copa das árvores. Os seus esforços não alcançaram, todavia, o menor êxito: quem quer que (e muitos eram) resolvera acudir em seu auxilio não queria mostrar-se.

— Ei! — bradou — Quem quer que sejais ouvi que Lançarote do Lago vos quer agradecer a vossa leal ajuda.

O eco devolveu-lhe as palavras.

— Ei' — repetiu — Ei!.

O grito ia rachar-se de encontro ás montanhas e, estilhaçado, multiplicava-se em pequenos apelos que acabavam por morrer.

Vendo inuteis as suas tentativas Lançarote esporeou o cavalo e seguiu, ao acaso, pela floresta.

Que estranhas coisas lhe sucediam em tão pouco tempo! Teria afinal razão o camponês que o avisara? E quem seriam os três cavaleiros que o tinham querido assassinar? Dar-se-ia o caso de estar em presença dos «Três Cavaleiros do Diabo»?

Ao fim de uma curta caminhada resolveu voltar ao castelo de Hendrique.

Apenas atingiu as muralhas dirigiu-se á portazinha por onde saíra, empurrou-a vagarosamente e entrou. Do outro lado estava ainda Gurth que o ajudou a desmontar.

— Ouve — perguntou Lançarote— conheces algum cavaleiro cuja insígnia seja a cabeça dum javali em vermelho sobre fundo amarelo?

O servo ficou por momentos com os olhos poisados no chão. Coçava a cabeça, com a mão engolfada no barrete.

— Só se for... — hesitou — Tenho uma ideia, senhor, mas não sei ao certo.

Erguia para Lançarote uns olhos azuis, rasgados e francos. Fitou-o uns segundos; depois, fitando-se sempre bem de frente, afiançou:

— Essas armas — já as vi várias vezes — pertencem ao senhor de Perth, Percival.

— Tens a certeza?

— Absoluta.

— E que tal é esse cavaleiro?

Gurth mostrou um ar de receio.

—Nada temas, amigo, sorriu Lançarote. Nem sabes o favor que me fazes se me auxiliares no que te peço...

— Ah, meu senhor, é tão difícil um servo dizer mal de um fidalgo...

— Tens então que «dizer mal» de Percival de Perth ... Foi Percival que disseste?

— Foi sim, meu senhor — e, confirmando, Gurth olhava desconfiado, em redor?

— Devem estar já á vossa procura — concluiu.

— Então leva o cavalo, que eu finjo que ando a passear.

Quando o servo e a montada desapareceram Lançarote encaminhou-se rápidamente para o portal do castelo. Ao subir as escadas encontrou, ao cimo, Hendrique.

— Ah! que belo panorama que se goza das vossas muralhas! — antecipou-se o hóspede antes que tivesse de se defender de qualquer pergunta. — Como gostaria de passar aqui um bom espaço de tempo se não tivesse que partir para a corte de Chamalote...

Conheceis algum brazão com uma cabeça de javali?

— Estiveste na muralha? De que lado?

Lançarote apontou opostamente ás aldeias.

— Essa é a paisagem mais triste — comentou Hendrique — Mas vinde beber um belo vinho que recebi das partes de França.

Sentaram-se em frente de grandes copas de prata cheias de vinho rubi velho, até que Lançarote começou a falar sobre os brazões dos fidalgos daquêles sítios. Hendrique entusiasmou-se com a matéria e discordeu abundantemente sobre o caso.

— Há algum brazão com uma cabeça de javali vermelho sobre fundo amarelo? — perguntou Lançarote.

— Cabeça de javali vermelho sobre... fundo amarelo... Mas é a insígnia de Percival de Perth! Porque perguntais isso?

— Porque é um emblema muito habitual em França e, como sabeis, tenho lá vários domínios.

A conversa mudou de rumo, mas Lançarote via confirmada a informação de Gurth. Qualquer coisa lhe dizia estar na boa pista.

Soluções dos Concursos do *Juvenil*

Gigantes de Portugal: FERNANDES TOMÁS

Qual é a coisa, qual é ela?: O SOL

1. — Amigo 1602 — Maria Rita Pereira (Lisboa).

2. — Amigo 1748 — Maria Manuela do Couto (Espinho).

3. — Amigo 1761—José Eduardo Serra (Cascais).

4. — Amigo 1760 — Ismália Pinto dos Santos (Espinho).

5. — Amigo 1756 — Sara dos Santos Marques (Lisboa).

6. — Amigo 1331 — António Rebolo Bento (Beja).

7. — Amigo 1271 — António Manuel Velez Ponce (Lisboa).

8. — Amigo 1755 — Isabel Maria Dionísio (Lisboa).

9. — Amigo 1749—Alvaro Luís (Lisboa).

10. — Amigo 1344 — Maria Amélia Victor (Lisboa).

11. — Amigo n.º 7 — Anabela Margarida Sander de Sousa Guerra (Lisboa).

1 a 6. — «OS CARDOS DE BARAGAN», da col. Miniatura de Livros do Brasil, Lda.

7 a 9. — «AO COMEÇO DO DIA», col. Miniatura, de Livros do Brasil, Lda.

10 e 11. — «FELICIDADE», da col. Miniatura, divros do Brasil, Lda.

PRÉMIOS PARA OS TRABALHOS MAIS PREMIADOS NOS NÚMEROS ANTERIORES:

12. — Do Juvenil n.º 126 — Maria José Lencastre; 13. — Do Juvenil 127 — Agostinho de Brito Macedo; 14. — Do Juvenil 128 — Alberto Manuel do Rosário e 15. — Maria da Graça Moreira da Silva.

---

12. — «MUSICA AO MONGE», de Erico Veríssimo, de Livros do Brasil, Lda.

13. — «O NAVEGADOR», por Jules Roy, de Estudios COR.

14. — «UM LUGAR AO SOL», por Erico Veríssimo, de Livros do Brasil, Lda.

15. — «CANGACEIROS», por José Lins do Rego, de Livros do Brasil, Lda.

NOTA: Todos os premiados de Lisboa e arredores devem levantar os prémios na Av.ª de Roma, 78, 2.º, esq., cinco dias após a sua publicação e no prazo de um mês. Findo este prazo os livros não serão entregues. Os prémios da Província seguirão pelo correio. Agradecemos a máxima atenção aos prazos de entrega dos prémios.

QUAL E' A COISA QUAL E' ELA?

Eis mais uma popular adivinha portuguesa:

Sou filho de pais cantantes,
Minha mãe não tinha dentes,
Nem nenhum dos meus parentes;
Eu de mim sou todo calvo,
Meu coração é amarelo
E o meu rosto é alvo e belo.

As respostas devem ser acompanhadas do nome, morada, data de nascimento, numero de ficheiro (caso já o tenham) e indicação dos trsê artigos que mais apreciaram no «Juvenil» desta semana.

Leiam
as últimas obras
da Biblioteca dos Rapazes
CAPITÃO FRACASSE
por T. Gauthier
SCARAMOUCHE
por R. Sabatini
Os Três Mosqueteiros
por Alexandre Dumas
PORTUGÁLIA EDITORA

Amigo 1539 — Heitor Fernando Ferreira da Silva (Porto): Podes mandar os selos no valor dos 4$00 para cá; nós te mandaremos o jornal.

Amigo 357 — Fernando Tavares Rodrigues (Porto): Vamos mandar-te os jornais e a indicação que pedes. Os Amigos do Porto são muitos. Não te seria possível contactar com a Margarida Losa, um dos nossos melhores Amigos? Ela sabe quais são os Amigos? Ela sabe. Entre eles talvez descubras laguns da Universidade.

Amigo 1468 — Maria Eilsa Bacelar (Moura): O jornal ainda não seguiu, apenas porque temos de consultar os jornais desse concurso na Portugália, a fim de poder saber qual é. Mas o assunto não está esquecido, Amiguinha, só é preciso um pouco de paciência.

Amigo 1669 — Maria Julieta Guimarães (Lisboa): O teu trabalho espera vez; os trabalhos são imensos e o espaço pouco; por isso, a saída é um tanto ou quanto morosa. Mas é questão de paciência, a tua vez chegará.

Amigo 197 — Gastão Pessoa Guerreiro (Faro): O livro vai seguir.

Amigo 1632 — Maria Eugénia Pinto dos Santos (Figueira da Foz): Sim, o melhor trabalho sobre o «Gigante da Semana», é o vencedor. Mas este prémio é o especial, isto é: dois livros. Os restantes trabalhos entram no sorteio geral, que dá lugar a um só livro. Estás esclarecida? Qual era a tua duvida? Acaso pensavas que todos os outros trabalhos eram excluidos? Não, são postos a sorteio com os que não fazem trabalho especial, mas apenas respondem.

Amigo 1758 — Raul Morgado (Lisboa): O teu artigo não será publicado; o assunto de que trata foi dado por arrumado. Mas terás novas ocasiões de fazer outros que depois mandarás, não é verdade? Dispõe sempre.

Amigo 1759 — Manuel Augusto Costa Araujo (Lisboa): Por Deus, Amiguinho, a vida é tão bela para a tratares assim! não, o teu artigo não pode ser publicado: é derrotista, vencido; e nós precisamos de exemplos de coragem, força de vontade, energia, sentimentos que levem a lutar e não a derrotar. De desto, quanto ao estilo, nada tenho que te dizer. Tenta outro assunto; os teus 14 anos decerto encontrarão qualquer coisa de mais interessante que este assunto tenebroso, que não é próprio dos jovens, sempre prontos a lutar e a não deixar-se vencer. Conta coisas passadas contigo, com colegas ou amigos teus. Coisas observadas, mas que tenham sempre uma lição d ecoragem, de qualquer coisa boa por que valaha a pena viver. Nunca a desorção, própria dos homens fracos e v encidos.

Vosso amigo TROTE

ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

PAPAGAIO LOURO

Qual de vocês não viu aquele papagaio da vizinha do lado ou da taberna em frente do liceu? E' um pássaro divertido, pelas suas penas verdes misturadas com outras vermelhas e amarelas, o bico recurvo de maneira nunca vista, as patas grossas e escamosas, os olhinhos tão vivos, espetados nas crianças que passam na rua e o desafiam.

Mas o nosso louro é por vezes tão inconveniente, pronuncia palavras que os pais não querem ouvir e que no liceu nem se ensinam. Um jovem lembrou-se, então, de nos perguntar porque fala o papagaio e porque só diz asneiras.

Em boa verdade só diz asneiras, o papagaio que é ensinado a dizê-las. Porque a fala do papagaio é pura repetição, aprendizagem de muitos dias, semanas, meses. E nada mais diz do que o pouco que lhe ensinam. E' como a criança que começa a aprender. Diz papá e diz mamã, porque foram as palavras que o amor dos pais lhe repetiram vezes sem conto. O facto de ser o papagaio e não qualquer outra ave é talvez mais um factor psicológico que age sobre o biológico. O que quer dizer que depende mais das pessoas que convivem com o papagaio do que da sua configuração. Contudo, claro está que a configuração não é estranha ao facto de ser o papagaio ou outras aves da sua família — o periquito, a catatua, ostentando vários tamanhos e variadas colorações — as aves que, entre milhares de outras aves, é capaz de imitar a voz humana. Este facto levou já a declarar-se o papagaio como a ave que, entre milhares de outras aves, é capaz de imitar a voz humana. Este facto levou já a declarar-se o papagaio como a ave mais inteligente de todas as outras aves; contudo, parece-me difícil discernir inteligência da faculdade biológica da fala que só imperfeitameite se conhece. Mas sendo a voz ou a fala produto da inteligênia, porque não falam então os macacos, cuja inteligência está mais perto do homem que qualquer outro animal e se eles são senhores de um desenvolvimento cerebral muito maior do que qualquer outro.

E' comum falar-se na voz dos animais; mas a verdadeira voz só surge no coaxar das rãs. As aves, têm uma faculdade especial de imitar variados sons que diferem imensamente de todos os outros animais. Porquê? Por possuir uma traqueia que faz as vezes da nossa laringe. Ecte facto quer dizer, sem entrar em pormenores científicos não ao alcance dos nossos jovens leitores, faz com que a traqueia e brônquios estejam reforçados. Por isso, não só as aves emitem uma voz potente, como podem regular a corrente de ar que passa pela traqueia; assim pode emitir uma gama de notas mais ampla que qualquer outro animal. Por isso, nos bosques copados ou nas florestas sem fim, os sons mais extraordinários chegam até nós e nos deixam, por vezes, boquiabertos com essa mesma variedade, que nos encanta ou nos assusta.

O facto de ser o papagaio que imita melhor a voz humana talvez se explique pelo facto da importancia que se lhe liga — o papagaio é um brinquedo para quem tem pouco que fazer. Mas não é só o papagaio que tem esta faculdade de «falar». Também os corvos são capazes de o fazer, tal como as catatuas e as araras. E não é estranho a este facto o serem estas aves muito decorativas e o corvo muito inteligente.

Estas aves vivem nas regiões tropicais e subtropicais. Pouco se vêm na India; e em Africa não aparecem.

Alimentam-se de sementes que descascam com o forte bico em forma de gancho, com a parte superior articulada. Há uma espécie na Nova Zelandia que, segundo é voz corrente, ataca ovelhas que mata, espetando o bico forte na carne para sorver a gordura. Será verdade? Em geral, os conhecidos são vegetarianos.

Vivem bem em cativeiro e o próprio corvo é fácilmente domesticável. Atingem uma imensa longevidade; é fácil encontrar papagaios com muito mais de cem anos.

Os papagaios podem ser simplesmente cinzentos, por vezes com uma vistosa gola encarnada; mas também podem ser verdes, com penas vermelhas, azuis e amarelas e, raras vezes negro. Também é raro o corvo branco; a sua cor vulgar é o negro. A catatua da Nova Guiné é negra e de grande corpulência; mas aparecem algumas brancas matizadas de amarelo e vermelho, por vezes de pôpa plumosa. Nas Molucas vive uma espécie curiosa que ostenta um capuz negro.

Pela sua inteligência e faculdade de imitação gozam de grande popularidade. E é esta faculdade de imitação — e falta de discernimento naquilo que lhe ensinam — que causa estranheza aos garotos que passam por aquela taberna perto do liceu. E mal chamam pelo Louro, logo a voz humana se faz ouvir, mas infelizmente uma voz bem mal educada. Mas afora este louro inconveniente, eles são engraçados na sua voz bem articulada: «Papagaio louro, quem passa? E' o rei que vai á caça...».

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Enciclopédia L. B. L.

Para o ultimo ano dos liceus e universidades está indicada esta pequena grande colecção, cujas ultimas edições são:

N.º 7 — PADRÕES DE CULTURA por *Ruth Benedict*

N.º 8 — A REVOLUÇÃO NA ARTE MODERNA por *Hans Sedlenayv*

N.º 9 — O SAGRADO E O PROFANO por *Mircea Eliade*

LIVROS DO BRASIL

AS FLORES E O OUTONO

Por
LUÍS ANTUNES DA SILVA
(14 anos)

TRANSPORTEMO-NOS ao reino da fantasia, ao reino dos sonhos e das quimeras e paremos, observemos o que se passa á nossa volta. Ficaremos extasiados. Eu já lá fui, tenham a certeza disso. Passei pelo reino dos pássaros, muito colorido e barulhento; pelo reino das abelhas e zangãos; pelo reino dos peixes de lindas cores, tão lindas que ofuscavam a vista. Mas nenhum reino da fantasia me impressionou tanto, como o reino das flores, da harmonia, da luz. Falei com um narciso muito velho, já de «folhas» brancas, muito simpático, podem crer. E foi ele que me contou esta história da sua terra, da sua gente.

— Reinava então no nosso país, sua magestade o rei D. Girassol II — começou o narciso — o Verão tinha sido quente e agradável, as nossas folhas estavam verdes e viçosas, as nossas raizes saudáveis e fortes. Enfim, tudo indicava que poderiamos suportar sem grandes embaraços os ataques do Outono, o nosso pior inimigo, já sabia?

— Continui — pedi eu, interessado.

— Bem. Estávamos nos princípios de Setembro, quando soubemos, por intermédio da nossa mensageira, a D. Abelha, que o Outono se preparava para o ataque.

D. Girassol II mandou arautos por todo o reino, clamando: «Por ordem do nosso mui amado e respeitado rei, D. Girassol II, todos os habitantes deste reino, devem guardar-se, o melhor que puderem, contra o Outono».

Um dia, precisamente no 23.º do mês de Setembro, de madrugada, uma trombeta soou na floresta. Era o Outono que chegava com toda a sua comitiva: o Vento Norte, forte e mau, verdadeiro carrasco das plantas; a chuva miuda e prejudicial; as areias movediças e o seu melhor conselheiro e primeiro-ministro: — A trovoada!

Aqui, o narciso parou. Pegou num pequeno cálice, bebeu uma gota de bom orvalho, pigarreou, e recomeçou a narrativa:

— Ora... onde ia eu?... ah!, na chegada do Outono. Pois bem. O primeiro dia foi de vento, vento forte, ciclónico, ruim. Muitas árvores caíram, gemendo; as flores voavam, sem mãe, sem o apoio da planta onde tinham nascido. Era a catástrofe!

D. Girassol II, enviou pedidos de socorro ao sol quente, á lua brilhante, ás estrelas cintilantes, aos eucaliptos magestosos. Esperavam-se as respostas dos astros e do maior reino da terra: o dos eucaliptos. Elas tardavam, demoravam-se muito. Temeu-se um desastre. As plantas eram arrancadas, a chuva apodrecia-lhes as raizes, a trovoada encharcava-lhes as folhas e estragava as flores.

E, enquanto isto, o Outono, de cabeça erguida, ria, ria a cair para trás. Ria de uma oliveira que era arrancada, ria de um narciso que voava perdido, ria de tudo e de todos. E todos o temiam. Só D. Girassol II mantinha esperança, nos pedidos de sócorro que enviara aos seus aliados.

Um mês, dois meses passaram, e nada. O Outono rugia feroz com gargalhadas irónicas. Tudo em seu redor era desolação: árvores caídas, folhas amarelas, secas, plantas tombadas, mortas. Mas... no dia do 3.º mês de Outono, o Sol rompeu! A Lua brilhou! Os eucaliptos agitaram-se! Era a salvação.

O Sol derrotou bem depressa a trovoada e a chuva; a Lua desfez as nuvens; os eucaliptos detiveram as areias. Os dias de Outono tinham terminado. O Outono morrera. Chegara o Inverno!

E, enquanto isto, numa nuvem negra, o Outono afastava-se, de cabeça baixa, já não ria, chorava, chorava de derrota, da derrota da chuva, da trovoada, das areias.

E a paz voltou, a tormenta terminou...

AMIGO 451

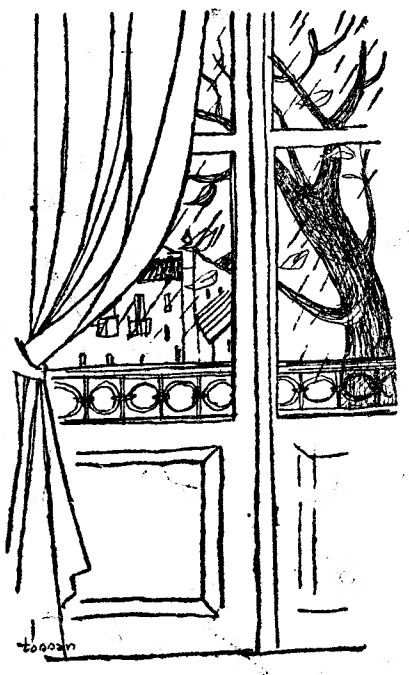
"Tempo"

Sentia-me triste. Fui para a janela. A tarde estava sombria, inquietante. A chuva caía molhando os degraus de uma escada de pedra. Pedi á chuva para cessar a sua tarefa impiedosa, mas ela continuou inclemente, incessante.

As árvores gemiam desgrenhadas... e as minhas lágrimas, semelhantes aos fios de chuva, caiam molhando o parapeito da janela, onde eu estava sentada. As nuvens acumulavam-se, negras em longas faixas que cobriam o ceu.

As folhas amareladas das árvores enroladas todas num turbilhão. Uma criança chorava. Eu rezava. A tarde já se despedia de mim, e os raios de Sol, entravam pelos vidros foscos da janela, onde silenciosos, quais gotas de sangue, osculavam-me as faces ardentes.

Maria Virginia G. Cardeiro
(13 anos)



Viagens aos mundos longínquos

por K. GULZINE

Capítulo 2

Os prisioneiros da Terra-(cont.)

Por muito insignificante que pareça a atracção de certos planetas sobre a Terra, a verdade é que não podemos desprezá-la. Da Lua sabemos nós que ela exerce sobre os oceanos terráqueos uma atracção que põe em movimento biliões de toneladas de água (no futuro, a energia desta água fará funcionar poderosas centrais eléctricas). Mas até o longínquo Neptuno, distante da Terra 4 biliões de quilómetros, age sobre ela com uma força de 18 milhões de toneladas.

A força da gravidade desempenha um grande papel (positivo, bem entendido) na natureza. Se não existisse, o Universo não possuiria a estrutura altamente organizada que actualmente tem; não haveria, já se sabe, sistema solar; nem nós próprios existiríamos; e no caso de existirmos não conseguiríamos manter-nos á superfície da Terra: bastaria um pequeno impulso para deixarmos para sempre o nosso planeta e ficarmos a errar sem destino pelos vastos espaços cósmicos.

Já o contrário se passa, no que respeita á força da gravidade, quando consideramos a hipótese de voos interplanetários. Ao viajarmos á superfície do planeta não notamos essa força, salvo se empreendermos uma ascensão alpinista: as coisas são, porém, totalmente diferentes quando, numa viagem interplanetária, temos de nos afastar sempre mais, sempre mais da Terra e vencer, por conseguinte, a força da gravidade: a força de atracção que nos protege contra o perigo de sermos cuspidos da Terra não nos permite deixá-lo, mesmo quando o desejamos. A «aliança» com a Terra torna-se desta forma um cativeiro.

Como quebrar as poderosas cadeias da atracção que nos transformam em «prisioneiros da Terra»? Como vencer este principal obstáculo á realização do voo interplanetário?

Os meios de que os homens se têm servido para intentar a conquista do céu, anulando a força da gravidade com o auxílio do balão ou do aeroplano, não podem ser utilizados nos voos extraterráqueos. Para voar com tais meios é indispensável a existência de ar e este não se encontra no espaço cósmico. Ter-se-ia, pois, que encontrar outros e a ciência descobriu-o: é a velocidade que se torna necessário imprimir a uma astronave para vencer a força da atracção terrestre.

Para comunicar dada velocidade a um objecto qualquer — uma pedra, por exemplo — é preciso arremessá-la. A velocidade depende da força de impulsão. A força dos musculos humanos não é muito considerável; o campeão do Mundo galga uma barra situada a pouco mais de dois metros de altura; uma pedra lançada pela mão mais possante apenas se eleva a 20-30 metros. Mas a inteligência vem em auxílio da força. Uma flecha arremessada por um arco bem tenso voa a dezenas e mesmo centenas de metros; a bala de espingarda devora quilómetros e um obus disparado por um canhão de longo alcance vence distancias de 40 quilómetros.

Sempre mais alto, sempre mais longe... Não se poderia mandar uma pedra com a força bastante para atingir... a Lua? (1). Teóricamente, sim, mas exigiria uma força pouco comum.

Quanto maior for a força com que lançarmos a pedra, maior será a velocidade inicial e desta depende a altura atingida pela pedra. Arremessado a uma dada velocidade inicial, a pedra afrouxa pouco a pouco o seu voo, para por fim e depois começa a cair, cada vez mais velozmente, para a Terra. Que é que amortece a ascenção da pedra e acelera a sua queda? E' a força da gravidade. «Se o ar através do qual a pedra realiza o voo não lhe opusesse resistência, diminuindo-lhe a velocidade, a pedra teria, ao tocar a Terra, a mesma velocidade que lhe fora comunicada na altura do lançamento». Isto permite achar a velocidade que deve ser transmitida para que atinja, suponhamos, a órbita da Lua ou de Marte. A pedra, lançada a uma tal velocidade, atingiria a órbita fixada, depois cairia com dobrada velocidade sobre a Terra.

Poder-se-ia comunicar á pedra uma velocidade que lhe consinta não mais tornar a cair na Terra e afastar-se desta no espaço cósmico, num tempo indefinido? Pode, pelo menos teóricamente (1). A sua velocidade terá de igualar a de que viria animada ao cair, como dizem os matemáticos, na Terra do «infinito». (2). O «infinito» significa aqui apenas «muito-muito longe», tanto que [illegible] nosso planeta a uma altura de [illegible] de quilómetros e uma outra de 26 milhões de quilómetros, a diferença entre a velocidade de ambas será verdadeiramente insignificante.

A velocidade que tem de ser imprimida a uma pedra (ou outro qualquer corpo) para que levante voo da Terra e a ela não volte mais, continuando a afastar-se do ponto de partida, designa-se ordinàriamente por «velocidade de libertação».

Quando a pedra adquiriu tal velocidade isso não significa, como alguns o julgam, que longe do nosso planeta a atracção deste cessa de obrar sobre a pedra, a qual, por consequência, já não seria atraída para a Terra. Não existe um ponto no espaço cósmico no qual a força da gravidade deixe de verificar-se, incluindo a força de atracção terrestre. Esta opera em todo o lado, apenas com a restrição de ser infinitamente pequena em que caso a pedra se encontre a grande distancia do planeta em que vivemos. Este valor varia na razão inversa do quadrado da distancia ao centro da Terra: se a distancia aumenta duas vezes, a força de atracção diminui quatro, se aumenta três, esta força diminui nove e assim por diante.

«E' precisamente esta particularidade da lei da atracção universal que torna possível o voo interplanetário. Se a força de atracção para a Terra se mantivesse invariável apesar da distancia a que um corpo dela ficasse (em vez de diminuir rápidamente, como sucede) — então teríamos de renunciar a toda a esperança de voo interplanetário, a não ser num futuro muito longínquo.

Fácilmente nos podemos convencer do facto. Para quebrar as cadeias da atracção terrestre é naturalmente necessário fornecer um reforço de energia. Como achar a grandeza deste reforço? Quando levantamos um peso qualquer, por exemplo um quilograma, á altura dum metro, nós fornecemos um quantitativo de energia equivalente, como se sabe, a 1 quilogrametro. Se queremos levantar este peso a uma altura de 384 milhões de metros, isto é lançá-lo na Lua, nós precisaríamos (admitindo que a força da gravidade se manteria a mesma) de fornecer um impulso 384 milhões de vezes maior. Este trabalho é produzido no espaço de uma hora por um motor de cerca de 1 500 CV. Mas a astronave mais leve tem de pesar dezenas senão centenas de toneladas. Eis aqui o motivo por que a potência necessária do motor duma astronave é o gasto de combustível para o voo montariam a tais grandezas que a técnica moderna não está em condições de resolver. As coisas, porém, apenas se passariam assim desde que a força da gravidade se mantivesse invariável, se não se alterasse com a altitude. Ora que sucede na realidade? Como atrás o indicámos, a força da gravidade diminui rápidamente á medida do afastamento da Terra. «Quanto mais nos afastamos mais fácil é de vencer a sua força de atracção». Este é o motivo pelo qual a energia a fornecer para lançar á Lua o peso de 1 quilograma se reduz em cerca de 60 vezes, equivalendo a 6,3 milhões de quilogrametros. Uma grua que deslocasse 630 toneladas de tijolos a uma altura de 10 metros é capaz de fornecer tal esforço; trata-se dum notável dispendio de energia, mas a técnica moderna pode considerar-se em condições de o resolver, o que significa que, também o voo interplanetário está ao seu alcance, como mais adiante veremos. Por ora fica visto a importancia que para nós tem a diminuição da força da gravidade com a altura.

«A velocidade de libertação é a velocidade mínima necessária para que uma pedra, voando da Terra, a ela não regresse mais, e, pelo contrário, dela se afaste indefinidamente». Se a velocidade da pedra for inferior acabará forçosamente, tarde ou cedo, por tornar a cair no nosso planeta (3). Se a velocidade for superior á velocidade de libertação, a pedra não voltará naturalmente a cair na Terra, mas o excedente de velocidade é superfluo.

Qual é, pois, a velocidade de libertação?

Só as matemáticas especiais nos permitem determiná-la baseando-se no facto de que a energia cinética, comunicada á pedra por uma tal velocidade, tem de ser igual ao esforço atrás indicado, necessário para vencer a atracção terrestre. Esta velocidade é de cerca de 11,2 quilómetros por segundo, ou 40 000 quilómetros por hora. Tanto é o necessário para que uma astronave consiga quebrar a invisível «couraça de atracção», segundo a expressão de Tsiolkovski, é dar um salto para a Lua ou para os outros planetas do sistema solar.

---

(1) — Os nossos leitores poderão já responder a esta interrogação...

(2) — Continuamos a não ter em conta a resistência do ar e a supor, portanto, que a pedra voa no espaço. Além disso, examinamos o problema dos «dois corpos», isto é supomos que áparte a Terra e a pedra não existem outros corpos na Natureza. Também não consideramos, para o caso, os efeitos da rotação da Terra em torno do seu eixo (nota de K. Guilzine).

(3) — Supomos que o voo da pedra é vertical. Os outros casos serão examinados no capítulo 15. (Nota de K. G.).

Os problemas dos jovens vistos pelos jovens

[illegible]

Não, eu não combàto a técnica, a produção, o progresso palpável e não o faço porque sou o primeiro a reconhecer que necessito deles e da sociedade para o tipo de vida que caracteriza a humanidade civilizada do século XX, mas não posso permitir que levianamente se esqueçam os próprios valores dessa mesma humanidade. Se há dementes, ateus, amorais e antiestetas, não constituem, por certo, maioria nem através da História este nucleo impediu a transmissão das boas qualidades de gerações para gerações. (Com isto não quero atacar de modo algum o José Carlos, que certamente não se inclui nas categorias citadas).

e á máquina de barbear, o progresso técnico tem sido feito á base de inspiração.

«O homem isolado torna-se incapaz de produzir», mais uma afirmação falsa do José Carlos que a vida e até o próprio orgulho dos seus trabalhos lhe hão-de demonstrar melhor que qualquer frase bombástica de quem quer que seja o seu autor. Negar ao homem a produção é negar-lhe a sua própriaexistência...

O determinismo social é, na realidade, bem mais suave do que o descreve e defende o Junça de Morais, pois só tem tendência a impedir uma confusão social no seio da Humanidade e a evitar situações embaraçosas. Só assim gido, a não ser pela sua própria consciência.

Ao falar, já na segunda parte do seu artigo, de herança social o José Carlos suscita uma vez mais os meus reparos. Ela é mais uma consciência colectiva do que as expostas experiências do grupo, conhecimentos, técnica, trabalho e triunfos científicos. Não lhe aniquilo a ideia mas completo-a porque na consciência de um grupo estão incluidos todos os ideais sociais, morais, científicos, estéticos, etc., dele mesmo. Mas infelizmente não é possível transmitir unicamente o bom, o puro, porque as éticas variam de indivíduo para indivíduo e o que aquele entende por mau, aquele

SÓ PRODUÇÃO + SÓ COMUNICAÇÃO = RETROCESSO

O homem independente das suas características espirituais anula-se porque são essas mesmas particularidades que o humanizam. Daqui é-nos fácil concluir que qualquer possível processamento de progresso humano reside unica e exclusivamente não na sua parte sensível, mas na que transcende as nossas percepções.

Mais adiante pode encontrar-se a seguinte frase: — «A técnica está fora das chamadas inspirações». Imediatamente consegue-se provar o contrário. Inspiração está muito próximo de invenção e esta não se realiza sem aquela. Desde a descoberta da roda ao forno solar, da agulha ao pente se pode conceber o luto, a flor de laranjeira, etc., símbolos sociais destinados a evitar perguntas embaraçosas e situações equívocas.

No estado actual do progresso mecanico, o homem **já está inegàvelmente subordinado á máquina. Mas esta subordinação é bionivoca, quer dizer que estão independentes. Bastaria a máquina necessitar do homem para o subordinar, além de o limitar na realização do seu trabalho.**

Porém, a verdade mantém-se: o homem, intelectualmente, continua livre, tendo centenas de caminhos á sua frente, dos quais escolherá um sem a isso ser coagido ...

acha magnifico e também porque na educação ocasional não se escolhem nem mestres nem assunto. Que eu saiba, dificilmente **alguém conseguirá chegar á idade adulta sem lhe terem chegado aos ouvidos dissertações defeituosas sobre assuntos de natureza erótica, apesar dos seus educadores intencionais (família e professores) para tal não terem influido.**

Para terminar, só resta reafirmar que só a reflexão e o trabalho intelectual comunicativos podem levar a Humanidade a uma elevação e progresso nos pontos que a diferenciam de um rebanho de irracionais lanzudos e passivos...

PARTISTE

Por

MARIA DA LUZ VIDEIRA

(20 anos)

Partiste.
E nada vem agora
Encher o vácuo imenso
Que deixaste
No meu peito.

Presa dum sonho vão,
Procuro ainda reaver-te
Por um instante,
E estendo os braços
Na louca ilusão,
Na ânsia desmedida
De prender-te.

Mas tu estás longe,
Longe de mim...
E eu quedo-me, impotente,
Vencida pela dor
De saber-te distante!

Amigo n.º 1655

A CONVERSA DA SEMANA

1

Balanço da 1.ª sessão de cinema do «Juvenil»

Com um excelente programa, inteiramente escolhido pelos jovens amigos que dirigiram e promoveram esta nossa primeira actividade externa de 1959-60, a sessão de cinema realizada no sábado passado, na sala de espectáculos da Voz do Operário, decorreu de maneira a merecer todos os aplausos aos organizadores. Apenas uma coisa faltou para que o êxito fosse completo: uma frequência massiva. Tivemos mais publico do que nas sessões realizadas nos anos anteriores; mas o cinema agora escolhido é grande, comporta centenas de pessoas e torna-se indispensável que os nossos jovens amigos o encham por completo.

No próximo mês, por nos parecer melhor hora, a sessão começará ás 4 e meia (16 e 30). Até lá mandem-nos sugestões e preparem-se para nos dar todo o apoio.

2

Agradecemos...

«Agradecemos a todos os nossos amigos que tornaram possível a nossa primeira sessão de cinema: ao Machado da Luz, ao Armando Hasse Ferreira, ao José Carlos de Morais, ao Rui Barreto, ao José Moura Pimenta.

Agradecemos aos Cine-Clubes ABC Imagem e C. C. U. L. todo o seu auxílio, conselhos e o trabalho que nos dedicaram.

Agradecemos, finalmente, á embaixada do Canadá e á Esso Standard Oil a sua colaboração.

No n.º 128 os artigos com mais votos foram:

3

Artigos votados

Noite	198
D. Quixote	198
A juventude e a ciência ...	176
Impressões do filme «Diário de Anne Frank» ...	122
Os cavaleiros da Távola Redonda	122
Animais, esses desconhecidos	113
Cegonha Branca	110
Viagens aos montes longínquos	87
O que pensam os jovens do nosso País	54
Desenho de Filipe Martins	10

A Maria da Graça Simões da Silva e o Alberto Manuel do Rosário que leiam, na secção respectiva, os prémios que lhes couberam.